

REFLEXÕES
SOBRE
A VAIDADE
DOS HOMENS;
OU
DISCURSOS

MORAES SOBRE OS EFFEITOS DA VAIDADE,
POR MATHIAS AIRES RAMOS
DA SILVA DE EÇA.

Quarta Edição, correcṭa, emendada, e augmentada com huma Carta do mesmo Author sobre a Fortuna.

LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

1786.

Com Licença da Real Meza Censoria.

RPJCT

RECORDED

1968

DISCURSO *

DO EDITOR

Sobre a utilidade d'esta Obra.

A MAIS funesta paixaõ da noſſa alma , que ataca , e perturba a cabeça do homem , offusca o ſeu entendimento , inflammina o ſangue , e faz com que o homem fe esqueça do vil , e desprezivel nada de que foi formado , fe naô conheça , naô conheça aos feus iguaes , arrebata-o , e o precipita em maiores desatinoſ , he a desagradavel , medonha , inquieta , e peccaminosa Vaidade. O homem poſſuido de vaidade , nenhuma outra couſa faz do que enſoberbecer-se , e levar-se ao cume da mais defenſreada altevez , e preſumpçāo. Ambiciona tudo quanto vê n'os maiores. Julga-se superior aos outros. A todos depreza , moſa de todos. Naô ha defeitos por leves que fejaõ , que os naô pinte , e adereſſe com as mais terriveis , e eſpantofas cores de maldade. A meſma virtude , a Nobreza , e a ſcienza que vê reſplandecer n'os outros , faõ para elle ridicularias , nada , de que naô faz caſo. Só elle tudo pôde , ſe elle apetece tudo. Tristes mortaes , que eſtrago naô faz em vós esta mortifera , e contaminada ele-vaçāo ! Ainda haverá quem fe fie de taõ contagioſa

(*) He o mesmo que se acha na terceira Edição de
1778.

paixaõ? Ainda haverá quem siga os seus enganosos, e desassocegados encantes? E naõ ha quem te co-nheça, quem abata a vossa soberba, quem apague o voraz, e ateado fogo das perversas desordens a que arrojas o Vaidoso?

Todos os dias, a toda a hora, sempre achaõ os homens fortissimos exemplos do desassocego, da inquietação, e tristes, e melancolicas consequen-cias que acompanhaõ ao Vaidoso. Na verdade se os homens pensassem que os talentos, que as brilhan-tes qualidades com que a natureza pródigamente or-nou o seu espirito, a todos ou mais, ou menos fo-raõ concedidos; que estes á proporçaõ dos tra-balhos, dos frequentes exercicios, das avezadas appli-cações, do methodo, do gosto, do conhecimento proprio, e do amor dos Principes se aperfeiçoão, se aumentaõ: estou certo que a ninguem assomaria a cabeça a opiniaõ, ou o conceito de que elle era o melhor de todos. Todos se despreoccupa-riaõ da Vaidade.

Releva para que o homem evite este taõ ter-rivel defeito, que faça huma séria, e filosofica re-flexaõ sobre as cousas d'este mundo; as conheça como ellas saõ em si, móse dos seus ardilosos, e fantasticos appetites, tema os seus encantes. Porém debalde trabalharia o homem em querer arrancar de si hum habito que a má educaõ tem encanecido. Da educaõ nascem todas as boas, ou más ma-nhas. Esta só he capaz de poder crear em nós hum sólido, e permanente gosto, hum verdadeiro con-hecimento proprio. Que extravagantes, e mons-truofas idéas naõ carregaõ a cabeça d'aquelle que a

nobreza tem distincto do commun dos homens. Este devendo educar seus filhos , mostrando-lhes que a natureza he a mesina , que os homens saõ iguaes, que a estimacão he que faz com que elles estejaõ em maior , ou menor gráo : que as suas boas , ou más acções , a sua virtude , a generosidade , a humanidade , hum fallar benigno , e affavel , saõ os unicos caracteres que os podem affastar do vulgar , e elevallos ao cume da mais sólida grandeza : pelo contrario o que lhes introduz , saõ quimericas , e imaginaveis memorias de antigos Solares , presumپçao , soberba , orgulho ; desenterra carunchosos papeis , onde lhes mostra pintados os feitos dos antigos Progenitores de que procedem , naõ como acções uteis , e proveitosas á humanidade : porém como grandes , e diferentes d'as dos mais homens. Estas , saõ estas reflexões que o nutrem. Olha com desprezo para aquelle que começou depois. Finalmente a maior parte dos homens se endeodesaõ com as honras , com as dignidades , e com os mesmos talentos ; e estes em lugar de os tornarem melhores , os habituaõ peiores. Que triste , e feio espetáculo ! Quaõ miseravel he a condiçao dos homens ! Até quando se haõ de conhecer ?

Naõ se póde dizer d'elles o que Plinio louvou em Trajano , que *a fortuna nada havia mucado n'elle*. Quaõ admiravel sentença nos naõ dá aquelle famoso Príncipe da Lacedamonia , quando disse : *Que o elevado lugar em que estava o naõ honrava , mas elle ao lugar.* Estas saõ as verdadeiras idéas que devem ocupar o entendimento dos homens ; affastarem de si estas fantásmas que tanto os oppinem.

N'as

N'as feras só a grandeza , a força , a valentia tem lugar. N'os homens a humanidade , e amor dos seus iguaes. Naó só a Religiao pede isto , a politica tambem o pede.

Máxima certa ; nenhuma cousa n'este mundo de si he sólida , e permanente. Nenhuma cousa principiou n'o grão em que hoje a vemos : aquelle acceso , aquella estimaçao que os homens lhe daõ ; eis-aqui o que humilha , ou abate. Tudo o mais he quimera. Saõ estas pequenas exhalações que da terra se levantaõ , que vendo-se , amedrentaõ , e assustaõ , examinadas naõ he nada : subtis , e humildes vapores saõ os seus principios,

Mas hum abyfino chama por outro abyfino. Se se reprova hum vicio , outro surge. De boa vontade antes se soffreria aquelle que firma a sua Vaidade em algum principio , ainda que pouco sólido , ao menos apparente ; porém aquelle que só em fantasia sustenta toda a sua elevaçao , he digno de censura , he indigno da sociedade dos homens. Todos os membros da sociedade devem concorrer a unirem-se , a animarem-se , e a formarem-se uteis para que tudo lhes seja proveitoso. E como poderá ser util á sociedade , aquelle homem que presumido de sabio , nada lhe faz que lhe convenha , mófa dos seus iguaes , com huns poucos de titulos de Livros engastados na cabeça , repetindo algumas passagens que á noite estudou , fallando muito latim , ferindo com agudo , e damnado dente no mais vivo da honra dos outros , tudo satyriza , as mais interessantes doutrinas mascára com o ridiculo véo de pouco sólidas , e verdadeiras ; e quando se vê corri-

sido ; e envergonhado de ficar vêncido , blasfema taxando a quem o ataca com a infame nota de hereje. Querendo muitas vezes ficar antes atolado em ridiculas superstiçãoes , do que em aclarar a verdade. Tanto mal faz a Vaidade !

Outros cheios de vaidade de que já sabem tudo , antes querem ficar n'a cegueira com que principiaõ , do que se lhes diga ; que vieraõ outros depois que emendáraõ os seus erros , que conhecéraõ os caminhos trilhados por tantos Mestres insignes , e que por elles foraõ desprezados , e que em lugar de buscar a estrada limpa , e segura , procuráraõ serras talhadas a pique , e dependuradas , onde em lugar de encontrar o que lhes convinha , acharáõ confusaõ , principio , e a mesma morte. Nada escapa ao Vaidoso. Nos mesmos lugares sagrados , onde se deve ensinar a Moral sólida , e verdadeira ; aonde se naõ deve publicar mais do que a Religiao ; o Vaidoso ostenta tudo quanto sabe , passa a fallar desenfreadamente , muitas vezes ainda sobre interesses particulares , authoridades , jurisdicçoes , governos , escolas , systemas , pessoas ; finalmente fazem da cadeira da verdade hum campo de peleja , huima praça de negocio , erro que os Monarcas como summos Imperantes , cuja authoridade lhes proveio immediatamente de Deos , e nos seus Estados naõ conhecem outro algum superior , senão a Deos ; como Protectores da Igreja , e Defensores dos Canones devem atalhar , e emendar. E para que he esta desordem ? Por que causa se intrincheiraõ com este armamento ? Para terem o nome vaõ de Sábios , de Virtuosos , de Religiosos. Para illuditem ao Povo desapercebidos

bido com estas fantasmas. Taõ orgulhosa he a Vaidade !

Este terrivel contagio a todos inficiona. Naõ ha sexo , naõ ha condiçao , naõ ha idade , naõ ha dignidade , a quem naõ tóque este pestifero veneno. Mas que felices , e bem aventureados saõ aqueles que sahem sãos , e salvos de taõ tormentoso naufragio ? Que socego ? Que quietaçao naõ experimentaõ ? Só fallaõ para educarem. Escrevem só para utilidade. A pura , e liza verdade he o unico alvo a que dirigem todos os seus cuidados , e desvelos.

Mas este taõ encanecido , e tamanho mal , que traz a sua origem da educaçao , naõ he incurável. No principio todos os males se atalhaõ , e a mesma morte se desterra ; porém se se deixaõ inveterar , e introduzir n'os corpos , nem o mesmo fogo , e ferro (que ás vezes he remedio) lhes serve , o fim só he a inorte. Os pequenos castigos dados n'os principios fazem com que os réos mudem de vida , porém se os Magistrados naõ olhaõ para elles , e os deixaõ correr seu curso , ao depois só a força expia estas culpas , privaõ-se homens do serviço da República , que lhe poderiaõ ser uteis. Assim n'o principio se remedeaõ todos os males , e se pôdem de males tornar em bens. E como este vicio a todos acompanha , he preciso que haja remedio que todos os dias possaõ tomar , e considerar.

Sabiamente , Mathias Aires Romos da Silva de Eça , Author deltas *Reflexões* , as compoz , onde intentou arrancar vicios arraigados com annos ,
con-

confirmados com posse , efeitos quasi naturaes como costume. N'esta Obra tudo concorre a aperfeiçoar , e a pulir os homens ; n'ella acharão todos hum sal que os preserve da corrupçao do mundo ; hum antidoto contra o veneno da vaidade. A importancia da Obra não a devo louvar , para que se não presuma que a elogio para ter gasto ; quem lê com sério cuidado , achará que foi bem justa , e necessaria a idéa que tive de a reimprimir , tiralla do escuro esquecimento em que jazia , e de quanta utilidade he para os homens. Mal continuado , necessita continuado remedio.

Os Pais de Familias devem pensar sériamente n'estas Reflexões para evitarem os defeitos que ellas censuraõ , e para introduzirem estas maximas em seus filhos , para que juntamente com o leite bebaõ tão sólidas doutrinas. O nome do Author he assaz conhecido na República das Letras. Esta não he das mais famosas Obras que elle compoz , noticia temos de outras , cuja falta nos faz saudade ; porém o tempo que tudo estraga , ou as consumio , ou quem as tem , nos quer roubar estes tão importantes monumentos , e juntamente quer tirar a gloria ao Author que se adora pelo grande nome que teve , e tem. Não querendo pois que a esta succeesse o mesmo , a quiz publicar. Creio que a sua liçaõ será agradavel , e accepta pela fraze , pela modestia , pela verdade , e sciencia com que está escrita : servirá de utilidade aos homens , ou desaburrá , e emendará os costumes ; fará abraçar a verdade , e creará n'os seus animos hum aborrecimento ao mundo , aos seus appetites.

Estas saõ aquellas obras que devem andar nas mãos de todos ; porque n'estas achaõ com que se aperfeiçoem ; naõ introduzem idéas extravagantes , nem quimericas ; naõ fomentaõ superstições , e fantasmas. Hum sabio Governo (como o nosso) deve ter summo cuidado em que ainda o mesmo Povo lêia por Livros em que os homens se pulem , naõ por aquelles que lhes embotem os sentidos , que lhes enchaõ a cabeça de imensas Superstições , de doutrinas subtis , corruptas , e extravagantes ; n'as quaes a verdade está mascarada , envolta em superfluidade , e ennovelada com tantas difficuldades , e systemas , que passaõ até fazer a nossa Religiao pezada , e insopportavel , quando ella he bem suave , e brilhante , como diz sabiamente Cicero que convém ao Sabio affastar a superstição da Religiao.

Todo aquelle Livro que trata de Religiao , e estiver affastado da verdade , da moral , e do sólido , e que naõ siga a primitiva Igreja , a Tradiçao , os Padres , a Escritura , e os verdadeiros Canones dos Concilios , e sómente estiver recheado de opiniões aerias , subtilezas , subterfugios , deve ser condenado a hum total desterro , e esquecimento. N'os outros deve-se buscar a verdade , a origem das cousas , a critica , finalmente de qualquer qualidade que sejaõ , devem ter por baliza a verdade. O corpo dos Sabios da República naõ deve soffrer assumptos que naõ sejaõ proveitosos. Este he o desejo que tenho com as minhas Reimpresões , naõ he a vaidade , ou a ambição , que me conduz , he o amor de ser util aos Portuguezes , de quem estou quasi compatriota.

PROLOGO DO AUTHOR.

EU que disse mal das Vaidades , vim a cahir n'a de ser Autlhor : verdade he que a maior parte d'estas *Reflexões* escrevi sem ter o pensamento n'aquelle vaidade ; houve quem a fuscitou , mas confesso que consenti sem repugnacia , e depois quando quiz retroceder , naõ era tempo , nem pude conseguir o ser Anonimo. Foi preciso pôr o meu nome n'este Livro , e assim fiquei sem poder negar a minha vaidade. A confissão da culpa costuma fazer menor a pena.

Naõ he só n'esta parte em que sou reprehensivel : he pequeno este volume , mas pôde servir de campo largo a huma censura dilatada. Huns haõ de dizer que o estilo oratorio , e cheio de figuras , era improprio na materia ; outros haõ de achar que as descripções , com que ás vezes me affasto do sujeito , eraõ naturaes em verso , e naõ em prosa ; outros dirão que os conceitos naõ saõ justos , e que alguns já foraõ ditos ; finalmente outros haõ de reparar que affeçtei n'as expressões alguns termos desusados , e estrangeiros. Bem sei que contra o que eu disse , ha muito que dizer ; mas he tão natural n'os homens a defeza , que naõ posso passar sem advertir , que se os conceitos n'este Livro naõ saõ justos , he porque em certo genero de discursos,

fos , estes naõ se devem tomar rigorosamente pelo que as palavras soão , nem em toda a extensaõ , ou significaçao d'ellas. Se os mesmos conceitos se achaõ ditos , que haverá que nunca o fosse ? E além d'isto os priueiros principios , ou as primeiras verdades , saõ de todos , nem pertenceim mais a quem as disse antes , do que á aquelles que as differaõ depois. Se o estilo he improprio , tambem pôde ponderar-se que n'o modo de escrever , ás vezes se encontraõ humas taes imperfeições , que tem naõ sei que gala , e brio : a observancia das regras nem sempre he próva da bondade do Livro , muitos escreverão exactamente , e segundo os preceitos da arte , mas nem por isso o que differaõ foi mais seguido , ou approvado : a arte leva consigo huina especie de rudeza , a formosura attrahe só por si , e naõ pela sua regularidade , d'esta sabe affastar-se a natureza , e entaõ he que se esforça , e produz couças admiraveis ; do fugir das proporções , e das medidas , resulta muitas vezes huma fantasia tosca , e impolida , mas brillante , e forte. Nada d'isto presumo se ache aqui : o que disse , foi para mostrar , que ainda em hum estilo improprio se pôde achar alguma propriedade feliz , e agradavel.

Escrevi das Vaidades , mais para instrucção minha , que para doutrina dos outros , mais para distinguir as minhas paixões , que para que os outros distingao as suas : por isso quiz de alguma sorte pintar as Vaidades com cores lisonjeiras , e que as fizessem menos horríveis , e sombrias , e por consequencia menos fugitivas da minha lembrança , e do meu conhecimento. Mas se ainda assim fiz mal em

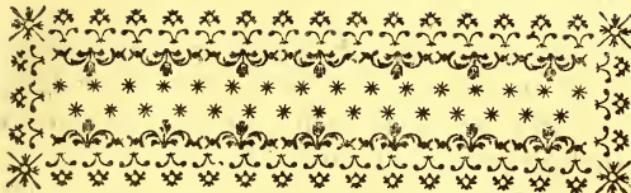
em formar das minhas *Reflexões* hum Livro , já me naõ posso emendar por esta vez , senão com prometter , que naõ hei de fazer outro ; e esta promessa entro a cumprir já , porque em virtude d'ella ficaõ desde logo supprimidas as *Traducções de Quinto Curcio* , e de *Lucano* . As accções de Alexandre , e Cesar , que estavaõ brevemente para sahir á luz no idioma Portuguez , ficaõ reservadas para serem obras posthumas , e talvez que entaõ sejaõ bem aceitas ; porque os erros facilmente se desculpaõ em favor de hum morto : se bem que pouco vale hum Livro : quando para merecer algum suffragio , necessita que primeiro morra o seu Author ; e com efeito he certo que entaõ o applauso naõ procede de justiça , mas vein por compaixaõ , e lastima.

Naõ me obrigo porém a que (vivendo quasi retirado) deixe de ocupar o tempo em escrever em outra lingua ; e ainda que a vulgar he hum thefouro , que contem riqueza immensa para quem se soubesse servir d'ella , com tudo naõ sei que fatalidades me tem feito olhar com susto , e desagrado para tudo quanto nasceo comigo : além d'isto , as letras parece que tem mais fortuna , quando estaõ separadas do lugar em que nasceraõ ; a mudança da linguagem he como huma arvore que se transplanta , naõ só para fructificar melhor , mas tambem para ter abrigo .

Vale.

Vanitas vanitatum , & omnia vanitas . Eccl. cap. 1 . verso 2 .

RE-



REFLEXÕES

Sobre a Vaidade dos homens.

SENDO o termo da vida limitado , naõ tem limite a nossa vaidade ; porque dura mais , do que nós mesmos , e se introduz n'os apparatus ultimos da morte. Que maior prova , do que a fabrica de hum elevado mausoleo ? N'o silencio de huma urna depositaõ os homens as suas memorias , para com a fé dos marmores fazerem seus nomes immortaes ; querem que a sumptuosidade do tumulo sirva de inspirar veneraçao , como se fossem reliquias as suas cinzas , e que corra por conta dos jaspes a continuaçaõ do respeito. Que frívolo cuidado ! Esse triste resto d'aquillo , que foi homem , já parece hum ídolo collocado em hum breve , mas soberbo domicilio , que a vaidade edificou para habitaçao de hu-

huma cinza fria , e d'esta declara a inscripçāo o nome , e a grandeza. A vaidade até se extende a enriquecer de adornos o mesmo pobre horror da sepultura.

Vivemos com vaidade , e com vaidade morremos ; arrancando os ultimos suspiros , estamos dispondo a nossa pompa fúnebre , como se em hora taõ fatal o morrer não bastasse para occupaçāo : n'essa hora , em que estamos para deixar o mundo , ou em que o mundo está para nos deixar , entramos a compor , e a ordenar o nosso acompanhamento , e assistencia funeral ; e com vangloria anticipada nos pomos a antever aquella ceremonia , a que chamaõ as Nações ultimas honras , devendo antes chamar as vaidades ultimas. Queremos , que em cada hum de nós se entregue á terra com solemnidade , e fausto , outra infeliz porçaõ de terra : tributo inexoravel ! A vaidade n'o meio da agonia nos faz saborear a ostentaçāo de hum luxo , que nos he posterior , e nos faz sensiveis ás attenções , que haõ de dirigir-se á nossa insensibilidade. Transportamos para o tempo da vida aquela vaidade , de que naõ podemos ser capazes depois da morte : n'isto he piedosamente com-

comnosco a vaidade: porque em instantes cheios de dor , e de amargura , naõ nos desampara ; antes n'as disposições de huma pompa funebre , dá ao nosso cuidado huma applicaçao , ainda que triste , e faz com que divertido , e empregado o nosso pensamento chegue a contemplar vistosa a nossa mesma morte , e luzida a nossa mesma sombra.

De todas as paixões , a que mais se esconde , he a vaidade ; e se esconde de tal sorte , que a si mesma se occulta , e ignora : ainda as acções mais pias nascem muitas vezes de huma vaidade mystica , que quem a tem , naõ a conhece , nem distingue : a satisfaçao propria , que a alma recebe , he como hum espelho em que nos vemos superiores aos mais homens pelo bem que obramos , e n'isto consiste a vaidade de obrar bem.

Naõ ha maior injuria , que o desprezo ; e he porque o desprezo todo se dirige , e offende a vaidade : por isto a perda da honra afflige mais que a da fortuna ; naõ porque esta deixe de ter hum objecto mais certo , e mais visivel , mas porque aquella toda se compõe de vaidade , que he em

nós a parte mais sensivel. Poucas vezes se expõe a honra por amor da vida, e quasi sempre se sacrificia a vida por amor da honra. Com a honra, que adquire, se consola o que perde a vida; porém o que perde a honra, naõ lhe serve de alivio a vida, que conserva: como se os homens mais nascessem para terem honra, que para temer vida, ou fossem formados menos para existirem n'o ser, que para durarem n'a vaidade. Justo fora, que amasssem com excesso a honra, se esta naõ fosse quasi sempre hum desvarío, que se sustenta da estimaçao dos homens, e só vive da opiniao d'elles.

O naõ fazer caso do que he vaõ, tambem pôde nascer de huma excessiva vaidade, e a este grão de vaidade naõ chega aquella, que he mediocre, e ordinaria; e d'esta sorte o excesso n'a virtude vem a produzir a apparencia de huma virtude, que he a de naõ ser vaidoso: e com effeito assim como o excesso n'a virtude parece vicio, tambem o excesso n'o vicio vem de algum modo a parecer virtude. N'a maior parte dos homens se achaõ os mesmos generos de vaidade, e quasi todos se des-

desvanecem dos mesmos accidentes , de que estao , ou se imaginao revestidos: porém alguns ha , em quem a vaidade he misteriosa , e exquisita ; porque consiste em desprezar a mesma vaidade , e em não fazer caso dos motivos , em que se funda a vaidade dos outros.

Trazem os homens entre si huma continua guerra de vaidade ; e conhecendo todos a vaidade alheia , nenhum conhece a sua : a vaidade he como hum instrumento , que tira dos nossos olhos os defeitos proprios , e faz com que apenas os vejamos em huma distancia immensa ; ao mesmo tempo que o expoem á nosſa vista os defeitos dos outros ainda mais perto , e maiores do que ſão. A noſſa vaidade he a que nos faz ser insopportavel a vaidade dos mais ; por iſſo quem naõ tivesse vaidade , naõ lhe importaria nunca , que os outros a tivessem.

Todas as paixões tem hum tempo certo em que comecaõ , e em que acabaõ : algumas saõ incompatíveis entre si , por isso para nascerem humas he preciso , que acabem outras. O odio , e o amor nascem comosco , e muitas vezes se encontrão em hum mesmo coração , e a respeito do

mesmo objecto. "A liberalidade , a ambi-
çaõ , e a avareza , saõ ordinariamente in-
compatíveis ; manifestaõ-se em certa idade ,
ou ao menos entaõ adquirem maior força.
Naõ sei se diga , que as paixões saõ humas
especies de viventes , que demoraõ em nós ,
cuja vida , e existencia , semelhante á nos-
sa , tambem tem hum tempo certo , e li-
mitado ; e assim vivem , e acabaõ em nós ;
da mesma sorte que nós vivemos n'o mun-
do , e acabamos n'elle. Com todas as paixões
se une a vaidade ; a muitas servem de ori-
gem principal ; nasce com todas ellas , e
he a ultima que acaba : a mesma humilda-
de , com ser huma virtude opposta , tam-
bem costuma nascer de vaidade ; e com ef-
feito saõ menos os humildes por virtude ,
do que os humildes por vaidade ; e ainda
dos que saõ verdadeiramente humildes , he
raro o que he insensivel ao respeito , e ao
desprezo , e n'isto se vê , que a vaidade
exercita o seu poder , ainda d'onde parece ,
que o naõ tem.

A vaidade por ser causa de alguns ma-
les , naõ deixa de ser principio de alguns
bens : das virtudes méramente humanas ,
poucas se haviaõ de achar n'os homens , se
n'os

n'os homens naõ houvesse vaidade: naõ só seriaõ raras as acções de valor, de generosidade, e de constancia, mas ainda estes termos, ou palavras seriaõ como barbas, e ignoradas totalmente. Digamos, que a vaidade as inventou. O ser inflexivel he ser constante; o desprezar a vida he ter valor: saõ virtudes, que a natureza desapprova, e que a vaidade canonisa. A aleivosia, a ingratidão, e deslealdade, saõ vicios notados de vileza, por isso d'elles nos defende a vaidade; porque esta abomina tudo quanto he vil. Assim se vê, que ha vicios, de que a vaidade nos preserva, e que ha virtudes, que a mesma vaidade nos ensina.

Mas se he certo, que a vaidade he vicio, parece difícil o haver virtude, que proceda d'elle; porém naõ he difícil, quando ponderarmos, que ha effeitos contrarios ás suas causas. Quantas dores ha, que se formaõ do gosto, e quantos gostos, que resultaõ da dor! Essa infinita vaidade dos objectos tem a mesma causa por origem: as diferentes producções, que vemos, todas se compoem dos mesmos principios, e se formaõ com os mesmos instrumentos. Al-

gumas cousas degeneraõ á proporçaõ , que se affastaõ do seu primeiro ser ; outras se dignificaõ , e quasi todas vaõ mudando de fórmá á medida , que vaõ ficando distantes de si mesmas. As aguas de huma fonte a cada passo mudaõ , porque a penas deixaõ a brenha , ou rocha d'onde nascem , quando em huma parte ficaõ sendo limo , em outra flor , e em outra diamante. Que outra coufa mais he a natureza , do que huma perpetua , e singular metamorfosis ?

A vaidade parece-se muito com o amor proprio , se he que naõ he o mesmo ; e se saõ paixões diversas , sempre he certo ; que ou a vaidade procede do amor proprio , ou este he effeito da vaidade. Nasceo o homem para viver em huma continua approvaçaõ de si mesino , as outras paixões nos desemparaõ em hum certo tempo , e só nos acompanhaõ em lugares certos ; a vaidade em todo o tempo , e em todo o lugar nos acompanha , e segue , naõ só n'as Cidades , mas tambem n'os desertos , naõ só n'a primavera dos annos , mas em toda a vida , naõ só n'o estado da fortuna , mas ainda n'o tempo da desgraça : paixaõ fiel , constante companhia , e permanente amor.

Na-

Nada contribue tanto para a sociedade dos homens, como a mesma vaidade d'elles: os Imperios, e Republicas, naõ tiverão outra origem, ou ao menos naõ tiverão outro principio, em que mais seguramente se fundassem: n'a repartição da terra, naõ só fizéraõ ajuntar os homens os mesmos generos de interesses, mas tambem os mesmos generos de vaidades, e n'isto se vê dous effeitos contrarios; porque sendo proprio n'a vaidade o separar os homens, tambem serve muitas vezes de os unir. Ha vaidades, que saõ universaes, e comprehendem Villas, Cidades, e Nações inteiras: as outras saõ particulares, e proprias a cada hum de nós; das primeiras resulta a sociedade, das segundas a divisão.

Dizem, que gostos, e desgostos naõ saõ mais que imaginação; porém melhor fora dizer, que gostos, e desgostos naõ saõ mais do que vaidades. Fazemos consistir o nosso bem n'o modo, com que os homens olhaõ para nós, e n'o modo com que falhaõ em nós, assim até nos fazemos dependentes das accções, e dos pensamentos dos mais homens, quando cremos, que elles nos attendem, e consideraõ esta imaginação,

çaõ , que lisongea a vaidade , precisamente nos dá gosto : se por alguma causa imaginamos o contrario , a mesma imaginaçao nos perturba , e inquieta. Naõ ha gosto , nem desgosto grande n'aquillo , em que a imaginaçao naõ tem a maior parte , e a vaidade empenho.

A vaidade diminue em nós algumas penas ; porém angmenta aquellas , que nascem da mesma vaidade : a estas nem o esquecimento cura , nem o tempo ; porque tudo o que offende a vaidade , fica sendo inseparavel da nossa memoria , e da nossa dor. Entre os males da natureza , alguns ha que tem remedio ; porém os que tem a vaidade por origem , saõ incuraveis quasi todos : e verdadeiramente como ha de acabar a pena , quando a lembrança da offensa basta para fazer , que dure em nós a afflicçao ? Ou como pôde cessar a magoa , senão cessa a vaidade , que a produz ? Alguns sentimentos ha , que se incorporaõ , e unem de tal sorte a nós , que vem a ficar sendo huma parte de nós mesmos.

A imaginaçao desperta , e dá movimento á vaidade ; por isso esta naõ he paixao do corpo , mas da alma ; naõ he viciada

da vontade , mas do entendimento , pois depende do discurso. D'aqui vem , que a mais forte , e a mais vã de todas as vaidades , he a que resulta do saber ; porque n'o homem naõ ha pensamentos , que mais o agrade , do que aquelle , que o representa superior aos mais , e superior n'o entendimento , que he n'elle a parte mais sublime. A sciencia humana o mais a que se extende , he ao conhecimento , de que nada se sabe : he saber o saber ignorar , e assim vem a sciencia a fazer vaidade da ignorancia.

Bem se pôde dizer , que o juizo he o mesmo que entendimento , porém he hum entendimento sólido ; por isso pôde haver entendimento sem juizo , mas naõ juizo sem entendimento : o ter muito entendimento ás vezes prejudica , o ter muito juizo sempre he util : o entendimento he a parte que discorre , porém pôde discorrer mal : o juizo he a mesma parte que discorre , quando discorre bem : o entendimento pensa , o juizo tambem obra : por isso n'as acções de hum homeim conhecemos o seu juizo , e n'o discurso lhe vemos o entendimento : o juizo duvida antes que resolva , o entendimento resolve primeiro que duvide ;

de ; por isso este se engana pela facilidade , com que decide , e aquelle acerta pelo vagar , com que pondera. Ordinariamente falamos n'o juizo , e naõ n'o entendimento de Deos , e deve ser pela impressão , que temos , de que o juizo he menos sujeito ao erro , que em Deos he impossivel : com toda esta vantagem , que achamos n'o juizo , pouco nos desvanece o ter juizo , e muito nos lisongea o ter entendimento. Consideramos o juizo como cousa popular , ou sómente como huma especie de prudencia , sendo aliás cousa mui rara ; e olhamos para o entendimento como cousa mais alta , e em que reside a qualidade da agudeza ; e assim mais nos agrada o discorrermos subtilmente , do que o discorrermos com acerto , e ainda fazemos vaidade de voltar de tal forte as cousas , que fiquem parecendo o que claramente se sabe , que naõ saõ. O engano vestido de eloquencia , e arte , attrahe , e a verdade mal polida nunca persuade. Fazemos vaidade de errar com subtileza , e temos pejo de acertar rusticamente.

Todos fazem vaidade de ter malicia ; nem ha quem diga , que a naõ tem , antes

tes he defeito , que reconhecemos com gosto , e confessamos sem repugnancia : a razão he , porque a malicia consiste em penetraçao , por isso naõ nos defendemos de hum defeito , que indica o termos entendimento. A vaidade faz , que naõ ha cousa , que naõ sacrificemos ao desejo de parecer entendidos , ainda que seja á custa de hum vicio , ou de huma culpa. Quando nos queremos dar por huma bondade sem exemplo , dizemos , que naõ temos malicia alguma : porém este pensamento naõ dura muito em nós ; porque a vaidade nos obriga a querermos antes parecer máos com entendimento , do que bons sem elle : verdadeiramente a falta de malicia he falta de entendimento ; porque malicia propriamente he aquella intelligencia , ou acto , que prevê o mal , ou o medita ; por isso he diferente o ter malicia , e o ser malicioso : tem malicia quem descobre o mal para o evitar : he malicioso quem o antevê para o exercer : a malicia he huma especie de arte natural , que se compõe de combinações , e consequencias , e n'este sentido a malicia he huma virtude politica. As mais das coucas tem muitos modos , em que podem ser
con-

consideradas ; por isso a mesma cousa pôde ser pequena , e grande ; pôde ser má , e tambem boa ; pôde ser injusta , e justa : a vaidade porém sempre se appropria o modo, ou o sentido , em que a cousa em nós fica sendo superior , e admiravel.

A razão não nos fortalece contra os males, que resultaõ da vaidade, antes nos expõe a toda a actividade d'elles ; porque induzida pela mesma vaidade só nos mostra , que devemos sentir , sem discorrer sobre a qualidate do sentimento. N'o principio dos nossos desgostos , a razão não serve para diminuilllos , para exasperallos sim ; porque como em nós tudo he vaidade, tambem a nossa razão não he outra cousa mais do que a vaidade sente , e quando vimos a sentir menos , he por cançados , e não por advertidos. D'aqui vem , que as mais das vezes devemos os nossos acertos menos á vontade , do que á nossa fraqueza ; devemos a nossa moderação menos ao discurso , do que á nossa propria debilidade. Deixamos o sentimento por cançados de padecer. A duração do mal , que nos abate , nos cura.

Ha

Ha occasiões , em que contraímos a obrigaçāo commosco , de naõ admittirmos alivio n'as nossas magoas , e nos armamos de rigor , e de aspereza contra tudo o que pôde consolarnos , como querendo , que a constancia n'a pena nos justifique , e sirva de mostrar a injustiça da fortuna : parece-nos , que o ser firme a nossa dor , he prova de ser justa : esta idéa nos inspira a vaidade , menos cuidadosa n'o socego do nosso animo , do que attenta em procurar a estimaçāo dos homens. Huma grande pena admira-se , e respeita-se : he o que basta para que a vaidade nos faça persistir n'o sentimento.

Os retiros , e as solidões nem sempre saõ effeitos do desengano , as mais das vezes saõ delirios de hum sentimento vaõ , ou furores , em que brota a vaidade : entaõ nos move o fim occulto de quereremos , que a demonstraçāo da dor nos faça recommendaveis : fazemos vaidade de tudo quanto he grande: a mesma pena quando he excessiva , nos lisongea ; porque nos promette a admiraçāo do mundo.

Buscamos a Deos quando o mundo nos naõ busca ; se alguma offensa nos irrita , deixamos a sociedade , naõ por arrependidos ,

dos, mas por queixosos, e menos por amar a Deos, que por aborrecer os homens. A vaidade nos inspira aquele modo de vingança, e parece com efeito, que o deixar o mundo he desprezallo. Assim será; mas quem deseja vingar-se ainda ama, e quem se mostra offendido ainda quer. Amamos o mundo, e as suas vaidades; porque o amor das cousas vãs he em nós quasi inseparavel. O mundo, e a vida tudo he o mesmo; e quem ha que sem loucura deixe de amar a vida! Tudo n'o mundo he vaõ, por isso a vaidade he a que move os nossos passos: para d'onde quer, que vamos, a vaidade nos leva, e himos por vaidade. Mudamos de lugar, mas naõ mudamos de mundo.

A mesma vaidade, que nos separa do comercio dos homens, para sepultarnos n'a solidão de hum Claustro, vem depois a conservarnos n'elle, e por hum mesmo principio nos conduz, e nos faz permanecer sempre n'o retiro. Fazem os homens ludibrio da mudança da vontade, por isso muitas vezes somos firmes só por evitar o desprezo, vindo a parecer persistencia n'a vocaçao, o que só he constancia n'a vaidade. Vivemos temerosos, de que as nossas acções se reputem

co-

como effeitos da nossa variedade : queremos mudar , mas tememos o parecer varios ; e assim a constancia n'a virtude naõ a devemos á vontade , mas ao receio ; naõ a conservamos por gosto , mas por vaidade : e este assim como nos faz constantes n'a virtude , tambem outras vezes nos faz constantes n'a culpa.

Ha varios termos n'o progresso da nossa vaidade : este n'o primeiro estado da innocencia vive em nós como occulta , e escondida : o tempo faz que ella se move , e se dilate : semelhantes ás aves , que nascem todas sem pennas , ainda que todas em si trazem a materia d'ellas. A nossa alma está disposta para receber , e concentrar em si as impressões da vaidade ; e esta , que insensivelmente se fórmá , do que vemos , do que ouvimos , e ainda do que imaginamos ; quando cresce em nós , he imperceptivel , da mesma sorte , que cresce imperceptivelmente a luz , e que apenas se distingue a elevaçao das aguas. Nascemos sem vaidade ; porque nascemos sem uso de razaõ , nem de discurso : quem diffira , que aquillo , que nos devia defender do mal , he o mesmo que nos conduz a elle , e nos precipita !

To-

Todas as paixões daõ comnosco passos iguaes n'õ caminho da vida : logo que vimos ao mundo , começamos a ter odio , ou amor , tristeza , ou alegria : só a vaidade vem depois , mas dura sempre , e quando se manifesta , he tambem quando em nós começa a apparecer o entendimento ; por isso a emenda da vaidade he taõ difícil , porque he erro , em que o entendimento tem parte de algum modo.

O homem de huma mediocre vaidade he incapaz de premeditar emprezas , nem de formar projectos : tudo n'elle he sem calor : a sua mesma vida he huma especie de lethargo: tudo o que procura he com passos vagarosos , cobardes , e descuidados ; porque a vaidade he em nós como hum espirito dobrado , que nos anima ; por isso o homem , em que a vaidade naõ domina he timido , e sempre cercado de duvida , e de receio : a vaidade logo traz consigo o desembaraço , a confiança , o arrojo , e a certeza . Presume muito de si quem tem a vaidade ; por isso he confiado : naõ presume de si nada quem naõ tem vaidade , por isso he timido . A vaidade nos faz parecer , que merecemos tudo , por isso emprendemos ,

e conseguimos ás vezes : a falta de vaidade nos faz parecer, que naõ merecemos nada, por isso nem buscamos, nem pedimos. Esse extremo he raro, o outro he mui comum, daquelle se compõe o mundo, d'este o Ceo.

A diferença, e desigualdade dos homens he huma das partes, em que se estabelece a sociedade, por isso esta se funda em principios de vaidade ; porque só a vaidade sabe corporificar idéas, e fazer diferente, e desigual o que he composto por hum mesmo modo, e organizado de huma mesma fórmā. Os homens mais vaidosos saõ os mais proprios para a sociedade : aquelles que por temperamento, por razão, ou por virtude se fazem menos sensiveis aos impulsos da vaidade, saõ os que pela sua parte contribuem menos n'a communicaçāo dos homens : ocupados em huma vida molle, isenta, e sem acção, só buscaõ n'o descânço a fortuna sólida, e desprezaõ as imagens de que se compõe a vaidade da vida civil.

A desordem dos homens parece que he precisa para a conservaçāo da sociedade entre elles : he preciso com efeito, que sejamos loucos, e que deixemos muitas ve-

zes a realidade das cousas , só por seguir à apparencia , e vaidade d'ellas. Que maior loucura , que a que nos expõe a perder a vida n'a expectaçāo de podermos servir de objecto ao vaidoso ruido da fama ? Que maior delirio , que sacrificarnos o descânço ao desejo de sermos admirados ? Que desvario maior , que o fazer idolo da reputaçāo , fazendo nos por essa causa dependentes , naõ só das acções dos homens , mas tambem das suas opiniões ; naõ só das suas obras ; mas tambem dos seus conceitos ?

A vaidade nos ensina , que as acções heroicas se fazem immortaes por meio das narrações da Historia; porém mal pôdem caber n'a lembrança dos homens todos os grandes successos , de que se compõe a variedade do mundo : ainda o mesmo pensamento tem limite , por mais que nos pareça imensa a sua esfera. Naõ ha Historia , que verdadeiramente seja universal : quantos Achilles terão havido , cujas noticias se acabaram , só porque naõ tiveram Homeros , que as fizessem durar hum certo tempo , e isto por meio do encanto de hum Poema ilustre ? Quantos Eneas sem Virgilius ? Quantos Alexandres sem Quintos Curcios ?

N'a

N'a infancia do mundo começaraõ logo a haver combates , por isso as victorias sempre foraõ de todas as idades ; porém esses mesmos combates se desfaziaõ huns a outros ; porque a fortuna do vencer sempre foi varia , e inconstante. As noticias das victorias tambem se vinhaõ a extinguir humas pelas outras. Se quizermos remontar ao tempo que passou , a poucos passos have mos de encontrar a Fabula , coberta de hum véo escuro , e impenetravel : tudo quanto aquelle tempo encerra nos he desconheci do totalmente. Os primeiros homens , que á força do fogo , e sangue se fizeraõ arbitros da terra , n'os mesmos fundamentos das suas conquistas deixaraõ sepultadas as suas acções : o valor com que poderaõ perpetuar n'os seus descendentes o poder , e a mage stade , naõ lhes pôde perpetuar o nome : das maiores Monarquias ainda se ignora quem forao seus primeiros fundadores.

Que saõ os homens mais do que appa renncias de theatro ? Tudo n'elles he repre sentaõ , que a vaidade guia : a fatal revo luçao do tempo , e o seu curso rápido , que cousa nenhuma pára , nem suspende , tudo arrasta , e tudo leva consigo ao profundo

de huma Eternidade. N'este abysmo, onde tudo entra, e nada sahe, se vaõ precipitar todos os successos, e com elles todos os Imperios. Os nossos antepassados já vieraõ, e já foraõ; e nós d'aqui a pouco vamos ser tambem antepassados dos que haõ de vir. As idades se renovaõ, a figura do mundo sempre muda, os vivos, e os mortos continuamente se succedem, nada fica, tudo se usa, tudo acaba. Só Deos he sempre o mesmo, os seus annos naõ tem fim, a torrente das idades, e dos seculos corre diante dos seus olhos, e elle vê a vaidade dos mortaes, que ainda quando vaõ passando o insultaõ, e se servem d'esse mesmo instante, em que passaõ para o offenderem. Miseraveis homens, genero infeliz, que n'esse momento, que lhes dura a vida, preparaõ a sua mesma reprovaõ; e que tendo vaidade, que lhes faz parecer, que tudo meditaõ, que tudo sabem, e que tudo preven, só a naõ tem para anteverem as vinganças de hum Deos irado, e que com o seu mesmo sofrimento, e silencio, clama, ameaça, julga, condenma.

Acabaõ os Heróes, e tambem acabaõ as memorias das suas accções; aniquilaõ-se

os

os bronzes , em que se gravaõ os combates ; corrompem-se os marmores , em que se esculpem os triunfos ; e a pezar dos milagres da estampa , tambem se desvanecem as cadencias da prosa , em que se descrevem as emprezas , e se dissipao as harmonias do verso , em que se depositaõ as victorias : tudo cede á voracidade cruel do tempo. Acabaõ-se as tradigões muito antes que acabe o mundo ; porque a ordeim dos successos naõ se inclue n'a fabrica do Universo ; he cousa exterior , e indiferente. Os monumentos , que fazem da Historia a melhor parte , e a mais visivel , naõ só se estragaõ , mas desaparecem , e de tal sorte , que nem vestigios deixaõ por onde ao menos lhes recordemos as ruinas. Naõ tem mais duraçao as cinzas dos Heróes ; porque as mesmas urnas , que as escondem , se desfazem , e os mesmos epitafios , por mais que sejaõ profundos os carácteres , insensivelmente vaõ fugindo dos nossos olhos , até que se apagaõ totalmente. Ainda as cousas inanimadas , parece que tem hum tempo certo de vida : as pedras de que se formaõ os padrões , vaõ perdendo a uniao das suas partes , em que consiste a sua dureza , até que vem a

re-

reduzir-se ao principio commum de tudo :
terra, e pó.

Por isso he loucura sacrificar a vida por eternisar o nome ; porque dos mesmos Heróes tambem morre o nome , e a gloria : a diferença he , que a vida dos Vaiões ilustres compõe-se de annos , como n'os mais homens , e a vida das suas acções compõe-se de seculos : porém estes acabaõ , e tudo o que se encerra n'elles , vem a entrar finalmente n'o cáos do esquecimento. Tudo n'o mundo saõ sombras , que passaõ ; as que saõ maiores , e mais agigantadas , durão mais horas , mas tambem se extinguem , e do mesmo modo , que aquellas , que apenas tiverão de existencia alguns instantes. O desejo nos finge mil objectos immortaes , e entre elles a fama he a que mais nos inclina a vaidade ; sendo que o mesmo ar , que lhe dilata os eccos , lhe confunde , e apaga a voz. N'as cousas he transito o que nos parece permanencia : a diversidade , que vemos n'a duração d'ellas , he porque humas gastão mais tempo em acabar que outras ; de sorte que propriamente só podemos dizer , que as cousas estaõ acabando , e naõ que estaõ sendo.

Po-

Porém d'estes mesmos delirios resulta,
e depende a sociedade; porque a vaidade de
adquirir fama infunde aquelle valor n'os ho-
mens , que quasi chega a transformallos em
muralhas para defesa das Cidades , e dos
Reinos : a vaidade de serem atiendidos os
reduz á trabalhosa occupaçāo de indagarem
os segredos da Divindade , o gyro dos ast-
ros , e os mysterios da natureza : a vaidade
de serem leaes os faz obedientes: a vaidade
de serem amados os faz benignos : e final-
mente a vaidade , ou amor da reputaçāo os
faz virtuosos. D'aqui vem , que o homem
sem vaidade entra em hum desprezo uni-
versal de tudo , e começa por si mesmo :
olha para a reputaçāo como para huma fan-
tasia , que se forma , e se suslenta de hum
susurro mudavel , e de huma opiniao sempre
inconstante: olha para o valor como para
hum meio cruel , que a tyrannia ideou para
introduzir n'o mundo a escravidaçāo : olha para
o respeito como para huma ceremonia , ou
dependencia servil , que indica poder em
huns , e n'os outros medo , semelhante á es-
tatua de Jupiter , diante da qual todos se pro-
straçō , naõ por amor do idolo , mas por cau-
sa do raio , que tem n'a maõ : olha para a
be-

beniguidade como para hum modo , ou artifício de attrahir a si a inclinaçāo dos outros , e por isso virtude mercenaria : olha para a lealdade como para hum acto , que precisamente resulta de huma submissāo necessária : e ultimamente olha para a fama como para hum objecto vago , e incerto , e que n'a realidade val menos do que custa a conseguir.

Com os annos naõ diminue em nós a vaidade ; e se muda , he só de especie. A cada passo , que damos n'o decurso da vida , se nos offerece hum theatro novo , composto de representações diversas , as quaes sucessivamente vaõ sendo objectos da nossa attenção , e da nossa vaidade. Assim como n'os lugares , ha tambem horisontes n'a idade , e continuamente himos deixando huns , e entrando em outros , e em todos elles a mesma vaidade , que nos céga , nos guia. Nem sempre somos susceptiveis das mesmas impressões ; nem sempre somos sensiveis ao mesmo sentimento ; sempre somos vaidosos , mas nem sempre domina em nós o mesmo genero de vaidade.

Ha vicios , que raramente deixamos , se elles primeiro nos naõ deixaõ ; e quando

do com o tempo seguimos o exercicio de obrar bem , naõ he porque o conhecimento , ou a experienzia nos determine , mas porque continuamente os annos nos vaõ fazendo incapazes de obrar mal ; e assim virtudes ha , que primeiro começaõ pela nosfa incapacidade , do que por nós mesmos , e n'os nossos acertos a razão he a que qua-
si sempre tem menos parte. Só a vaidade naõ enfraquece , por mais que o vigor nos falte ; como se fora hum affecto da alma independente da disposição do corpo.

Naõ temos alegria , se está desconten-
te a vaidade ; da mesma sorte , que a des-
graça naõ afflige tanto , quando se acha a vai-
dade satisfeita. A mesma morte naõ se mos-
tra com igual semblante n'os supplicios ; por-
que a qualidade d'elles influe maior , ou me-
nor pena : por isso as honras do cadasfalso
servem de alivio ao delinquente ; porque a
vaidade , que está vendo a attenção do gol-
pe , d'este esconde ao mesmo tempo o hor-
ror , e entretida n'os faustos do luto , des-
via da memoria huma grande parte da con-
sideração da ruina.

Para nada ser permanente em nós , até
o odio se extingue : cançamo-nos de aborre-
cer :

cer : a nossa inclinaçāo tem intervallos , em que fica isenta da sua maldade natural : naõ esquece porém o odio , que teve por principio a vaidade offendida , assim como nunca o favor esquece quando se dirige , e tem por objecto a vaidade de quem recebe o beneficio . A nossa vaidade he a que julga tudo : dá estimacāo ao favor , e regula os quilates á offensa : faz muito do que he nada : dos accidentes faz substancia ; e sempre faz maior tudo o que diz respeito a si . N'os beneficios pagamos-nos menos da utilidade , que do obsequio : n'as offensas consideramos mais o atrevimento da injuria , que o prejuizo do mal ; por isso se sente menos a dor das feridas , do quē o arrojo do impulso ; e assim n'a vaidade nunca se formaõ cicatrizes firmes , e seguras ; pórque a lembrança do agravo a cada instante as faz abrir de novo , e verter sanguē .

O corpo naõ he sensivel igualmente em todas as suas partes : humas soffrem , e resistem mais ; qualquer desconcerto em outras he mortal : assim tambem n'o corpo da vaidade ha partes , em que penetra mais o sentimento : d'aqui vem inimizades , que nem a morte reconcilia , odios que duraõ tanto

CO-

como a vida. Tudo o que nos tira , ou diminue a estimaçāo , nos serve de tormento ; porque o respeito he o idolo commun dā vaidade ; aquillo que o offende , naõ se perdoa facilmente , e fica sendo como hum sacrilegio irremissivel , e como hum principio d'onde se originaõ tantas aversões hereditarias.

Acabando tudo com a morte , só a deshonra naõ acaba ; porque o labéo ainda vive mais do que quem o padece : por mais insensivel que esteja hum cadaver n'a sepultura (permitta-se o hiperbole) lá parece que a lembrança de huma infamia , que existe n'a memoria dos que ficaõ , lhe está animando as cinzas , para o fazer capaz de afflicçāo , e sentimento : terrivel qualidade , cujos effei- tos , ou cujo mal , naõ se acaba , ainda de- pois que acaba quem o tem ; sendo a unica desgraça , que se imprime n'a alma , como hum caracter immortal ! A morte naõ serve de limite á deshonra ; porque esta vai seguindo a posteridade como huma herança barba- ra , e infeliz. Estes saõ os pensamentos , que a vaidade nos inspira , e como huma paixaõ inconsolavel , até nos persuade , que ainda depois de mortos podemos sentir a infamia :

esta

esta diminue a estimação , e o respeito ; e por isso mortifica tanto ; como se a infamia do delicto só consistisse n'a attenção , e opinião dos homens , e naõ n'o delicto mesmo , ou se só fosse deshonrar aquella que se sabe , e naõ aquella que se ignora .

Se a melancolia nos desterra para a solidão do ermo , naõ deixa de ir comosco a vaidade ; e entaõ somos como a ave desgraçada , que por mais que fuja do lugar em que recebeo o golpe , sempre leva n'o peito atravessada a setta : nunca podemos fugir de nós : para onde quer que vamos , himos com os nossos mesmos desvarios , se bem que as vaidades do ermo saõ vaidades innocentes . A natureza naõ tem lá por objecto mais do que a si mesma , e a vaidade , que tem n'a complacencia , com que se contempla , consiste em reflextir sobre os enganos do seculo , e sobre as verdades da solidão ; e se alguma vez chega a ser excessiva essa mesma complacencia , naõ importa ; porque a vaidade de ser virtuoso tambem parece que he virtude ; e assim viemos a ter n'aquelle caso hum vicio , que nos emenda , e hum defeito , que nos melhora .

Oh quanto he especiosa a tranquillidade
do

do deserto ! Lá naõ ha odio , nem soberba ; naõ ha crueldades , nem inveja : estes monstros saõ feras invisiveis , que habitaõ entre nós , para serem ministros fataes das nossas discordias , e das nossas afflictões ; nascem da nossa sociedade , e se sustentaõ da nossa mesma communicaõ : por isso a virtude costuma fugir ao tumulto , porque a nossa maldade naõ he pelo que toca a cada hum de nós , mas pelo que respeita aos outros : somos perversos por comparaçaõ ; e reciprocamente huns servimos de objecto ás iniqüidades dos outros ; a vaidade sempre foi origem dos nossos males ; mas primeiro que a vaidade , foi o commercio communum das gentes ; porque d'elles resulta a vaidade como contagio contraido n'o trato , e converfaõ dos homens . O nosso entendimento facilmente se inficiona , naõ só com as opiniões proprias , mas tambem com as alheias ; naõ só com as proprias vaidades , mas tambem com as dos outros ; naõ sei se seria mais util ao homem o ser incomunicavel .

Vemos confusamente as apparencias de que o mundo se compõe : os nossos discursos raramente encontraõ com a verdade , com a dúvida sempre ; de sorte que a scien-
cia

cia humana toda consiste em dúvidas. Ainda dos primeiros principios visíveis , e materiaes , só conhecemos a existencia , a natureza naõ ; porque a contextura do universo he em si unida , e regular em fórmá , que n'a ordem das suas partes naõ se pôdem conhecer humas , sem se conhecerem todas ; por isso todas se ignorão , porque nenhuma se co-nhece : só a vaidade costuma decidir sem embaraço , porque naõ chega a imaginar-se capaz de erro : os homens mais obstinados saõ os mais vaidosos , e sempre a porfia vem á proporção da vaidade.

Algumas dúvidas , ha que respeitamos ; mas nem a essas perdoa a vaidade , pois nunca quer que fiquem indecisas : mas infelizmente , porque n'ellas sempre a solução da dúvida vem a consistir em outra dúvida maior. Quasi tudo transcende á nossa comprehensão , mas nada transcende á nossa vaidade. Naturalmente nos he odiosa a irresolução , e antes nos inclinamos a errar , do que a ficar irresolutos : o confessar ignorância he acto a que se oppõe a vaidade ; sendo que rara he a cousa , que se nos mostra , sem hum certo véo , que a esconde ; de sorte que naõ vemos , nem buscamos objectos , mas a sombra d'elles.

N'as

N'as paixões he natural o entreter-nos
cada huma com a esperança , que lhe he
propria; e com effeito nada he mais agrada-
vel do que huma esperança lisonjeira. O
desejo se deleita em meditar n'o bem , que
espera; e a natureza , a quem as paixões
tem sempre em accaõ , naõ cessa de guiar
o pensamento para aquella mesma parte , pa-
ra d'onde a nossa inclinaçao propende ; por
isso o amor continuamente nos promette ,
que ha de acabar a tyrannia , e que cedo ha
de vir a feliz conrespondencia ; o odio nos
segura , que vem chegando o dia da vingan-
ça ; e finalmente a vaidade só nos offerece
idéas de respeito , e de grandeza ; e d'esta
sorte naõ vivemos , esperamos a vida.

Ha hum genero de vaidade , que toda
consiste em procurarmos que se falle em nós ;
por isso a mesma vaidade inventou a frase
de dizer-se , *que vive n'o escuro aquelle de*
quem senaõ falla , dando a entender , que
as emprezas , por meio das quaes se falla
n'os homens , saõ a claridade que os mos-
tra , e os distingue ; com effeito por mais
que vivamos juntos , e nos vejamos sempre ,
he por hum modo como vago , e passagei-
ro : as cousas nem por estarem muito perto
se

se vem melhor, e os Heroes o que os faz mais visiveis, he a distancia, e desproporção dos outros homens em que os poem as suas accções: naõ só os homens, mas ainda os successos, quanto mais longe vaõ ficando, mais crescem, e nos vaõ parecendo maiores, até que os vimos a perder da vista, e muitas vezes da memoria; porque n'o tempo tambem ha hum ponto de perspectiva, d'onde como em espelho vaõ crescendo todos os objectos, e em chegando a hum certo termo, desapparecem. As emprezas, que hoje vemos, talvez naõ saõ inferiores ás que a tradiçāo refere do tempo do heroísmo; porém tem de menos o estarem proximas a nós, e as outras tem de mais, o valor que recebem de huma antiguidade veneravel: aquellas admiramos porque naõ temos inveja, nem vaidade, que nos preocupe contra os que passaraõ ha muitos seculos; contra os que existem sim, e d'estes se sabemos as accções, tambem sabemos as circunstancias d'ellas; por isso as desprezamos, porque he rara a empreza heroica, em que naõ entre algum fim indigno, evil; a mais illustre acção fica infame pelo motivo.

O

O que chamamos inveja, naõ he se naõ vaidade. Continuamente accusamos a injustiça da fortuna, e a consideramos ainda mais cega do que o amor, n'a repartição das felicidades. Desejamos o que os outros possuem, porque nos parece, que tudo o que os outros tem, nós o mereciamos melhor; por isso olhamos com desgosto para as cousas alheias, por nos parecer, que deviaõ ser nossas: que he isto senaõ vaidade? Naõ podemos ver luzimento em outrem, porque imaginamos, que só em nós he proprio: cuidamos, que a grandeza só em nós fica sendo natural, e naõ mais violenta: o explendor alheio passa n'o nosso conceito por desordem do acaaso, e por miseria do tempo. Quem diria aos homens, que n'o mundo ha outra coufa mais do que fortuna, e que n'as honras ha predestinação?

Naõ vivemos contentes, se a nossa vaidade naõ vive satisfeita: ainda temos o bem, que com pouco se alimenta a vaidade. Hum riso agradavel, que achamos n'as pessoas eminentes, e que por mais, que seja equívoco sempre a vaidade o interpreta a seu favor; hum obsequio, que tem por

D prin-

principio a dependencia , e em que o interesse se esconde subtilmente ; huma submissão , que nos faz crer que os homens tem obrigação de respeitar-nos ; huma lisonja dita com tal arte , que fica sendo impossível conhecermos-lhe o veneno ; qualquer coufa d'estas , e ainda menos basta , para que a nossa vaidade se reveja , e se satisfaça ; de forte que não vivemos alegres , se não vivemos vaidosos.

Procuramos ser objectos da memoria , e assumptos da fama : o nosso fim he querermos , que se falle em nós , vindo a ser ambiciosos das palavras dos outros , e idolatras das narrações da Historia. Este delírio nos entrega a applicação das letras , e nos inspira a inclinação das armas , como dous pólos , que guiaõ para huma fingida , e sonhada imortalidade. Alguns fogem da sociedade , ou por cansados do tumulto , ou porque conhecem os enganos do aplauso ; porém ainda estes lá se formão huma crença vaidosa , de que os homens fallão n'elles , e discorrem sobre a causa dos seus退iros. Quantas vezes nos parece , que o bosque , que nos serve de muda companhia , se magoa dos nossos infortunios , e que o valle

re-

recebe o sentimento das nossas queixas , quando em eccos entrega aos ventos , partidos os nossos ais ! Parece-nos , que a Aurora nasce rindo dos nossos males ; que as fontes murmurão dos nossos desafogados ; que as flores crescem para symbolo das nossas delicias ; e que as aves festejaõ os nossos triunfos.

Os homens , a quem a concurrencia de acasos felices faz chamar grandes , presumem , que ainda que d'elles naõ depende a existencia do mundo , com tudo depende d'elles a ordem , e a economia das cousas : todos fallaõ n'as suas accções , e n'isto consiste a sua maior , e mais estimada vaidade. Deixamos livremente o commercio dos homens , mas naõ renunciamos o viver n'a admiraçao , e noticia d'elles ; consentimos em apartarnos de sorte , que nunca mais sejamos vistos , mas naõ consentimos em naõ ser lembrados : finalmente queremos , que se falle em nós : as mesmas sepulturas , que saõ huns pequenos theatros das mais lastimosas tragedias , espantaõ menos pelo horror das sombras , que pelo silencio.

Mil preceitos ha , que nos ensinaõ o quaõ pouco saõ estimaveis em si , esses mes-

D ii mos .

mos objectos, que buscamos com fadiga: o conhecermos a vaidade das cousas, naõ basta para as naõ querermos; porque o conhecimento de hum mal, que se appetece, he hum meio muito debil para o deixar. N'o mesmo retiro temos todo o mundo n'o coraçaõ, e n'este vivem as paixões entaõ mais concentradas, e por isso mais vigorosas, e mais fortes: o ser o lugar mais apertado naõ nos livra do combate, antes o faz mais arriscado: a vaidade he como o amor, este quando o deixamos, sempre nos fica huma saudade lenta, que insensivelmente nos devora, porque he hum mal, cuja privaçaõ se sente como outro mal maior: ainda depois de passados muitos annos, a lembrança, que ás vezes nos ocorre de hum amor, que parece que acabou, sempre nos vem com sobrefalso; o coraçaõ nunca fica indiferente; e sempre recebe com alvoroço a idéa de hum ardor amortecido, e como que o reclama. Verdadeiramente perdida a vaidade, e perdido o amor, que nos fica?

He proprio da vaidade o dar valor a muitas cousas, que o naõ tem, e quasi tudo o que a vaidade estima, he vaõ. Que cousa pôde haver, que tenha em si menos su-

substancia do que humas certas felicidades , que ponderada a melhor parte d'ellas , consiste , ou em palavras , ou em gostos : a denominaçao de grande , de maior , e de excellente , e as submissões , que indicaõ o respeito , fazem huma parte essencial das glorias d'este mundo ; a primeira naõ consiste mais do que em palavras ; a segunda toda se compõe de gostos. Que importa á felicidade do homem , que os outros , quando lhe fallaõ , articulem mais hum som , que outro , e que n'as reverencias que introduzio a lisonja , se dobrém mais , ou menos ? A vaidade nos faz crer felices á proporçaõ que ouvimos esta , ou aquella voz , e que vemos este , ou aquelle culto : a vida civil se reduz a hum ceremonial composto de genuflexões , e de palavras.

Só a vaidade sabe dar existencia ás couças que naõ tem , e nos faz idolatras de huns nadas , que naõ tem mais corpo , que o que recebem do nosso modo de entender , e nos induz a buscarmos esses mesmos nadas , como meios de nos distinguir ; sendo que nem Deos , nem a natureza nos distinguio nunca . N'a Lei Universal , ninguem ficou isento da dor , nem da tristeza ; todos nascem su-

sujeitos ao mesmo principio , que he a vida , e ao mesmo fim , que he a morte : a todos comprehende o effeito dos elementos ; todos sentem o ardor do Sol , e o rigor do frio ; a fome , e a sede , o gosto , e a pena , he commun a tudo aquillo que respira : o Author do mundo fez ao homem sobre huma mesma idéa uniforme , e igual , e n'a ordem com que dispoz a natureza , naõ conheceo excepções , nem privilegios : nunca o homem pôde ser mais , nem menos do que homem ; e por mais , que a vaidade lhe esteja suggerindo huns certos attributos , ou certas qualidades , que o fazem parecer maior , e mais consideravel , que os mais homens , essas mesmas qualidades , ainda sendo verdadeiras , sempre saõ imaginarias ; porque tambem ha verdades fantasticas , e compostas sómente de illusões.

A vaidade he cheia de artificio , e se accupa em tirar da nossa vista , e da nossa comprehensaõ o verdadeiro ser das cousas , para lhe substituir hum falso , e apparente . De que serve a purpura , mais que de encobrir o homem a si mesmo ; e huma figura simple , commua , e igual em todos , mostrala desfigurada , e outra debaixo de hum véo
pu-

puramente exterior ? Tudo o que se esconde fica com carácter de mysterio, e por isso com veneração, e com respeito : a vaidade foi o primeiro artifice , que inventou o distinguir os homens pela especialidade do ornato , e pela singularidade da cor ; assim saõ as distincções , que a vaidade nos procura ; nenhuma he , nem pôde ser em nós , mas n'as couças que nos cobrem.

Só a vaidade dos Reis he vaidade justa , porque a Providencia já quando os formou para a dominação , logo os destinou para figuras da Divindade , e com huma semelhança mais que material , e indiferente ; porque a mesma essencia , de que saõ imagens , parece , lhes communica huma porção da idéa , que representaõ. Por mais que os sucessos sejaõ regidos pelo acaso , com tudo aos Reis naõ os faz a fortuna , nem o valor ; mas sim aquella mesma intelligencia , que dá os primeiros , e principaes movimentos ao Universo. Ainda n'os Orbes Celestes vemos alguns corpos , que parece custáraõ mais cuidado ao Author do mundo , pois brilhaõ com luz mais firme , mais intensa , e mais constante. Os Monarcas parecem-se com os mais homens n'a humanidade , mas dif-

differem n'as qualidades da alma : a Coroa, que os cinge naõ só lhes illustra a cabeça , mas tambem o pensamento : o Sceptro , que indica á magestade , tambem inspira o esforço ; a grandeza n'o poder tambem influe extensaõ n'o espirito ; por isso n'a arte de reinar naõ ha regras , que possaõ ser sabidas por quem naõ he Rei.

Assim como he justa a vaidade de hum Rei justo , tambem he iniqua a vaidade de hum tyranno : o esplendor de hum throno adquirido injustamente naõ cega a attenção de sorte , que fiquem os olhos sem poder examinar-lhe os raios ; hum lugar taõ sagrado, nem sempre o consideraõ os homens com imunidade. Os tyrannos sempre foraõ objectos , naõ só dos louvores , mas tambem da critica ; naõ só das admirações , mas tambem dos reparos ; naõ só do amor , mas tambem do odio : se ha quem os admire , tambem ha quem os reprove ; se a lisonja os igualla ao Sol , a censura sabe comparallos ao Cometa ; se o amor lhes prepara agrados , tambem encontraõ aversões n'o odio. As submissões naõ saõ todas voluntarias ; e o respeito ainda quando degenera em adoração , nem sempre tributa hum incenso puro , e mui-

muitas vezes procede de huma violencia interior, e occulta; entaõ por mais que as expressões se elevem, sempre a verdade se distingue da exageraçao; e por mais que o joelho dobre, sempre o desprezo fica inflexivel n'o conceito.

N'os Principes he virtude, huma vaidade bem entendida; e discorre santomente hum Rei, quando se desvanece da qualidade de ser justo: ha vicios necessarios em certos homens, assim como ha virtudes impróprias em outros. Os Soberanos sendo a fonte da justiça, saõ os que mais injustamente saõ julgados: os mais homens saõ ouvidos, os Principes naõ; todos os julgaõ, e ninguem os ouve; como se a preeminencia da dignidade os fizesse incapazes, ou indignos da defesa: o julgar por este modo aos Reis, he sacrilegio, porque a traiçao he maior aquella que se derige á fama, que a que conspira contra a vida; esta nos Monarcas he-lhes menos importante, que a memoria; a existencia deve ser-lhes menos preciosa do que a fama: com a vida se acaba o respeito, a grandeza, e o poder, mas naõ acaba a reputaçao; o tumulo naõ encobre, nem a ignominia do nome, nem o esclareci-

cido , porque n'os Principes nunca acaba a gloria , nem a infamia : o breve espaço de huma urna basta para esconder as cinzas de muitos Reis ; porém por mais que as confunda a morte , a Historia as separa , e as divide : a tradicçāo anima essas mesmas cinzas , humas para honra da natureza , outras para horror da posteridade.

A maior parte das acções dos homens consiste n'o modo d'ellas ; o modo com que se propõe , com que se diz , com que se fala , com que se ouve , com que se olha , com que se vê , com que se anda , e em fim todos os mais modos , que saõ inseparaveis de qualquer acção , nos daõ a conhecer o que devemos pensar d'ellas : quasi sempre o modo , ou nos obriga , ou nos offende , e ordinariamente o modo das cousas nos ocupa mais do que as cousas mesmas . Humas vezes nos engana o modo , porém tambem outras o mesmo modo nos desengana : a imaginaçāo verdadeira , falsa , ou vaidosa , he a que produz os diferentes modos , que vemos huns n'os outros . Os Soboranos tem hum certo modo de olhar , de ver , de ouvir , de andar , de perguntar , e de responder , que só n'elles he natural ; a vaidade dos Grandes

des lhes faz affectar o mesmo modo, que vem n'os Soberanos; os mais homens tomaõ o mesmo modo, que vem n'os Grandes, e cada hum se irrita de ver hum modo impro prio, e sente como hum desprezo o achar hum modo, que naõ convem a quem usa d'elle; o que diversifica os modos he a ale gria, a tristeza, o amor, o odio, o desejo, ou a indifferença, e mais que tudo a vaidade.

A maior parte da vida passamos em buscar a fortuna, e a que vemos n'os outros, he a que nos engana a nós; porém he fel iz o engano, que nos anima sempre. Que maior desgraça, que o viver indifferente, e sem accão; e que maior ventura que a esperança com que a buscamos! O conceito, que fazemos de qualquer bem, sempre ex cede ao mesmo bem, e assim perdemos quan do o alcançamos; de sorte que a fortuna pa rece naõ está tanto em possuilla, como em desejalla. As fortunas humanas, ou consis tem n'a abundancia, ou n'o poder, ou n'o respeito: estas saõ as mesmas fontes d'onde nasce a vaidade, e com effeito se ha vaida de sem fortuna, naõ ha fortuna sem vai dade.

Por nosso mal lá chega a idade, em que

que naõ queremos mais fortuna , que o viver ; conhecemos a illusão d'ellas , e se as buscamos , he como por costume , mas sem ancia , e sem desafiocego ; o desejo de as alcançar , he como hum resto de calor , que a penas se faz sentir . Naõ reflectimos sobre o pouco tempo , que devemos gozar hum bem , senão depois de o ter : só entaõ consideramos o muito que custou a alcançar , e o pouco que o havemos possuir . Em cada Paiz ha hum modo com que as cousas se imaginaõ ; o que he fortuna em huma parte , he desgraça em outra , o que aqui se busca com empenho , alli se despreza totalmente . Os objectos que entretem a vaidade , e estimação dos homens , saõ como idólos , que só se veneraõ em lugar determinado , e fóra d'aquelle tal espaço , a adoração se troca em vituperio : o mesmo marmore de que em Athenas se faria huma Minerva , transportado a outro lugar , apenas servirá de base a huma columna ; assim he a vaidade , por mais que seja universal n'os homens , os motivos d'ella naõ saõ universaes .

He raro o mal , de que naõ venha a nascer algum bem , nem bem , que naõ produza algum mal ; como só o presente he nosso

so , por isto naõ nos serve de alivio o bem futuro , nem nos inquieta o mal que ainda naõ sentimos ; hum infeliz naõ se persuade , que a sua sôrte possa ter mudança ; hum venturoso naõ crê , que possa deixar de o ser : a este a vaidade tira o menor receio ; á aquelle o abatimento priva de esperança. Se fizermos reflexão , havemos de admirar o pouco que basta para fazer o nosso bem , ou o nosso mal : de hum instante a outro mudamos da alegria para a tristeza , e muitas vezem sem outro algum motivo , que o de huma vaidade mais , ou menos satisfeita. Os homens naõ são todos igualmente sensíveis ao bem , e ao mal ; a huns penetra mais vivamente a dor , a outros só faz huma impressão ligeira ; o bem naõ acha em todos o mesmo grão de contentamento. N'as almas deve de haver a mesma diferença , que ha n'os corpos ; humas mais debeis , e outras mais robustas ; por isto em humas obra mais o sentimento , e acha mais resistencia em outras ; em humas domina a vaidade com império , e com furor , em outras só assiste como cousa natural ; n'aquellas a vaidade he huma paixão com impeto , n'estas he hum vicio focegado , e sem desordem.

O

O entendimento n'os homens , he come a formosura n'as mulheres ; naõ ha desgraça de que hum espelho as naõ console , nem tristeza de que se naõ esqueçaõ , vendo-se em estado de inspirar amor : a hum homem infeliz serve de alivio , o considerar-se fabio ; este pensamento , ou esta vaidade lhe faz adormecer o mal que sente ; como se a mulher só viesse ao mundo para ser querida , e o homem só nascesse para ser discreto : entre hum , e outro a diferença he grande , a mulher formosa , com o tempo conhece que já o naõ he , o homem entendido nunca alcança que só o foi : a mulher naõ pôde deixar de ver o estrago , que os annos fazem n'a belleza , o homem naõ penetra a ruina que o tempo causa ao entendimento ; mas naõ importa que assim seja , porque he justo que o homem se desvaneça sempre , e que tenha fim n'a mulher a vaidade : ninguem adora ao homem por entendido , e a mulher todos a idolatraõ por formosa. Acabe pois a vaidade n'a mulher , porque foi taõ excessiva , e n'o homem dure , porque foi mais moderada.

Olhamos para o tempo passado com saudade , para o presente com desprezo , e para o futuro com esperança : do passado nunca fe

se diz mal ; do presente continuamente nos queixamos , e sempre appetecemos que o futuro chegue : o passado parece-nos que naõ foi mais do que hum instante ; o presente apenas o sentimos ; e julgamos que o futuro está mui distante. Para dizermos bem do tempo , he necessario que elle tenha passado , e para que o desejamos he preciso considerallo longe. A vaidade faz-nos olhar para o tempo , que passou , com indifferença , porque já n'elle fica sem acção ; faz-nos ver o presente com desprezo ; porque nunca vive satisfeita ; e faz-nos contemplar o futuro com esperança , porque sempre se funda n'o que ha de vir , e assim só estimamos o que já naõ temos ; fazemos pouco caso do que possuimos ; e cuidamos n'o que naõ sabemos se teremos.

Com os annos himos mudando de humas vaidades para outras ; naõ porque queiramos mudar de vaidade , mas porque algumas ha , que em certos annos saõ incompatíveis , e só tem lugar em outros. A gentileza he a primeira vaidade , que a natureza nos inspira ; vaidade simples , innocentte ainda quando he mentirosa : a natureza quer que nos amemos , por isso faz que nos

vejamos dotados de huma fórmā , ou figura encantadora ; somos Narcisos logo no berço : a nossa imagem a penas acabada de fórmār , logo nos attrahe ; o vidro que a representa nos agrada , e lisonjeia , ainda quando ignoramos o artificio do cristal , e d'esta forte himos passando successivamente a vida , entretidos em hum labyrintho de vaidades , até que chegamos á vaidade dos velhos ; vaidade discursiva , prudencial , historica , e muitas vezes imbecil . O ser antigo naõ dá juizo a todos , antes o tira , porque o tempo insensivelmente vai destruindo o homem em todas as suas partes , e por mais , que o naõ sintamos , o que primeiro cansa , he o entendimento ; porque este he como a força , que até hum certo tempo cresce ; até outro se conserva , e depois sempre vai diminuindo . Perdemos a innocencia assim que entramos a ter uso de razaõ , e perdemos a razaõ assim que tornamoſ ao estado da innocencia : huma , e outra couſa ſão virtudes puras , e excellentes , mas infociaveis . Primeiramente adquerimos a razaõ á custa da innocencia , e depois alcançamoſ a innocencia á custa da razaõ ; naõ ſei quando he que perdemos , ou

ou ganhamos. Indiscretamente fazemos vaidade de sermos entendidos : o entendimento parece que nos foi dado por castigo , pois com elle ficamos sem desculpa para nada. Que maior mal !

He rara a cousa , em que naõ tenha parte a vaidade. A mesma ingratidão , de quem recebe hum beneficio , he effeito da vaidade ; porque fendo o beneficio huma especie de socorro , sempre indica superioridade em quem o faz , e necessidade n'aquelle que o recebe ; por isso a lembrança de hum beneficio , humilha , e mortifica a nossa vaidade , e se alguma vez nos lembra , he porque a natureza se accusa de sentir-se ingrata. Muitos por vaidade confessão beneficios , que nunca receberaõ ; he confessão , que os naõ afflige , porque assenta em huma divida supposta : outros tambem por vaidade reconhecem beneficios verdadeiros , e isto porque fazem vaidade de huma divida , que já julgaõ satisfeita pela confessão.

Quando pretendemos hum favor , parece-nos que sempre havemos conservar a memoria d'elle ; mas he erro , porque apenas o alcançamos , quando logo se forma em nós hum desejo imperceptivel de o es-

E que-

quecer: a vaidade tem horror a tudo o que desperta a lembrança da nossa indigencia; por isso ha ingratidão sem odio; aborreçemos a quem remio a nossa vexação, só porque a ficou conhecendo. Naõ se paga hum beneficio, senão com outro maior, e quem o naõ pôde pagar assim, fica devendo sempre; por isso a vaidade antes nos resolve a ser ingratos, do que a conhecer huma obrigação de que nunca podemos estar livres.

A ingratidão naõ consiste só n'o esquecimento do favor, mas tambem em huma aversão occulta, que temos a quem nos obrigou, por isso quando o vemos, e encontramos, sempre he com nosso pezar, e desagrado. Insensivelmente se forma huma especie de divorcio entre quem recebe hum favor, e quem o faz; este por vaidade affecta o naõ lembrar-se do beneficio feito, aquelle tem pejo de haver-se esquecido d'elle, hum, e outro se retira: a ausencia, ou a ruina d'aquelle a quem somos obrigados, nunca nos he desagradavel; porque entaõ parece que respira a vaidade, como livre de hum peso insupportavel: naturalmente naõ podemos amar a quem devemos: a di-

vida leva consigo hum desejo da extinção
do seu objecto.

Não sucede assim nos benefícios, que os Soberanos fazem; quem os recebe, sempre os reconhece; porque a mesma vaidade, que nos faz ser ingratos para com os mais homens, he a que nos faz ser agradecidos para com os Príncipes; e com razão, porque n'estes o favor sempre he puro, e generoso, em lugar que n'os mais homens sempre he inficionado de algum género de interesse: n'os Príncipes os benefícios nascem de liberalidade, n'os mais homens procedem de premeditação, e esta fundada commumente n'a satisfação do que já devem, ou esperão dever; de sorte que n'os Príncipes os benefícios he grandeza, n'os mais homens he commercio. O maior favor he aquelle que se faz sem condição: quando os Soberanos favorecem, he sem a expectativa de retribuição alguma, porque esta não pôde ter lugar de nós para elles; daí, e não esperão, por isso as mercês de hum Rei mostro a sua inclinação, e não a sua intenção: as graças dos Reis, e as de Deos, só se pagão com amor. Como os Príncipes são os melhores auxiliadores dos homens, por isso

E ii sup-

sappomos, que o favor, que fazem, sempre se dirige ao nosso merecimento. Estimamos viver n'a lembrança dos Reis, ainda que seja por meio da desgraça: o mesmo decreto, que impõe a pena, suavisa o efecto d'ella, porque ha hum instante, em que a vaidade nos representa o Soberano ocupado de nós: o castigo, immediatamente vem do Throno, parece que de algum modo nos illustra.

Tudo saõ producções da vaidade, esta até nos faz achar consolaçāo n'as mesmas razões do nosso damno; até nos faz descobrir utilidade n'a nossa mesma perda; e até nos sabe mostrar hum semblante de fortuna n'a nossa mesma ruina. Huma circunstancia leve, e incerta, em que a vaidade se entretenha basta muitas vezes para suspender a actividade do nosso mal, e para desviar do nosso pensamento a maior parte d'elle. A virtude maltratada encontra alivio n'a mesma perseguiçāo, porque a vaidade lhe suggere em si a imagem de hum martyrio: a innocencia opprimida sente menos a afflīçāo, porque se desvanece em considerar-se victima, de que he propriedade o ser innocent; e com effeito a constancia n'o soffrimento

to

to he hum justo motivo de vaidade , porque ainda n'a fama de hum heróe naõ ha tanta grandeza , como n'o silencio de hum homem afflicto ; por isso a paciencia nunca faz rogos inuteis : hum homem mudo n'a desgraça parece que força a providencia a o consolar. O merecimento desprezado entra n'a vangloria de crer , que todos reparão n'o descuido do premio : hum facinoroso arrasta com arrogancia os ferros ; e vai com resoluçao para o supplicio ; a vaidade que lhe anima os passos , consiste n'a mesma atrocidade do delicto : a mesma pobreza costuma fazer ostentaçao da miseria. A vaidade he de todo o mundo , de todo o tempo , de todas as profissões , e de todos os estados.

Muitas vezes obramos bem por vaidade , e tambem por vaidade obramos mal : o objecto da vaidade he que huma accaõ se faça attender , e admirar , seja pelo motivo , ou razao que for. Naõ só o que he digno de louvor , he grande : porque tambem ha cousas grandes pela sua execraçao ; he o que basta para a vaidade as seguir , e approvar. A maior parte das emprezas memoraveis , naõ tiverao a virtude por origem , o vicio sim ; e nem por isso deixaraõ de at-

tra-

trahir o espanto , e admiraçāo dos homens. A fama naõ só se compõe do que he justo, e o raio naõ só se faz attendivel pela luz , mas pelo estrago. A vaidade appetece o estrendoso , sem entrar n'a discuçaõ da qualidade do estrondo : faz-nos obrar mal , se d'este mal pôde resultar hum nome , hum reparo , huma memoria. Esta vida he hum theatro , todos queremos n'elle o melhor papel , ou ao menos hum papel de circunstancia , ou em bem , ou em mal. A vaidade tem certas regras , huma d'ellas he , que a singularidade naõ só se adquire pelo bem , mas tambem pelo mal , naõ só pelo caminho da virtude , mas tambem pelo da culpa ; naõ só pela verdade , mas tambem pelo engano : quantos homens tem havido a quem parece que de algum modo ennobreceo a sua iniquidade.

A crueldade nem sempre vem de hum animo barbāo , e feroz : muitas vezes he hum monstro , que nasce da vaidade , considerese o punhal cravado em hum coraçāo , que ainda palpita , e d'oncde o sangue que sahe , e vai regando a terra , alli se congeila em parte , aqui ainda corre fumando , e cheio de espirito , e calor : finalmente
con-

considerese hum cadaver agonizante, e convulsivo, e d'onde as feridas huma sobre as outras, apenas mostraõ lugar livre de golpe; tudo forma hum espetáculo horroroso: o tyranno que he o mesmo executor da crueldade, por mais que n'o semblante inculque hum aspecto duro, interiormente se estremece, e se naõ mostra que se afflige, he porque a vaidade o anima contra o pavor que a natureza inspira. Ideou a vaidade ser a tyrannia hum attributo do poder: que mais he necessario para que os homens, queiraõ medir a grandeza do poder pelo excesso, e proporção da tyrannia? Até nos devanecemos da mesma barbaridade, chamamos á compaixaõ fraqueza, e á inhumanidade valor.

Todos conhecemos os delirios, a que a vaidade nos incita, mas nem por isso deixamos de os seguir. Parece que cada hum de nós, tem duas vontades sempre oppostas entre si: ao mesmo tempo queremos, e naõ queremos; ao mesmo tempo condenamos, e approvamos; ao mesmo tempo buscamos, e fugimos; amamos, e aborrecemos. Temos huma vontade prompta para conhecer, e detestar o vicio; mas tambem temos outra

tra prompta para o abraçar : huma vontade nos inclina , a outra arrasta-nos : a vontade dominante , he a que segue o partido da vaidade ; por mais que queiramos ser humildes , e que tenhamos vontade de desprezar o fausto , a vontade contraria sempre vence , e se acaso se conforma , a violencia com que o faz , he hum sacrificio. A vaidade he huma especie de concupiscencia , naõ se lhe resiste com as forças do corpo , com as do espirito sim ; a carne naõ he fragil só por hum principio , mas por muitos , e a vaidade naõ he o menor d'elles.

O aplauso he o idolo da vaidade , por isso as acções heroicas naõ se fazem em segredo , e por meio d'ellas procuramos que os homens formem de nós o mesmo conceito , que nós temos de nós mësmos. Raras vezes somos generosos , só pela generosidade , nem valerosos só pelo valor. A vaidade nos propõe , que o mundo todo se applica em registrar os nossos passos ; para este mundo he que obramos ; por isso ha muita diferença de hum homem , a elle mesmo : posto no retiro he hum homem commum , e muitas vezes ainda com menos talento que o commum dos homens : porém posto em parte

te d'onde o vejaõ , todo he acçaõ , movimento , esforço. Nunca mostramos o que somos , senão quando entendemos que ninguem nos vê , e isto porque naõ exercitamos as virtudes pela excellencia d'ellas , mas pela honra do exercicio , nem deixamos de ser máos por aversão ao mal , mas pelo que se segue de o ser. O vicio pratica-se occultamente , porque cremos que a ignominia só consiste em se saber ; de sorte que se somos bons , he por causa dos mais homens , e naõ por nossa causa : haja quem nos assegure , que naõ ha de saber-se hum desacerto , e logo nos tem certo , e disposto para elle ; a dificuldade naõ está em persuadir a nossa vontade , mas o nosso receio. Os agravos occultos callaõ-se , naõ só porque em serem occultos perdem muito da qualidade de agravos ; mas tambem porque a queixa naõ publique o atrevimento da offensa ; a vaidade naõ sente as coufas pelo que saõ , mas que se ha de dizer d'ellas : mil vinganças ha que se supprimem só pelo perigo de que se naõ perceba o desacato , pela vingança. Quem diffira , que sendo a vaidade , de si mesma huma cousa arrebatada , haja occasiões , em que nos pacifique , e ensine a ser prudentes : ha huma el-

pe-

pecie de arte em se disfarçar a injuria , de que
naõ ha próva : a mesma vingança leva com si-
go huma sorte de injuria , porque a confes-
sa : a satisfaçao pública suppõe pública a
offensa , que muitas vezes naõ o he , ao me-
nos naõ he tanto como a satisfaçao a faz. A
paciencia he huma virtude com nota , mas
raramente se arrepende quem a tem ; em
lugar que o arrojo costuma trazer depois
hum sentimento largo ; em hum instante nos
precipita a vaidade n'aquillo que nos vem a
servir de tormento toda a vida ; mas que
muito se a mesma vaidade ás vezes nos faz
perder a vida em hum instante. Quem disse
que o amor he cego , errou ; mais certo he
ser cega a vaidade. O emprego do amor he
a formosura , e quem nunca a vio como a
ha de amar ? N'o amor ha huma escolha ,
ou eleiçao , e quem naõ vê , naõ distingue ,
nem elege , o amor vem por natureza , a vai-
dade por contagio , o amor busca huma fe-
licitade física , e por consequencia material ,
e visivel ; a vaidade busca hum bem de idéa ,
e fantalia , e por consequencia cégo : a esti-
maçao dos homens he o objecto maior da
vaidade ; objecto vago , e que naõ tem fi-
gura propria em que possa ver-se. Ha porém
n'a

n'a vaidade a diferença , que tudo o que se faz por vaidade , queremos que se veja , que se diga , e que se saiba ; entaõ he fortuna a publicidade , se he que nos naõ parece , que o mundo inteiro naõ basta para testemunha : d'aqui vem que hum furor heroico até chegar a invocar o Ceo , e a terra , para estarem attentos a huma acção : como tudo se faz pelo estimulo da vaidade , por isso se julga perdida huma façanha , que naõ tem quem a divulgue ; como se hum acto generoso consistisse mais em se saber , do que em se obrar . A vaidade , que nos move naõ he pela substancia da virtude , mas pela gloria d'ella.

N'o desprezo da vida , he d'onde a vaidade se mostra altiva , e arrogante . Os clarins , que incitaõ ao combate , naõ saõ vozes , que a natureza entenda , a vaidade sim , aquella sempre vai com passo vacilante , e tremulo ; esta conduz o peito ardente , e furioso : por mais que se encontrem precipios , e que os olhos só vejaõ fogo , e sangue , nem por isso desmaia o coraçao que a vaidade anima . Aquelle a quem o escudo da fortuna cobre , e que marcha resoluto , já cuida que está vendo os faustos do triunfo :
aquele-

aquelle que prostrado , já fica agonizando ; parece-lhe que expira ou n'os braços da victoria , ou n'os da fama. Que felicidade de morrer ! A vaidade tira da morte o semblante pallido , e horroroso , e só a deixa ver ornada de palmas , e troféos.

O valor naõ he igual em toda a parte ; porque a vaidade naõ he em toda a parte a mesma. Ha emprezas de mais , e de menos vaidade , por isso as ha de menos , e mais valor. A vaidade aumenta , e diminue , á proporção do seu motivo ; e da mesma fôrte o valor diminue , e aumenta á proporção da sua vaidade. A razaõ do esforço regula-se pela razaõ da vaidade ; d'aqui vem , que em hum conflito grande , os animos se elevaõ , e arrebataõ ; porque algumas vezes he questaõ do destino de hum Imperio ; em lugar que o ardor he lento , quando só se disputa hum posto vantajoso. A presença de hum Monarca naõ influe pouco n'a fortuna militar ; entaõ quer o soldado distinguir-se com maior excesso , porque fica sendo memoravel a acção a que assiste hum Rei : aquella he a occasião , em que acaba hum dos combatentes vaticinando que o seu nome ha de escrever-se nos annaes da historia ; por isso

isso corre a assinalar-se em hum dia , que ha de servir de época aos seculos vindouros : nenhum entra n'a peleja indiferente , todos fazem a causa sua ; huns combatem pela gloria do successo , outros pela honra da assistencia ; e todos parece que o Soberano os vê. O estrepito das armas antes que chegue ao coraçao , inflamma a vaidade , e esta , que commummente move , entao accende.

Naõ he isto assim na solidão de hum ermo. O mesmo homem , que fez a admiraçao da guerra , posto em hum bosque he outro. O sussurro de huma fonte , que se despenha , o sobresalta ; o movimento de huma folha , que cahe o atemorisa ; o ruido , que o vento faz , o altera ; tudo lhe parece huma emboscada ; n'a mesima sombra de hum carvalho , se lhe figura hum esquadrao armado : esta he a diferença , que vai de hum homem com vaidade , ao mesmo homem quando está sem ella ; n'a campanha domina o espirito de vaidade , n'o bosque naõ ; por isso o valor sobra n'a campanha , e n'o bosque falta ; e com effeito n'aquella parte adquire-se a fama , e n'esta só se salva a vida ; n'aquella consegue-se o aplauso , n'esta só se busca a liberdade do ca-

mi-

minho ; n'aquelle ha muitos que vejaõ , que digaõ , e que escrevaõ , n'esta naõ ha mais do que troncos mudos ; n'aquelle fazem Corte os Soberanos , n'esta só se alvergaõ foragidos ; n'aquelle todos se mostraõ , n'esta todos se escondem ; aquella he hum theatro de acções illustres , esta he hum reducto de acções abominaveis : finalmente alli nasce a nobreza , aqui extingue-se ; alli perde-se a vida com honra , aqui conserva-se a mesma vida com ignominia . Que notaveis diferenças ! Em hum lugar tantos motivos de vaidade , e nenhuns em outro : por isso o valor he proprio n'a campanha , e n'o ermo he natural a cobardia . O valor falta-lhe a alma , se lhe falta a vaidade , o braço logo fica sem vigor , e sem alento o peito : n'o perigo em que naõ ha vaidade , a natureza só se lembra do horror da sua ruina .

A fugida traz consigo o vituperio , por isso muitos naõ fogem , porque os vêm ; e fugiriaõ , se os naõ vissem ; muitos se retiraõ em quanto os naõ conhecem , mas naõ depois de conhecidos ; como se a deshonra naõ estivesse n'a retirada , mas n'a noticia d'ella : ninguem se quer expor , se a vaidade o naõ expõe ; e ainda que a vaidade naõ

naõ tira o medo , com tudo esconde-o ; e assim vimos a ser destemidos , naõ só porque a vaidade nos obriga , mas tambem porque nos engana : n'o meio do precipicio , naõ deixa ver toda a extensaõ d'elle , e por mais que seja certo o nosso estrago , sempre a vaidade para animar-nos , o mostra como duvidoso ; e sempre nos inspira que aos ousados a fortuna favorece. A vaidade naõ nos deixa , senaõ depois que nos entrega á morte , e só a morte que nos acaba , he o que acaba tambem a noſſa vaidade.

O facinoroso he tímido , porque o crime que envilece , acobarda. A vaidade , que tambem interiormente accusa , assim como augmenta as forças d'onde vê alguma occasião de brio , tambem as debilita , d'onde encontraõ huma apparencia de desdouro : n'o crime o animo se abate , menos pelo medo do castigo , que pela qualidade d'elle ; d'aqui vem que ha mais resoluçao n'o delicto , que naõ irroga infamia ; e de tal sorte que o delinquente ás vezes declara por vaidade a culpa ; a mesma vaidade lhe serve de tormento , e o obriga a confessar. As Leis conheceraõ bem este principio , por isso imagináraõ penas vis ; pozeraõ distinçao n'o modo de as ex-

executar ; e sabiamente introduzirão nobreza, até n' o modo de morrer.

Ha crimes, cuja atrocidade exige huma pena ainda maior ; isto he huma pena permanente , successiva , indelebil : que comprehenda culpados , e innocentes ; que induza infecção fatal , naõ só n' o sangue dos que estaõ , mas tambem n' o sangue dos que haõ de vir ; e que faça detestavel , naõ só o author do crime , e a sua descendencia ; mas ainda a mesma lembrança do seu nome. Quantos ha que naõ temem o castigo , pelo que este tem de insopportavel , mas pelo que tem de infame ; e que o naõ receaõ pelo que toca a si , senaõ pelo que ha de tocar aos seus ? A corrupção da natureza , chega n' elles a desprezar a sua propria conservação , mas naõ a sua reputação ; desatendem ao seu opprobrio pessoal , mas naõ à aquelle que ha de ficar , e continuar nos que haõ de vir depois : este resto de vaidade he unicamente o que os reprime. A malicia lhes ensina , que o perder a vida naõ he grande pena ; porque esta verdadeiramente naõ assenta em se perder a vida mas em a perder anticipadamente ; e com effeito naõ he grande o mal , que sempre he infallivel

por

por outra parte, e que por ora só consiste n'a circunstancia do tempo ; isto he , em ser com antecedencia , e ser já , aquillo que certamente ha de vir a ser d'aqui a pouco : por isso o prezo , que se mata , he como hum prezo que foge ; hum , e outro , illudio o castigo , porque este devia consistir n'a duraçao , e naõ n'a extincçao . D'aquella sorte ficou impunido o crime ? Naõ , porque supposto se auzentasse o delinquente , cá deixou o nome , e a memoria , e n'esta ainda tem lugar a pena ; contra ella se fulmina a condenaçao de hum labeo perpetuo : o que acabou com a fugida , ou com a morte , foi a pena temporal , e por consequencia pena curta , porque acabava com a vida ; mas fica subsistindo a pena da ignominia , pena quasi sem fin , porque a tradiçao , e a historia a fazem renascer a cada instante . A vaidade faz-nos adorar o respeito , e a estimaçao dos homens ; por isso o desprezo afflige , ainda só considerado em hum cadaver , em huina posteridade , em hum nome ; a pena vil imposta em huma estatua faz pavor ; naõ pelo que he , mas pelo que representa ; o criminoso , que de longe a considera , se estremece ; por via do

pensamento se lhe communica de alguma sorte a dor , e assim nem por fugir ao castigo , fica livre d'elle. A vaidade entende que tudo quanto he nosso , he susceptivel de afflicçao , e de prazer , de respeito , e de vitorio ; e assim nos persuade , que para as razões da inagoa , e do contentamento , a nossa semelhança tem ser , a nossa sombra vida , e a nossa estatua sentimento.

A falta de Religiao , e de bons costumes , faz cahir o homem n'o estado total de perversidade ; a falta de Religiao consiste em senaõ temer a Deos , a falta de costumes resulta de senaõ temer os homens : e verdadeiramente quem naõ temer a Lei de Deos , nem as leis dos homens , que principio lhe fica por onde haja de obrar bem ? A nossa natureza propende para o mal , por isto foi preciso prescrever-lhe hum certo modo de viver ; vivemos por regras. N'o exercicio do mal achamos huma especie de docura , e de naturalidade , as virtudes praticadaõ-se por ensino , o vicio sabe-se , a virtude aprende-se. Miseravel condiçao do homem ! O que devia saber , ignora , e o que devia ignorar , sabe : para o que nos he util necessitamos de estudo , e para o que nos he

he pernicioso naõ ; para o bem necessitamos de lembrança , e para o mal de esquecimento. He necessario que nos esqueçamos do mal , que já sabemos , e que nos lembremos do bem , que devemos saber ; huma cousa custa-nos a lembrar , a outra custa-nos a esquecer. O vicio sabemos sem arte , sem tempo , sem mestre , e sem trabalho ; a virtude naõ vem commummente , senaõ como fruto da experiença , da meditaçāo , dos preceitos , e dos annos : para o vicio naõ necessitamos de conhecer , nem saber nada , para a virtude he nos preciso conhecer , e saber tudo. Difficultosa empreza ! Exercitamos o vicio , ficando da mesma sorte que somos ; em lugar que as virtudes , naõ as praticamos , sem que nos mudemos ; toda a vida levamos n'esta emenda : feliz o que a consegue ! Hum homem ás aveſſas feria hum homem perfeito. Para obrarmos bem , naõ temos mais do que consultar a natureza , e fazer o contrario ; se este documento fosse universal , e naõ tivesse alguma , ou muitas limitações , estava achado o meio de abbreviar huma das sciencias que nos he mais importante , entaõ cada hum de nós tinha em si o caso , e a lei ; só com

a diferença , de que por obrigaçāo da mesma lei , se havia de seguir a disposiçāo que lhe fosse mais contraria ; a sua observancia devia consistir n'a inobservancia , e a obediencia n'a desobediencia : e com effeito ha muitas cousas , que as naõ vê quem está n'o mesmo lugar , mas sim quem está em lugar opposto ; outras conhecem-se melhor por aquillo que lhe he desconfórme : e outras , para serem vistas como saõ , naõ se haõ de ver direitamente. Ha muitas partes d'onde senaõ pôde chegar , se logo n'o principio senaõ toma huma derrota falsa ; e ainda n'as verdades ha algumas , que senaõ pôdem alcançar , se naõ pelo caminho do erro ; para acertar tambem he necessario ver primeiro o desacerto ; a qualidade da luz distingue-se melhor pelos effeitos da sombra : quem olha para os montes do Occidente , vê primeiro nascer o Sol , do que quem inclina a vista n'o Oriente. E assim vimos ao mundo para fugirmos de nós , isto he das nossas paixões , e entre ellas das nossas vaidades , d'estas porém naõ devemos fugir sempre , porque a vaidade ás vezes he hum vicio , que serve de moderar , ou impedir os outros ; e com effeito quem naõ tem

tem vaidade alguma despreza a reputaçāo , e por consequencia a honra : esta constitue huma Religiaō humana , que senaō pôde desprezar sem crime ; por isso o homem de iniquidade he a quem desemparou naō só a virtude da razaō , mas tambem o vicio da vaidade. D'aqui vem que he util o ter alguma tintura de vaidade , a substancia naō ; naō ha de ser o corpo ; mas a superficie.

N'os contratos tem pouca parte a boa fé ; as obrigações naō bastaō , e as clausulas , por mais que sejaō fortes , todas se controvertem , e pervertem : as condições , por mais que sejaō claras , escurecem-se ; nunca faltaō pretextos para duvidar , nem meios para se fazer questāo d'aquillo , em que a naō pôde haver. Da falta da boa fé nasce a duvida , da duvida nasce o argumento , do argumento a desuniao , e d'esta a dissoluçāo do contrario , ou a accāo para o desfazer. N'o principio das nossas convenções ninguem adverte por onde possa n'ellas entrar a controversia , depois de celebradas em cada ponto se achaō mil motivos de disputa ; huma virgula de menos , ou de mais , he bastante fundamento para huma larga discussāo . Quando senaō pôde negar o ajuste ,

ne-

nega-se-lhe o sentido ; e este quando senão
pôde mudar , interpreta-se , e vem a ser o
mesmo : o que naõ tem interesse em cum-
prir o aiuste he , o que descobre n'elle as
implicancias , e defeitos , que os outros lhe
naõ vem : naõ ha coufa mais subtil do que
a malicia ; a sinceridade he simples , gros-
seira , e innoceute : o engano todo se com-
põe de arte ; por isso a perspicacia n'os
homens he qualidade suspeitosa , e que tem
menos valor , que o que commummente se
lhe dá ; porque senão he final de hum ani-
mo dobrado , e infiel , ao menos he prova
de que o pode ser. Quem sabe o como o
mal se faz , está mui perto de o fazer ; e
quem sabe o como o engano se practica ,
tambem naõ está longe de enganar. A scien-
cia do engano he já hum principio d'elle ;
que lhe falta a occasião , e a vontade ? A
occaſião pôde offerecer-se , e a vontade pou-
cas vezes resiste a occasião. Por isso n'os
contratos he mais perigosa a fé n'os que fa-
bem mais ; o arrependimento he certo ,
quando em hum ajuste , ou naõ ha conve-
niencia , ou esta já passou ; queremos af-
fastar-nos do contrato ; o ponto he saber o
como ; e assim para a infidelidade só nos fal-
ta

ta o modo , a resoluçāo naō. O nosso cuidado todo está em descobrir o expediente , e isto em ordem a mostrarr , que se mudarmos , he por vicio do contrato , e naō por nosso vicio. A repugnancia voluntaria , queremos fazer passar por necessaria : o violar a boa fé nunca nos serve de embaraço , com tanto que a violaçāo se attribua a outrem ; e o ser a culpa nossa naō importa , com tanto que pareça alheia ; aquillo em que hontem naō havia nada de impossivel , porque era questaõ de receber , hoje he todo impraticavel , porque he questaõ de dar ; hontem parece que os montes se reduziaõ a planicies , hoje as planicies se reduzem a montes. Qualquer coufa he hum obstaculo intratavel : assim devia ser , porque o prometter he facil , o cumprir difficultoso : para prometter basla a intençāo. Quem promette , exercita hum acto de liberdade , por ilso pôde haver gosto n'a promessa ; quem cumpre , já he por força da obrigaçāo , por isso em cumprir ha huma especie de violencia : a ninguem se obriga a que prometta , a que compra sim ; n'o prometter fazemos nós , n'o cumprir fazem-nos fazer ; em huma coufa nós somos o que obramos , n'a outra naō ;

para aquella vamos , para esta levaõ-nos ;
n'o tempo de prometter o que vemos , saõ
agrados , n'o tempo de cumprir o que acha-
mos , saõ durezas : huma coufa nos inclina,
a outra offende-nos ; quando promettemos ,
ficamos bem comnosco , porque nunca fal-
taõ agradecimento , e lisonjas , e por con-
sequencia vaidades ; quando havemos de
cumprir , ficamos mal comnosco , porque
co immummente nos arrependemos . Que
coufa he o arrependimento , senaõ huma ira
contra si proprio ? Estes saõ os motivos de
que nasce a deslealdade n'os contratos ; e
que poucos se haviaõ de observar , se a vai-
dade que em tudo nos governa , naõ nos
obrigasse a guardar a fé n'as nossas conven-
ções ! Estas , quando se cumprem , naõ he
por vontade , mas por vaidade ; como o
nosso empenho he conservar a estimacão ,
e opiniao dos homens , por isso tememos
que alguem diga , que mudamos , que fal-
tamos ao ajuste , e á palavra , ou que enga-
namos : todas estas expressões infamaõ ,
porque contém hum caracter de reprovação
universal , trazem o desprezo em consequen-
cia , e se se justificaõ , fazem perder o no-
me , e o respeito , á maneira de huma prof-
cri-

cripçāo , ou anathema civel ; por isso a vaidade se estremece , e nos obriga a ser leaes , por força da nossa mesma vaidade. He justiça rigorosa: de sorte que a vaidade fendo huma parte de nós mesmos se revolta , e se dirige : e assim saõ poucas as coufas , que fazemos só pela obrigaçāo , que temos de as fazer ; he necessario que outro maior motivo nos incite ; o que naõ fazemos pela verdade , fazemos pela vaidade , e d'esta sorte tudo quanto obramos , he por hum principio vicioso : o bem muitas vezes desce de huma origem má ; a razão n'o homem he como hum licor precioso em hum vaso impuro ; o licor sempre se contamina com a infecçāo do vaso ; este em nós he a vaidade.

Saõ raras as acções , que sejaõ illustres por si mesmas ; apenas haverá algumas , que naõ deixem conhecer que vem do homem. As mais das coufas admiraõ-se , porque se naõ conhecem ; e juntamente porque n'ellas ha hum rico véo , que as cobre : vemos hum exterior brilhante , que muitas vezes serve de esconder hum abysmo horrendo ; a mesma luz arma-se de raios , para que naõ possa examinar-se d'oncde lhe vem os ref-

plan-

plandores : a formosura em tudo nos attra-
he ; a nossa admiraçāo naõ pôde passar além ;
d'onde a encontra , ahi fica suspensa , e cé-
ga. Isto succede n'as accções dos homens ; as
mais sublimes , parece que nos cegaõ , e
suspendem ; e talvez seriaõ detestaveis , se
lhes naõ ignorassemos as causas. Tudo o
que tem ar de grande prende a nossa ima-
ginaçāo de sôrte , que naõ fica livre para
discorrer n'a couça senaõ n'o estado de gran-
deza em que a vê , e naõ para indagar de
d'onde veio , nem como veio. As aguas que
saltaõ de hum rochedo , e que correm veloz-
mente para o mar , antes que lá cheguem,
vaõ passando por lugares differentes ; em
huns alargaõ-se , em outros cabem mal ; em
huns achaõ fundo , e caminhaõ docemente ,
em outros só vaõ lavando a branca areá ;
em huns murmuraõ , em outros precipitaõ-
se ; em huns naõ encontraõ embaraço , cor-
rem facilmente , e com focego , em outros
detem-se , porque passaõ por penedos desig-
uaes , em huns parece que fogem , em
outros tambem parece que descançaõ ;
em huns vaõ sem rodeio , em outros re-
trocedem , e se quebraõ em mil giros ; aqui
vaõ regando a flor do campo , alli vaõ ba-
nhan-

nhando o junco humilde ; aqui correm transparentes , e alli vaõ turvas , e limosas. Estas saõ todas as mudanças por onde passaõ as aguas de huma fonte , desde que deixaõ o rochedo d'onde nascem , até que entraõ n'o mar a d'onde morrem : confundidas hoje as suas aguas , já naõ saõ aguas de huma fonte ; já naõ saõ aquellas , que vieraõ de hum rochedo sombrio , e cavernoso , mudado o nome , e o theatro , agora estaõ formando a immensidade do Oceano : já naõ servem de animar o prado , nem de triste companhia a hum amante solitario ; já naõ servem de espelho ás verdes ramas , nem o seu sussurro serve já de liquido instrumento ao canto singular das aves ; finalmente já naõ saõ cristaes as suas aguas , saõ ondas. D'esta mesma fórte saõ os homens : assim sahem , assim buscaõ , e assim chegaõ ao eslado da grandeza ; a vaidade , que os leva , e acompanha , logo lhes tira da memoria o lugar de que vieraõ , e os que andáraõ , e só lhes mostra aquelle a d'on de estaõ : ha muitas cousas que naõ queremos , ou naõ podemos ver nem n'a sua origem , nem n'o seu progresso ; a excellencia do fim nos occupa inteiramente , e impede , que vejamos a fatalidade , ou indignidade dos seus

feus meios; até o nosso pensamento parece que se deixa penetrar de attenção, de respeito, a fortuna não escolhe os homens, favorece ao primeiro que encontra, porque todos para a fortuna são iguaes, valem o mesmo; por isso o imperio do destino he absoluto, sem regras, preceitos; a vaidade nos insinúa, que todos os meios, e caminhos são bons, quando se alcança: a gloria do successo regula-se pela qualidade da vitória, e não pela qualidade do vencedor; importa menos saber, quem he o que venceo, ou como venceo, do que saber sómente quem venceo: os homens só n'a razão de homens tem igual direito huns para subirem, e outros para descerem; o merecimento só se peza n'aquelles que cahem, e não n'os que sobem. Os caminos examinao-se aquelles por onde se não chegou, e os meios são desapprovados, quando por elles se não conseguio; a fortuna costuma haver os merecimentos por justificados; a desgraça não he assim, porque os deixa duvidosos, e sujeitos ao exame: as accções, que conduzirão a algum fim grande, ainda que injusto, são menos aborrecidas; e isto á imitação da luz, que introduz a claridade n'a mesma escuridão

daõ das trévas. N'a parte em que domina algum usurpador , para elle he que se olha , e naõ para a usurpaçao ; vê-se a altura do throno , e naõ se vem os degráos por onde se subio a elle ; os meios por mais que sejaõ horrorosos , naõ se consideraõ , porque saõ como degráos , que se pisaõ ; o ponto he que o fim seja feliz. Se a vaidade fosse huma virtude , só nos havia de inspirar meios virtuosos ; mas como he vicio , tudo nos ensina : por isso o ser cruel , traidor , tyranno , naõ faz horror a quem necessita da traíçaõ , da tyrannia , e da crueldade. O el- tado da grandeza poucas vezes se adquire justamente , a fortuna parece que se irrita de que a naõ busquem por todos , e quaeſquer modos : naõ ha couſa que nos faça buscar a fortuna tanto como a vaidade.

A ambiçaõ dos homens por huma parte , e pela outra a vaidade , tem feito da terra hum espeſtaculo de sangue : a mesma terra , que foi feita para todos , quizeraõ al- guns fazella unicamente sua : digaõ os Ale- xandres , os Cesares , e outros mais conqui- tadores ; heróes naõ por principio de virtude , ou de justiça , mas por hum excesso de fortuna , de ambiçaõ , e de vaidade. Esſes mes-

mesmos , que tomados por si sós cabiaõ em hum breve espaço , medidos pelas suas vaidades , apenas cabiaõ em todo o mundo ; que mais podia excogitar á vaidade , do que fazer que alguns se lamentassem de ser o mundo estreito , e limitado ! Já lhes parecia que o tinhaõ todo debaixo do seu poder ; que tudo estava já sujeito , e que ainda assim era curto imperio todo o circuito da terra , e toda a valtidaõ do mar. Aquella vaidosa infelicidade de que se lamentavaõ , consistia em naõ haver mais mundos que pudessem invadir , devastar , vencer ; era desgraça n'elles o naõ poderem fazer mais desgraçados. Huma conquista injusta sempre começa pela oppressão dos homens conquistados , e pelo destroço de huma terra alheia , por isso as façanhas que só tem por principio a vaidade do valor , reputaõ-se grandes á proporção da impiedade , com que o mesmo valor as executa ; fazem-se famosas pela mesma impiedade : d'aqui vem que nos annaes da Historia , a parte que se admira mais , e que mais se imprime n'a lembrança , he aquella em que a narragaõ se compõe de successões mais crueis ; e em que os campos , que forão de batalha , cobertos ainda hoje de esque-

queletons informes , e partidos conservaõ certo horror; esses campos fataes , em que se observaõ espectros , de baixo da visaõ de humas luzes volateis , e em que se ouvem ainda hoje , entre o rouco som de caixas , e trombetas , vozes mal articuladas , alaridos confusos , e lamentos tristes ; esses campos , que depois de muitos seculos ainda trazem á memoria representações funestas , e em que as plantas , parece nascem com medo , e que o humor , que recebem da terra , he sensitivo ; esses campos finalmente forao os mesmos , em que a vaidade vencedora , arrancou os louvores para coroar as suas emprezas. Que monstro inspiraria a regra de medir-se a gloria dos combates , menos pela consequencia d'elles , que pelo estrago : menos pela utilidade , que pela rui na , menos pela fortuna de huns , que pela desgraça de outros ? Quantos maiores saõ os ais , os gemidos , e os clamores , tanto maior he a accaõ , e a vaidade de quem os move. Que imaginaçao barbara , e feroz , seria a que ideou n'o vencimento o ser superior aquelle de que resulta huma desolação universal? O ser cousa de que o mundo tome outra figura , outra ordem , outro mo-

vimento ; o ver perturbadas as gentes , cheias de afflicções , e espanto ; o achar todos os caminhos humedecidos com lagrimas ; rubricados com sangue , e impedidos com os despedaçados corpos de mil agonisantes ; o ouvir n'o ar em eccos entercadentes huma multidão de soluços , e suspiros : o abater imperios , e fazer d'elles desertos solitarios ; tudo fórmā hum objecto agradavel , pomposo , e illustre , em que a vaidade se inflamma , se estende , e ensoberbece . A vaidade de hum enthusiasmo heroico consiste em querer reunir em hum só braço toda a força , que a Providencia repartio por muitos ; e em querer reduzir a hum só homem toda a natureza humana .

Nascem os homens iguaes ; hum mesmo , e igual principio os anima , os conserva , e tambem os debilita , e acaba . Somos organisados pela mesma fórmā , e por isso estamos sujeitos ás mesmas paixões , e ás mesmas vaidades . Para todos nasce o Sol ; a Aurora a todos desperta para o trabalho ; o silencio da noite , annuncia a todos o descânjo . O tempo que insensivelmente corre , e se distribue em annos , mezes , e horas , para todos se compõe do

do mesmo numero de instantes. Esta transparente regiaõ a todos abraça ; todos achaõ n'os elementos hum patrimonio commum , livre , e indefectivel ; todos respiraõ o ar ; a todos sustenta a terra ; as qualidades da agua , e do fogo , a todos se comunicaõ. O mundo naõ foi feito mais em beneficio de huns , que de outros , para todos he o mesmo ; e para o uso d'elles todos tem igual direito ; ou seja pela ordem da natureza , ou seja pela ordem da sua mesma instituiçao ; todos achamos n'o mundo as mesmas partes effenciaes. Que coufa he a vida para todos mais do que hum enleio de vaidades ; e hum giro successivo entre o gosto , a dor , a alegria , a tristeza , a aversaõ , e o amor ? Ainda ninguem nasceo com a propriedade de insensivel ; a vida naõ pôde subsistir , sem estar subordinada ás impressões do gosto , e do sentimento. Todos nascemos para chorar , e para rir ; a circunstancia de chorar mais , ou menos , resulta de cada hum de nós. A violencia , e a vaidade das nossas paixões nos faz appetecer ; e quem appetece , já se expõe aos delirios do riso , e ás amarguras das lagrimas ; esse mesmo appetecer ainda só por si , he huma es-

G . pe-

pecie de sentimento, e de prazer; a imaginaçāo nos anticipa tudo, por isso o nosso contentamento, ou a nossa pena, chegaō primeiro do que o seu objecto; e este quando vem, já nós estamos, ou abatidos de tristeza, ou cheios de alegria: somos tão sensíveis, que os successos para nos moverem, não he necessário que estejaō em nós; basta que os vejamos de lonje: a nossa sensibilidade tem maior força n'a nossa mesma apprehensão; d'aqui vem que n'o mal, que se espera, ou se receia, não pôde haver alivio, porque o pensamento lhe dá huma extensaō maior; em lugar, que o mal que já se sente, pôde consolar-se, porque entaō se vê que tem limite. As cousas parece que se espiritualizaō para se entregarem a nós assim que as imaginamos; ou ao menos para que a efficacia d'ellas se incorpore em nós, muito antes que ellas cheguem; e d'este modo as cousas antes que as tenhamos, já saõ nossas; e quando a causa se apresenta, já temos sentido os effeitos; por isso desconhecemos tudo o que vimos a alcançar, e nos parece que ha falta n'aquillo que vimos a conseguir: as cousas, quando chegaō, já nos achaō saciados; porque o des-

sejo he huma especie de gozar mais activa ,
e mais duravel , mais forte , e mais continua ; d'aqui procede o ser taõ deleitavel a
esperanca , porque he huma especie de pos-
sestaõ d'aquillo que se espera . Quem imagi-
na o que deseja , tudo pinta com cores li-
songeiras , e mais vivas ; por isso a verdade
he grosseira , e mal polida , tudo o que des-
cobre , he sem adorno , antes faz desvane-
cer aquella apparencia feliz , com que os
objectos primeiro se deixaõ ver n'a idéa , do
que se mostrem n'a realidade . Todas estas
propensões , e inclinações se encontraõ em
cada hum de nós ; e assim devia ser , por-
que as variações do tempo , da idade , da
fortuna , e dos successos , a todos compre-
hende , e a todos iguala ; só a vaidade a
todos distingue , e em todos põe hum si-
nal de diferença , e hum carácter de desig-
ualdade , e por mais que a terra fosse fei-
ta para todos , nem por isso a vaidade crê ,
que hum homem seja o mesmo que outro
homem . He subtil a vaidade em discorrer ;
por isso nos inspira , que ha desigualdade
n'o que he igual ; que ha diferença n'o que
he o mesmo ; e que ha diversidade d'onde
a naõ pôde haver : mas que importa que

a vaidade assim discorra, se sempre he certo, que os homens todos saõ huns, e que os naõ ha de diferente fabrica; e que tudo quanto a vaidade ajunta ao homem, he emprestado, fingido, supposto, e exterior. Tirada a insignia, o que fica, he hum homem simples; despida a toga Consular, tambem fica o mesmo. Se tirarmos do Capitaõ a lança, o casco de ferro, e o peito de aço, naõ havemos de achar mais do que hum homem inutil, e sem defeza, e por isso tímido, e covarde. Os homens mudaõ-se todas as vezes que se vestem; como se o habito infundisse huma nova natureza: verdadeiramente naõ he o homem o que muda, muda-se o effeito que faz em nós a indicaõ do habito. De baixo de hum apresto militar, concebemos hum guerreiro valeroso; de baixo de huma vestidura negra, e talar, o que se nos figura, he hum Jurisconsulto rigido, e inflexivel; de baixo de hum semblante descarnado, e macilento, o que descobrimos, he hum austero Anachoreta. O homem naõ vem ao mundo mostar o que he, mas o que parece; naõ vem feito, vem fazer-se; finalmente naõ vem ser homem, vem ser hum homem graduado,

do , illustrado , inspirado de forte que os
atributos , com que a vaidade veste ao ho-
mem , saõ substituidos n'o lugar do mesmo
homem ; e este fica sendo como hum ac-
cidente superficial , e estranho : a máscara ,
que encobre , fica identificada , e consub-
stancial á couça encoberta ; o véo que esconde ,
fica unido intimamente á couça esconde-
da ; e assim naõ olhamos para o homem ;
olhamos para aquillo que o cobre , e que
o cinge ; a guarnição he a que faz o homem ,
e este homem de fóra he a quem se dirigem
os respeitos , e attenções ; ao de dentro
naõ : este despreza-se como huma couça
commúa , vulgar , e unifórmee em todos . A
vaidade , e a fortuna saõ as que governaõ a
força d'esta vida ; cada hum se põe n'o
theatro com a pompa , com que a fortuna ,
e a vaidade o poem ; ninguem escolhe o pa-
pel ; cada hum recebe o que lhe daõ . Aquel-
le que sahe sem fausto , nem cortejo , e
que logo n'o rosto indica , que he sujeito á
dor , á afflicção , e á miseria , esse he o
que representa o papel de homem . A morte
que está de sentinelha , em huma maõ tem
o relogio do tempo , n'a outra tem a fouce
fatal , e com esta de hum golpe certo , e inc-

vitavel, dá fim á tragedia, corre a cortina, e desapparece: a fortuna, e a vaidade, que vem desbaratada a scena, cahidas por terra as apparencias, prostrados os actores, eminudecido o coro, trocados os clarins em flautas tristes, os hymnos em trenos, os canticos em elegias, e em epitafios os emblemas; as rosas encarnadas convertidas em lirios roxos, os girasões em desmaiadas assucenas, entrelaçados os louros n'o cipreste, os cajados confundidos com os sceptros, e com burel a purpura; a vaidade pois, e a fortuna, que em menos de hum instante viraõ desvanecidos os triunfos da vida pelos triunfos da morte, precipitadamente fogem, e deixão hum lugar cheio de horror, e sombras, e d'onde só reina o luto, a verdade, e o desengano. Assim acaba o homem, assim acabaõ as suas glorias, e só assim acaba a sua vaidade.

A fraqueza dos nossos sentidos nos impede o gozar das coisas n'a sua simplicidade natural. Os elementos naõ saõ em si como nós os vemos: o ar, a agua, e a terra a cada instante mudaõ, o fogo toma a qualida de da materia que o produz, e tudo em fim se altera, e se empeora para ser proporcional-

cionado a nós. A virtude muitas vezes se acha com mistura de algum vicio; n' o vicio tambem se pôdem encontrár alguns raios de virtude; incapazes de hum ser constante, e solido, apenas se pôde dar em nós virtude sem mancha, ou perfeito vicio: a justiça tambem se compõe de iniquidade semelhante á armonia, que naõ pôde subsistir sem dissonancia, antes com correspondencia certa; a dissonancia hê huma parte da armonia. Vemos as coulas pelo modo com que as podemos ver, isto he, confusamente, e por isso quâsi sempre as vemos como ellas naõ saõ. As paixões formaõ dentro de nós hum intrincado labirintho, e n'este se perde o verdadeiro ser das coulas, porque cada huma d'ellas se apropria á natureza das paixões por onde passa. Tomaticmos por substancia, e entidade, o qué naõ he mais do que hum costume de ver, de ouvir, e de entender; a vaidade, que de todas as paixões he a mais forte, a todas arrasta, e dá ao nosso conceito a fórrima, que lhe parece: o entendimento he como huma estampa, que se deixa figurar, e que facilmente recebe a figura, que se lhe imprime. A vaidade propõe, e decide logo,

de

de forte que quando as cousas chegaõ aõ entendimento , já este está vencido ; o que faz he aprovar a preoccupaõ anterior , que a vaidade lhe introduz , e assim quando a vaidade busca o entendimento he só por formalidade , e só para a defender , e authorifar , e naõ para aconselhar. O discorrer com liberdade , suppõe huma exclusão de todas as paixões ; que os homens se possaõ isentar de algumas , pôde ser , mas que de todas fique isento ao mesmo tempo , he mui difficult. Tudo quanto vemos , he como por huma interposta nuvem ; o que imaginamos , tambem he como por entre o embaraço de mil principios differentes , incertos , e duvidosos ; e quando nos parece que a nossa vista rompeo a nuvem , e que o nosso discurso desfez o embaraço , entaõ he que estamos cegos , e entaõ he que erramos mais. A vaidade nos tem em hum continuo movimento , e como he paixaõ dominante em nós , a todas as mais sujeita , e prevalece a todas : semelhante ao impulso das ondas , a que naõ resiste o fragil de huma náo , quando o mar embravecido a faz correr com a tormenta ; o navegante parece que busca o perigo , porque naõ se opõe

põe á corrente das aguas , antes as segue ,
e só assim escapa o naufragio. Quantas ve-
zes o buscar o precipicio he o unico meio
de o evitar ! A vaidade he a tormenta , ou
o mar tempestuoso que nos move : o dei-
xar de a seguir , nem sempre pôde ser ,
nem he acertado sempre ; porque a vaida-
de he hum mal commum , e entre os ho-
mens he culpa o naõ participar de hum con-
tagio universal ; he crime o conservar-se
puro n'o meio da impureza : essas mesmas
aguas nos ensinaõ ; todas se movem ; o fu-
ror , com que se quebraõ , as conserva ; o
seu repouso seria o mesmo que a sua cor-
rupçao.

Em nada podemos estar firmes , pois
vivemos n'o meio de mil revoluções diver-
sas : as idades , e a fortuna continuamente
combatem a nossa constancia : tudo consis-
te em representaçao que começa , naõ para
existir , mas para acabar ; menos para ser ,
que para ter sido. Vimos ao mundo a mos-
trar-nos , e a fazer parte da diversidade d'elle ;
as cousas parece que nos vaõ fugindo , até
que nós vimos a desapparecer tambem. So-
mos formados de inclinações oppostas entre
si , e temos em nós huma propensaõ occul-
ta

ta , que sobre a apparencia de buscar os objectos , só procura n'elles a mudança. A inconstancia nos serve de alivio , e desopprime , porque a firmeza he como hum pezo , que naõ podemos supportar sempre , por mais que seja leve : e com effeito como podem as nossas idéas serem fixas , e sempre as mesmas ; se nós sempre vamos sendo outros ? Tudo nos he dado por hum certo tempo ; em breves dias , e em breves horas se desvanece a razaõ da novidade , que nos fazia appetecer ; fica invisivel aquelle agrado , que nos tinha induzido para desejar. Quantas vezes esperamos as sombras da noite com mais fervor do que as luzes do dia ; naõ por vicio do desejo , mas porque naõ temos forças para supportar o bem , nem para conservar o mal ? Tudo nos cança ; naõ só nos he preciso constancia para soffrer ; tambem necessitamos paciencia para gozar ; a mesma delicia nos importuna. Perdemos as cousas , primeiro pela nossa indifferença , que pelo fim d'ellas ; primeiro porque se acaba em nós o gosto , do que n'ellas a duraçao ; unicamente sensiveis quando começamos a ver , ou a alcançar ; entaõ gozamos , depois só possuimos. Os objectos depois de vistos muitas

tas vezes , ficaõ como diferentes da primei-
ra vez que os vimos ; perdem todo o nosso
reparo , e attençao : os olhos facilmente se
esquecem do que sempre vem ; naõ porque
o costume nos tire a admiraçao , mas porque
a fraqueza dos nossos sentidos a naõ pôde
conservar. Oh quaõ diversos saõ em si os
principios de que se compoem o homem ;
primeiramente terra , e ultimamente racio-
nal ! Começa a melhorar-se desde a sua pri-
meira origem até que vem a tornar á aquil-
lo de que procedeo. Infeliz methamorfosis !
Tudo o que nasce he para naõ ser 'firme ,
nem constante : a terra apenas alenta as suas
produçoes , quando logo as deixa , e desa-
nima ; o mesmo firmamento , com giro ra-
pido , esconde pela tarde os Astros que ama-
nhecerao com a Aurora. Só a vaidade he
constante em nós ; em tudo o mais a firme-
za nos molesta : com o tempo , e a razaõ
vimos a perder huma grande parte da sen-
sibilidade n'o exercicio das paixões ; porém
o exercicio da vaidade naõ se perde com a
razaõ , nem com o tempo. O nosso gosto
debilita-se , altera-se , muda-se , e tambem
se acaba ; a vaidade sempre persiste , e du-
ra : isto deve ser , porque os nossos senti-
dos

dos usão-se ; a vaidade não : n'aquellos o costume os enfraquece , n'esta o costume a augmenta , e aviva. A jurisdição dos sentidos he muito limitada , porque os olhos só vem , os ouvidos só ouvem , e o tacto só sente ; e para haver ainda menos firmeza n'os sentidos , estes quasi sempre estão enfermos ; e não pôde haver constancia , d'on de pôde haver enfermidade , de sorte que a inconstancia não he mais do que enfermidade dos sentidos. As nossas acções dependem mais da constituição do nosso corpo , que da estabilidade da nossa vontade ; o estado do nosso animo depende da nossa disposição ; por isso a inconstancia he natural , porque logo que nascemos , entramos em hum estado continuo de mudar. O tempo não conta a nossa idade pelos annos , mas sim pelos instantes , e cada instante de mais também he de mais em nós huma mudança. Caminhamos com pressa , e com gosto para o fim ; semelhantes aos rios , que apressadamente correm para o mar , d'on perdem a docura , e acabão. Não ha imagem mais propria da vaidade humana , do que esses mesmos rios ; nem todos tem o nascimento em hum profundo lago ; nem
to-

todos trazem do monte Olimpo a origem; nem todos correm por entre flores, por entre platanos, e cedros; nem todos trazem ouro n'as aréas, porque nem todos vem de d'onde vem o Tejo; huns assim que nascem, logo formaõ hum diluvio de agua, innundaõ a campanha, e com violencia, e pezo, tudo abatem, forçaõ, levaõ; o leito que os sustenta, em partes se abre, se rompe, e se desfaz. Outros rios mais pequenos n'o principio, depois se fazem caudalosos, n'o caminho engrossaõ com emprestadas aguas, que recebem: huns correm por cima de esmeraldas, outros naõ tem n'o fundo mais do que humildes conchas, pardos seixos, verdes limos; huns nascem entre cristaes claros: outros entre rocha escura, huns passaõ escumando, e com estrondo, outros só murmurando; huns achaõ campo largo, em que as aguas se dilataõ, e em que o Sol se vê, outros correim prezos, e opprimidos por entre serras agrestes, e sombrias; huns tem alto o nascimento, porque este he n'o cume de altos montes, por isso ainda quando descem passaõ com estrepito, e furor; outros tem o mesmo nascimento baixo, porque este he n'a

par-

parte mais remota de hum valle inferior, por isso correm mansamente, e sem ruido, só se deixão ver, e naõ se ouvem; finalmente huns saõ frios com excesso, outros tem calor; huns servem de remedio, outros de mal; de huns sabe-se o principio, de outros naõ; huns tem nome famoso n'os annaes da historia, outros apenas se conhecem. Todas estas diferenças, encontraõ-se n'os rios; huns pequenos, outros grandes; huns elevados, outros abatidos. Parece que tambem n'as aguas ha fortuna, e vaidade. Mas que importa, a diferença dos lugares, naõ faz que as aguas sejaõ diferentes: que humas naſçaõ n'os montes, e outras n'os valles; que humas venhaõ das nuvens, e outras da terra: que humas corraõ claras, e outras turvas, nada d'isso faz n'as aguas diversidade alguma; todas saõ as mesmas n'a razão de aguas; o que succede he passarem por lugares differentes; a natureza, o principio, e o fim he o mesmo; todas vem do mar, e tornaõ para o mar; o serem as aguas muitas, de forte que cheguem a formar hum rio, ou serem poucas, de forte que só fórmem huma fonte, naõ introduz n'ellas diferença. Quem ha de dizer,

zer, que muitos homens, juntos n'a razaõ de homens, sejaõ differentes d'aquelleas que estaõ sós? O mar he o centro de d'onde as aguas sahem, e para d'onde tornaõ; os meatos da terra em humas partes saõ estreitos, e em outras largos, d'aqui vem que quando as aguas chegaõ á superficie do globo, succede sahirem com mais, ou menos abundancia, e assim naõ differem os rios das fontes, senaõ n'o diametro do canal, e em este se terminar em algum monte, ou algum valle; e n'esta forma de que se desvanecem esses rios? Será de passarem por caminhos mais, ou menos largos? De se juntarem huns com outros, e fazerem mais volume? De encontrarem diamantes? Ou de acharem hum campo mais, ou menos dilatado? Nada d'issò he seu. Que lustre pôde resultar do encontro de huma coufa alheia, disticta, separada, e estranha? As aguas passaõ como saõ, e por passarem por rubins, naõ se convertem n'elles, nem se dignificaõ pela qualidade do caminho: o correrem mais juntas, naõ lhes muda a natureza; a substancia de huma pinga de agua, he a mesma que a de hum río inteiro; o tamanho he circunstancia ex-

te-

terior , e independente. N'a creaçāo do mundo naō houve n'as aguas diferença , só houve divisaō ; a diversidade só foi n'o nome , e n'o lugar ; mas naō n'a materia original : o Espírito vivificante , e eterno , em todas infundio hum movimento proprio , circular , fecundo , e sujeito ás leis do pezo , e do equilibrio. Ha pois n'as aguas o mesmo nascimento em todas , a mesma propriedade , e o mesmo fim. Assim saõ os homens ; n'o seu genero , tem com as aguas hum paralelo , ou figura igual. Nem todos nascem n'a abundancia : nem a todos a fortuna lisonjea ; huns parece que nascem para o descanço , outros para o trabalho , huns para a grandeza , outros para a humildade ; huns para a opulencia , outros para a miseria ; huns para o respeito , outros para o desprezo ; huns para a memória , outros para o esquecimento , huns para a bonança , outros para a tormenta ; huns para venturas , outros para desgraças ; huns para as attenções , outros para os descuidos ; a huns vemos subir , a outros descer. Mas que importa que n'o exterior do homem haja tanta diferença , se n'o seu interior naō ha nenhuma ? Que importa que fe-

sejaõ diversos os lugares, se n'os sujeitos naõ ha diversidade? Quem ha de haver que diga, que o homem que está posto n'o elevado de huma torre, seja mais homem, que aquelle que está posto em campo razo? O homem muda de lugar, mas naõ muda o ser de homem; em toda a parte he o mesino, e em nenhuma he mais, nem menos; pôde parecer maior, mas ser, naõ. O Sol n'o meio dia brilha mais, naõ porque deixe de ser o mesmo, nem porque entaõ tenha mais luz, mas porque esta faz mais effeito em hum lugar, que em outro; n'o Occaso, e n'o Oriente he o mesmo Sol, e a mesma luz; mas naõ parece o mesmo. Assim saõ os homens; em qualquer parte que os ponhaõ, todos saõ iguaes, e uniformes; a differença, que ha entre elles, naõ tem outro fundamento, que o que vem da preoccupaõ, e do conceito; saõ duas cousas, e ambas vãs, porque nenhuma tem realidade. A fortuna pôde armar o homem com jeroglificos, e adornos figurados, mas naõ o pôde armar senaõ por fóra; quem levantar as roupas, ha de ver o engano, e a supposiçaõ, e naõ ha de achar mais do que hum homem como os outros, cujo

ornato he de pura fantasia , arbitaria , artificial , e separavel; a fortuna pôde vestir, naõ pôde formar ; sabe fingir , mas naõ sabe fazer. O mesmo obsequio todo se compõe de hum ceremonial imaginario , mudavel , de instituiçao nacional , e variante. O incenso que algumas vezes he symbolo da vaidade , e da lisonja , primeiro que exhale o seu perfume , arde , e n'o ar se extingue , e se consome. Tudo o que nos recreia , e nos attrahe , he exhalacão , e fumo ; por isso o emprego da vaidade todo consiste em dar substancia ás vozes , entidade ao modo , e corpo ao vento.

A vaidade satisfeita , ou offendida , he a que nos faz buscar a solidão , e o retiro ; como temerosos de perder a tristeza , em que achamos hum agrado de genero diverso. Ha muitos males , em que a vaidade parece se deleita ; e ainda sem vaidade a alegria muitas vezes n'os soçobra ; naõ só o excesso , mas ainda a mediocridade d'ella ; porque nunca a gozamos sem alguma perturbaçao : hum receio insensivel de a perdermos , basta para opprimir-nos , e por mais que o contentamento nos extasie , nunca nos deixa em estado de naõ sentir. A vaidade sa-

satisfeita naõ nos entrega á alegria , sem primeiro a temperar , com a mesma equidade com que nunca nos entrega todos á tristeza . A uniaõ do gosto com o pezar naõ he incomparavel , por mais infinita que nos pareça a distancia de hum a outro extremo . Tambem a vaidade , e a humanidade muitas vezes se encontraõ , se unem , e se conservaõ .

A mais pura alegria he aquella que gozamos n'o tempo da innocencia ; estado venturoso , em que nada distinguimos por discurso , mas por instincto ; em que nada considera a razao , mas sim a natureza . Entaõ circula veloz o nosso sangue , e os humores que em hum mundo novo , e resumido , apenas tem tomado os seus primeiros movimentos , os humores saõ os que produzem as nossas alegrias ; e com effeito naõ ha alegria sem grande movimento ; por isso vemos , que a tristeza nos abate , e a alegria nos move : o socego ainda que indica contentamento , com tudo mais he representaçao da morte que da vida , e a tranquillidade pôde dar descanço , porém alegria naõ a dá sempre . Mas como pôde deixar de ser pura a alegria dos primeiros annos , se ainda entaõ a vaidade naõ domina em nós ? Entaõ só

H ii sen-

sentimos o bem , e o mal , que resulta da dor , ou do prazer ; depois tambem sentimos o mal , e o bem da opiniao ; isto he da vaidade : por isso muitas cousas nos alegraõ , que tomadas em si mesmas , naõ tem mais bem , que aquelle com que a vaidade as considera ; e outras tambem nos entrustecem , que tomadas só por si , naõ tem outro mal , que aquelle que a mesma vaidade lhes suppõe. A vaidade naturaliza em nós as opiniões do mundo ; e de tal sorte , que o conceito , que formamos das cousas , por mais que nos seja indiferente , ou incerto , sempre faz em nós huma verdadeira impressão de alegria , ou de tristeza. Tudo o que sabemos , he como por tradicção : porque successivamente himos deixando huns aos outros as intelligencias , em que se fundão as nossas vaidades , e as himos passando como de maõ em maõ ; as que recebemos dos que já vieraõ , essas mesmas havemos de deixar aos que haõ de vir ; he huma herança , que se distribue igualmente a todos , e que todos largaõ , e entregaõ n'a mesma fórmula que recebem ; por isso as idéas novas reputaõ-se como partos illegitimos , e suppostos , porque lhes falta a authoridade do tempo , que

as

as devia authenticar. Tudo envelhece n'o mundo ; e a velhice em tudo imprime hum caracter veneravel : a antiguidade ennobrece as vaidades , e opiniões , e d'estas as modernas saõ menos singulares , por que tem a desgraça de começar : d'aqui vem que naõ temos alegria , senaõ em quanto naõ temos vaidade , e naõ temos vaidade , senaõ em quanto naõ temos sciencia d'ella. A entra da da vida he innocent , por isso entaõ he pura a alegria ; a continuaçao da mesma vida he vaidosa , por isso a alegria entaõ he imperfeita. N'os primeiros annos vemos as cousas como ellas saõ , depois vemo-las , como os homens querem , queellas sejaõ ; em hum tempo a alegria só depende de nós : depois tambem depende dos outros ; n'aquelle a alegria vem de huma natureza ainda ignorante , e sem vaidade : depois procede de huma natureza já instruida , e por consequencia vaidosa. Que cousa he a sciencia humana , sem huma humana vaidade ? Quem nos dera , que assim como ha arte para saber , a houvesse tambem para ignorar ; e que assim como ha estudo , que nos ensina a lembrar , o houvesse tambem , que nos ensinasse a esquecer.

Somos compostos de huma infinitade de paixões diversas , e entre ellas a alegria, e a tristeza saõ as que se manifestaõ mais , e as que saõ mais difficeis de occultar : o semblante reveste-se do estado do nosso animo , e a alma que em qualquer parte do corpo nos anima , ou se mostra prostrada , e sem accão , ou cheia de huma justa desordem , e de alento ; se se vê afflita , nos desempara , e se retira ao fundo mais interior de nós mesmos ; contente , procura aparecer , e se faz visivel debaixo da fórmā do nosso riso. Isto mesmo succede á vaidade ; naõ se pôde esconder , por mais que tome a figura de humildade , de submissaõ , e reverencia ; a mesma vaidade quando está contente , logo se descobre , e se deixa ver debaixo de hum ar altivo , e arrogante ; se está menos satisfeita , entaõ he que toma hum ar de devoçaõ , e desengano : com tudo a híprocrisia da vaidade pôde durar muito ; porque como os homens de tudo se intumecem , em tudo acha a vaidade hum exercicio essencial ; por isso naõ só ha vaidade n'a alegria , mas tambem n'a tristeza : o homem naõ só se desvanece da fortuna , mas tambem da desgraça ; de sorte que a vai-

vaidade he o mesmo que huma consolaçāo
universal.

A fortuna nos dispõe para a alegria ,
mas naõ he só o que a causa ; a desgraça con-
duz para a tristeza , porém naõ he só , o
que a motiva ; antes parece que ha huma
certa porçāo de alegria , e de tristeza , que
ha de passar por nós precisamente ; a fortu-
na , e a desgraça naõ a produz , só a desper-
ta. Tudo nos he dado como por conta ; a
vida , a fortuna , a desgraça , a alegria , e
a tristeza : em tudo ha hum ponto certo ,
e fixo ; a vaidade que governa todas as paixões ,
em humas aumenta a actividade , em
outras diminue ; e todas recebem o valor ,
que a vaidade lhes dá. Estamos n'o mundo
para ser alvos do tempo ; e d'este todas as
mudanças naõ se dirigem a nós , dirigem-
se á nossa vaidade : os sucessos fazem effei-
to em nós , porque primeiro o fazem n'a
nossa vaidade ; de sorte que hum homem sem
vaidade seria o mesmo que hum homem insen-
sivel ; o prazer , e o desgosto , que naõ
vem das primeiras Leis da Natureza , saõ
vãos em si mesmos , de instituiçāo politi-
ca , e unicamente criaturas da vaidade.

As virtudes humanas muitas vezes se
com-

compoem de melancolia , e de hum retiro agreste. As mais das vezes he humor o que julgamos razaõ ; he temperamento o que chamamos desengano ; e he enfermidade o que nos parece virtude. Tudo saõ effeitos da tristeza ; esta nos obriga a seguir os partidos mais violentos , e mais duros , raras vezes nos faz reflectir sobre o passado ; quasi sempre nos occupa em considerar futuros ; por isso nos infunde temor , e cobardia , n'a incerteza de acontecimentos felices , ou infaustos ; e verdadeiramente a alegria nos governa em fórmá , que seguimos como por força os movimentos d'ella ; e do mesmo modo os da tristeza. Hum animo alegre disfarça mal o riso ; hum coraçäo triste encobre mal o seu desgosto : como ha de chorar quem está contente ? E como ha de rir quem está triste ? Se alguma vez se chora d'onde só se deve rir , ou se ri por aquillo porque se deve chorar , a alma entaõ penetrada de dor , ou de prazer , desmente aquelle exterior fingido , e falso. Só a vaidade sabe transformar o gosto em dor ; e esta em prazer , a alegria em tristeza , e esta em contentamento ; por isso as feridas naõ se sentem , antes lisonjeaõ , quando fo-
raõ

raõ alcançadas n'o ardor de huma peleja , esclarecida pelas circunstancias da victoria ; as cicatrizes por mais que causem deformidade enorme , naõ entritlecem , antes alegraõ , porque servem de prova , e instrumento visivel , por onde a cada instante , e sem palavras , o valor se justifica ; saõ como huma prova muda , que todos entendem , e que todos vem com admiraçao , e com respeito ; a tristeza , que devia resultar da fealdade , confunde-se , perde-se , e se muda em alegria , por meio das acclamações do aplauso , a dor do golpe tambem se converte em gosto , por meio do remedio , e simpathia do louvor ; este attrahe a si toda a nossa sensibilidade , e deixa a natureza como insensivel , absorta , e indolente : assim se vê que a vaidade nos livra de huma dor como por encanto ; por isto nos he util , pois serve de acalmar os nossos males ; e se os agrava alguma vez , he como a maõ do artista , que faz doer para curar : e com effeito a vaidade naõ persiste muito em fazer sensivel a razaõ que nos molesta ; na mesma injuria do desprezo fabe descobrir algum motivo , que ou diminue a pena , ou totalmente a tira ; lá vai buscar a Religiao para fazer

zer da paciencia o maior merecimento; outras vezes faz que achemos n'os exemplos hum alivio constante: e que o mesmo vituperio, visto em sujeitos grandes, naõ só disfarça o nosso pela imitaçāo, mas que tambem o authorize, e illustre pela razaō da semelhança. A vaidade naõ consente, que a nossa presumpçāo fique abatida, antes para a conservar, lembra mil interpretações, e applicaçōes forçadas; d'aqui vem o excogitar a vaidade a regra, de que hum dos privilégios da grandeza, he ser superior ás maximas do vulgo, e que n'ella o descredito naõ desacredita, a deshonra naõ deshonra, e a infamia naõ infama. A vaidade da grandeza parece que he mais subtil, e mais vā do que as outras vaidades, pois introduz o poder, e a authoridade, até no modo de pensar. Mas que importa que a vaidade estableça regras, se estas sempre ficaõ dependentes da approvaçāo dos homens; e se estes naõ sabem sujeitar os seus conceitos, senão á aquillo que he commum, que toca a todos, e que a todos comprehende? Por isso assim como em todos pôde ter lugar a causa da ignominia, tambem em todos pôde ter lugar o effeito d'ella. A vaidade pôde enga-

ganar a cada hum , pelo que respeita a si,
mas naõ pôde enganar a todos , pelo que
respeita a cada hum. Contra a imaginaçāo
naõ ha poder , contra as accções , sim ; o
pensamento em quanto naõ sahe da sua es-
fēra , tem huma liberdade inteira , impe-
ntravel , e muitas vezes insensivel. Creia
pois a grandeza o que quizer de si , porque
tambem nós havemos de crer d'ella o que
quizermos. A sua vaidade poderá promet-
ter-lhe , ou fingir-lhe varias isenções , porém
fundallas , naõ ; poderá querer introduzir ,
mas fazer reconhecer , de nenhuma sorte. O
labéo para todos he o mesmo , e se ha n'elle
differença , he que n'as pessoas eminentes fica
sendo mais reparavel , e maior. Em huma
pedra vil naõ ha imperfeiçāo a que se at-
tenda muito ; em huma pedra preciosa qual-
quer defeito lhe faz perder a estimaçāo : as
manchas de hum Planeta saõ impercepti-
veis ; n'o Sol qualquer vapor o offusca ; o
menor eclipse he de todos conhecido ; to-
dos o calculaõ , todos o vem , e o medem !
N'as sombras naõ ha que distinguir , n'a
luz qualquer alteraçāo he reparavel.

A nossa tristeza nos faz parecer tudo
o que vemos triste ; a nossa alegria tudo
nos

nos mostra alegre; e o nosso contentamento tudo nos mostra com agrado: os objectos influem menos em nós, do que nós influímos em nós mesmos. Vemos como de fóra as apparencias de que o mundo se compõe, por isso não conhecemos o seu verdadeiro ser, nem gozamos d'ellas n'o estado, em que as achamos, mas sim n'aquelle em que ellas nos achaõ. A delicia dos olhos, e do gosto, depende mais da nossa disposição, que da sua efficacia, o mesmo, que hontem nos attrahio, hoje nos aborrece; hontem porque estava sem perturbação o nosso animo, hoje porque está com desasco- cego; e tudo porque não somos hoje, o que honte fomos: o mesmo que hoje nos agrada, a menhã nos desgosta, e os objectos, por serem os mesmos, não causaõ sempre em nós as mesmas impressões; por motivos diferentes recebemos alterações iguaes. O pouco que basta para affligir-nos, ou para contentar-nos, bem mostra o pouco constantes, que saõ em nós a afflictão, e o contentamento; por isso huma, e outra cousa nos deixa com a mesma facilidade com que nos penetra. Como a maior parte das cousas, que sentimos, he sem razaõ, também

bem nos naõ he necessario razaõ para deixarmos de as sentir ; espaços de tempo , em que nos esquecemos de sorte , que ficamos indiferentes para tudo ; e que tudo nos fica indiferente. A mesma natureza a cada passo equivoca , com ais denota o contentoamento , e explica com gemidos o alvoroco ; as ancias , e suspiros , que acompanhaõ o tormento , tambem saõ do gosto a imagem , e a expressão mais viva. A vaidade , que commummente produz as nossas alegrias , e tristezas , humas vezes tudo nos representa alegre , outras tudo nos offerece triste. Tambem n'a vaidade ha horas ; em huinas occupa-se em objectos de grandeza , em outras toda se entretem em idéas de opulencia ; humas vezes realiza a nossa fantasia , em fórmia , que tudo nos propõe já conseguido ; entaõ he que a vaidade nos enche de alegria ; e he tambem quando a alegria he vã , porque o seu motivo naõ tem corpo , e só se compõe de huma visão , ou sonho : outras vezes a vaidade nos enfeita com adornos tão ricos , e sublimes , que naõ podendo sopportar , nem o esplendor , nem o pezo da figura , ella mesma se desvanece ; entaõ he que a tristeza nos comba-

bate , porque entaõ nos vemos como somos. O homeim em si , he obra de huma intelligencia inexplicavel. Os seus adornos he que saõ materiaes ; a mesma grandeza , e fausto , só consta de hum apparato superficial , risivel , e que naõ tem mais valor , que o que a vaidade , e o costume lhe tem dado : o costume he tudo ; as cousas naõ saõ nada ; o de que fazemos tanto caso ; naõ he mais , do que o modo com que os homens significaõ , ou explicaõ o respeito ; o mesino costume faz , que buscamos humas cousas , e fugimos de outras , e que humas nos entristecem , e outras nos alegraõ ; e como hum mesmo objecto pôde ser considerado por modos mui diversos , por isso alguns ha que ao mesmo tempo nos alegraõ , e entristecem ; ao mesmo tempo nos fazem chorar , e rir ; amar , e aborrecer ; por isso os nossos affectos mudaõ , encontraõ-se , e variaõ. Somos os instrumentos da vaidade ; ella nos tempéra , e põe n'o tom , que lhe parece ; humas vezes nos levanta , outras nos abaixa ; huma vez he hum tom subtil , delicado , e agradavel , outra he hum tom aspero , duro , e pouco armonioso. A sociedade dos homens fórmá hum con-
cer-

certo de infinitas vozes , e de infinita diversidade. Todos choraõ , e todos cantaõ ; a vaidade a todos dá porque cantem , e porque chorem ; todos entraõ como partes principaes ; ninguem fica destinado , sómente para ouvir , e ver ; em quanto dura a acção , (isto he a vida) todos fallaõ , depois todos emmudecem ; a estatua , que a vaidade enchia de ardor , e movimento ; depois fica immovel , e insensivel o mesmo homem , que attrahia tudo a si , depois tudo faz fugir de si , que notavel diferença ! O mesmo que se via com gosto , e com respeito , depois se se vê , he com horror ; e isto porque finalmente veio a desfazer-se o edificio mais nobre , mais regular , e mais soberbo , a melhor architecatura jaz por terra ; os marmores ficaraõ sem lustro , as colunas sem força , os porticos sem ordem , os ornatos sem graça : já senaõ vem senaõ torres abatidas , muros arrancados , frizos rotos , bazes despedaçadas : naõ ha parte , por mais minima que seja , em que a ruina naõ seja universal ; he ruina , em que naõ pôde haver reparo ; he templo , cuja destruiçao naõ se pôde reedificar por arte : os materiaes confusos , inuteis já , perdida

a proporção, a medida, a correspondência, o polimento, e ainda a mesma substância da matéria, tendem desordenadamente a huma transformação fatal, impura, fentina, verminosa, e horrenda; a terra piedosamente se abre, como para recolher, ou esconder em seu seio, o mesmo que tinha saído d'elle; com a diferença lastimosa de receber em hum cadáver, symbolo do espírito, e da tristeza, aquillo mesmo que havia entregue em hum homem, symbolo da alegria, e da vaidade.

Os tempos, e as ocasiões, tiraõ, ou daõ valor á vaidade dos homens; e ainda que n'elles se vejaõ as mesmas vaidades, com tudo ha vaidades predominantes, que se mostraõ mais em certos tempos, e que em certas ocasiões se encontraõ mais. Assim como n'as outras cousas, tambem n'a vaidade algumas ha, que saõ como filhas de hum lugar, e que em hum paiz tem mais reputação que em outro. Os vícios lá parece que dependem da fortuna; porque as illusões que os homens idolatraõ, naõ tem igual estimação em toda a parte. Assim como mudamos de destino, tambem mudamos de vaidades, naõ porque deixamos totalmente.

mente humas , para seguirmos outras ; mas porque ha vaidade , que em certos tempos tem mais culto. Ainda que a terra seja o primeiro movel da vegetaçao , com tudo , nem toda a terra he propria para todo o vegetal ; aquella em que nasce a rosa , muitas vezes se nega ao lirio ; alli d'onde o jasmim se cria , dá-se mal a assucena ; lá d'onde o urmo reverdece , naõ pôde tomar alento a hera : a mesma terra , base de todo o sensitivo , só n'a Africa he patria do Leão , n'a America do Leopardo , n'a Asia do Elefante ; o Cisne só canta n'as ribeiras do Meandro ; a Feniz só n'a Arabia se diz que sabe renascer das suas cinzas ; a Aguia naõ remonta ao Sol em qualquer parte. Isto mesmo se vê n'a vaidade , humas nascem com o homem ; essas saõ vaidades universaes , outras resultaõ das opiniões , que saõ proprias , e particulares a cada huma das nações ; essas saõ vaidades locaes , e territoriaes : e n'esta fórmã governa a vaidade o mundo , dividida em muitas classes , ou em muitos generos de vaidades. Em huma regiaõ a vaidade dominante consiste n'o valor , em outra n'o luxo , em outra n'a origem ; muitos homens ha que fazem vaidade de alguns

guns vicios , a que os inclina a qualidade do clima , e necessidade do terreno ; de sorte que aquillo mesmo , que em hum lugar se faz por vaidade , em outro por vaidade naõ se faz ; aquillo , que em huma parte se estima por vaidade , em outra por vaidade se despreza : como a vaidade depende da opinião das gentes , por isto he taõ mudavel como a mesma opinião ; e com efecto a vaidade he causa essencial n'o homem ; a especie d'ella naõ. Vivemos continuamente em esperanças , e quando alguma nos deixa , e nos engana , logo nos deixamos enganar por outra ; naõ podemos viver sem aquelle engano. A vaidade que nos anima primeiro , anima todas as paixões , só com a diferença de que esta nos fa terra , ou esta terra do homem , naturalmente produz esperança , e vaidade , e tudo o mais vem por força da cultura , e do artificio. O mesmo amor está sujeito ás leis da vaidade. Quem diffira , que o amor , que he como a alma de toda a natureza , tenha n'a vaidade o seu principio , e algumas vezes o seu fim. Nascer o amor da vaidade , e morrer por ella , isto he amar por vaidade ; e tambem por vaidade naõ amar , ou

ou deixar de amar, parece difficulte entender; com tudo a proposição he certa; mas como havemos de mostralla, sem entrar ao mesmo tempo em huma successiva progressão a respeito do amor, a respeito da formosura, e por consequencia a respeito das mulheres? Sim faremos alguma digressão: mas que importa, em tudo havemos de encontrar a vaidade. Deixemos por hum pouco a vaidade só; naõ sejaõ tudo reflexões sobre o fim do homem, sejaõ algumas sobre o seu principio; naõ o busquemos n'aquelle estado, em que elle acaba, mas sim n'aquelle, em que começa; larguemos hum instante aquelle assumpto triite, e busquemos n'o amor hum mais alegre; façamos da mesma digressão, divertimento, depois sempre acharemos vaidade n'a formosura, n'o amor, e n'as mulheres.

O amor naõ se pôde definir; e talvez que esta seja a sua melhor definição. Sendo em nós limitado o modo de explicar, he infinito o modo de sentir; por isso nem tudo o que se sabe sentir, se sabe dizer: o gosto, e a dor, naõ se pôdem reduzir a palavras. O amor naõ só tem occupado, e ha de ocupar o coração dos homens, mas

tambem os feus discursos ; porém por mais que a imaginaçāo se esforce , tudo o que produzir a respeito do amor , saõ atomos. Os que amāo naõ tem livre o espirito para dizerem o que sentem ; e sempre achaõ que o que sentem he muito mais do que o que dizem ; o mesmo amor entorpece a idéa , e lhes serve de embaraço : os que naõ amāo , mal podem discorrer sobre huma impressão , que ignorāo , ; os que amáraõ , saõ como a cinza fria , d'onde só se reconhece o effeito da chamma , e naõ a sua natureza ; ou tambem como o cometa , que depois de girar a esfera , sem deixar vestigo algum , desapparece.

Conhecemos as cousas , naõ pelo que elles saõ em si , mas pela diferença , que entre ellas ha , e esta diferença consiste em naõ serem humas o mesmo que outras saõ ; a essencia das cousas nos he totalmente occulta ; e assim conhecemos os objectos , pela diversidade das figuras , e naõ pela substancia d'elles ; a nossa noticia , toda se compõe de comparações ; por isso aquillo que naõ tem cousa , que lhe seja em alguma parte semelhante , fica sendo inexplicavel : isto succede ao amor ; ninguem o pôde

de explicar verdadeiramente , porque naõ ha cousa , a que seja verdadeiramente comparavel ; o mais a que o conceito chega , he a servir-se de expressões oppostas entre si , como quando se diz , que o amor he fogo , que he neve , que he alivio , que he pena , que he luz , que he sombra .

O amor distingue-se das mais paixões , em ter por objecto hum fim corporal , sujeito á sociedade : por isso dura por intervallos . A Providencia para conservação do mundo , suscitou o amor , naõ só n'os homens , mas em toda a natureza : ainda os insensíveis , parece que amão , e que sentem ; a diferença deve de estar n'o modo de amar , e de sentir . As creaturas saõ mais perfeitas , á proporção que saõ capazes de mais amor : e assim o amor naõ só he o principio da vida , mas também he hum final de perfeição .

Dizer que o amor procede de huma certa conformidade de humores , e de ge-
nio , mais he subtileza , que verdade ; a filosofia n'esta parte naõ foi mais feliz que em outras , d'onde a sciencia consiste em saber mais termos , e palavras , e naõ em saber mais cousas . Digamos antes , que o amor
pro-

procede da formosura ; que origem lhe havemos de dar mais nobre ? A razão mais fácil costuma ser ás vezes a mais certa ; duvide-se embora da origem da formosura , porém naõ se duvide d'a do amor.

Cada cousa tem hum limite certo , entre cuja extremidade se deve conter , e regular ; porém esse tal limite naõ he facil de se achar , e n'o amor he quasi impraticavel , porque he huma paixão que naõ tem limite , e que só n'o excesso se mostra , e se acreditata. Naõ ha delirio , que os homens naõ desculpem , quando vem de hum grande amor ; ha delictos em que o perdaõ se alcança em favor do mesmo crime ; entaõ aborrece-se o effeito , mas a causa admira-se ; ninguem quizera o sucesso em si , mas todos invejaõ o motivo.

Hum amor mediocre , e vulgar só se occupa n'o deleite dos sentidos , e d'elle faz a maior felicidade ; hum amor sublime alimenta-se em contemplar o objecto que ama ; este he o amor humano , de quem se diz tem semelhança com o amor divino. Ha vicios , que de alguma sorte , parece que daõ documentos para a virtude. O amor ordinario he impulso da natureza ; o amor subido

do he como huma emanacão da alma; aquelle he sujeito á faciedade, e por consequencia á dor; porque a faciedade he huma especie de dor, e de tormento, porém este não he susceptivel de algum desalocego; aquelle busca fóra de si o alivio; este acha em si mesmo o contentamento; hum he como dependente da vontade de outrem; o outro he isento do arbitrio alheio. O nosso bem só deve depender de nós; por isso nos fazemos infelices, á proporção que buscamos a nossa felicidade em outra parte. Mas como pôde deixar de ser assim? O nosso desejo não se pôde conter dentro de nós, porque os seus objectos todos são exteriores, a cada instante envelhecemos, porém os nossos desejos a cada instante se renovaõ, e renascem: vivemos n'o mundo rodeados de huma immensidate de cousas diferentes, e estas successivamente vaõ sendo o emprego do nosso cuidado, e das nossas atenções; todas achaõ em nós huma certa disposição, que faz, que a humas queremos, e a outras não; as nossas paixões são as que escolhem, ou reprovaõ; as cousas já vem configuradas em tal forma, que assim que nos encontrão, logo achaõ, ou hum lugar proporcionado, ou

ou incompativel, tudo aquillo em que ha grandeza, e pompa, a vaidade o recebe, e guarda; tudo o em que se mostra formosura, o amor o abraça, e se suspende. Tudo entra em nós, ou por força de amor, ou por força de vaidade: a quem a vaidade não vence, vence o amor.

Não temos liberdade para deixar de amar a formosura do mundo, e das suas partes; não temos livre o alvedrio para resistir ao encanto, que a natureza esconde n'as suas producções. A variedade das cores, o movimento dos brutos, o canto das aves, o elevado dos montes, o ameno dos valles, a verdura dos campos, a suavidade das flores, e o crystallino das aguas, tudo attrahe a noffa admiraçao, e tudo nos infunde amor. A fabrica do universo he como hum retrato da Omnipotencia; a grandeza do effeito indica a magestade da causa; por isso o amor, ou o louvor da obra, cede em honra do artifice.

Esta insigne machina serve de delicia aos nossos olhos, e de pasmo ao nosso entendimento, toda se compõe de partes agradaveis, como se inteiramente fosse tirada de hum fundo, ou principio immen-

so de formosura. A mesma desordem das coisas nos recrea; o furor dos elementos forma hum espetáculo perfeito: o ar com os seus bramidos, a terra com os seus tremores, a agua com os seus combates, e o fogo com os seus incendios. N'o vento admiramos humar, ou espirito invisivel, cuja força se emprega n'a ruina de muitas coisas solidas; os terremotos já reduziraõ em montes as planicies, e fizeraõ planicies dos montes, como se o mundo naõ tivera o seu assento firme; as aguas entre si se quebraõ, e despedagaõ, e quanto mais horribveis, e agitadas, tanto mais nos mostraõ em liquido theatro mil vistosas apparencias; o fogo ainda quando parece raio nos divide, e ainda quando abraza allumêa; a formosura até se sabe introduzir n'a fealdade, n'o horror, n'o espanto.

Vemos a perfeição dos objectos, mas ignoramos a qualidade d'elles, por isto os amamos, porque o amor quasi sempre foge, assim que conhece a natureza do que ama. Os antigos pintaraõ ao amor cego, talvez para moltrar, que o amor para ser constante, he preciso que seja incapaz de ver, e que a falta de luz lhe sirva de privado.

zaõ. Muitas cousas estimamos sómente porque as naõ conhecemos, e outras porque as naõ conhecemos, as naõ estimamos, tanto he certo que naõ ha nada certo n'o mundo; n'os mesmos principios se fundaõ muitas cousas contrarias, e oppostas entre si.

A primeira cousa, que a natureza nos ensina, he amar; e assim o primeiro affeçto, que sabemos, he aquelle mesmo por onde a nossa existencia começa a ter principio. Novos n'o mundo porém naõ n'o amor, esse se manifesta em nós logo n'o berço; alli mostramos para alguns objectos desagrado, e inclinaçao para outros; a huns buscamos com riso, e de outros fugimos com medo; huns nos servem de espanto, outros de divertimento, choramos por alcançar huns, e tambem choramos por evitar outros; como se o odio, e o amor n'aquella idade naõ tivessem outro modo de explicar-se, nem soubessem mais idioma que o das lagrimas: tambem naõ he novo o chorar-se de gosto, do mesmo modo com que se chora de pena.

N'os primeiros annos da vida toda a variedade nos attrahe; entramos n'este grande theatro cheios de gosto, e contentamento, sem experiençia das impressões d'ador, e igno-

ignorando os effeitos da vaidade ; por isso naõ temos entaõ , nem pensamentos que afflijaõ , nem cuidados que mortifiquem ; naõ nos combatem as lembranças da morte , e se vemos os seus triunfos , ou já n'os epitafios , ou já n'as pompas funebres , parecemos que está taõ longe de nós aquelle estrago , que n'a mesma distancia , em que a nossa idéa o considera , se confunde , e desvanece o horror. Que feliz ignorancia , e que venturoso descuido ? Em continua travessura passamos aquelles annos , em que os nossos espiritos , ou por mais vivos , ou por mais alegres , apenas cabem em nós. Os campos , as flores , as aves , os rios , tudo nos serve de jogo innocent , e de festiva ocupaçao : estes saõ os ensaios , e preludios , com que o tempo dispõe a nossa docil inocencia , e com que hum amor universal a tudo quanto vemos , depois só se reduz a aquelle amor , que tem por objecto a duraçao do mundo , ou a nossa mesma reproduçao ; por isso a poucos passos começamos a sentir hum novo impulso ; aquelle agrado commun , com que viam os coulhas , já se distingue , olhando com especialidade para algumas , e com indifferença para as mais ;

mais; como se estas fossem destinadas para entreter as nossas primeiras attenções, sendo só humas o para que nos dirigia o fim da natureza.

Esses primeiros annos todos se compoem de amor, e de esperança: estes doux affectos tomaõ a melhor parte de nós, ou escolhem para si aquelle tempo em que vivemos com mais vida; n'õ seu principio, e n'õ seu progresso he o amor huma paixão cheia de entusiasmo, e de furor, depois perde totalmente a violencia; por isso amamos mais, quando sabemos amar menos, isto he quando amamos quasi por instinto; e com effeito o amor naõ se introduz por discurso, e se alguma vez discorre, he sinal que está perto de acabar; porque o amor só he prudente quando acaba, naõ porque entaõ o seja em si, mas porque entaõ amamos como nós queremos, e naõ como o amor quer.

Culpa-se ao amor da vário, e de inconstante, sendo que as mais das vezes seria maior a sua culpa, se fosse constante, e firme: o amor só quando deixa de amar se emenda, só quando he vário se justifica, e só quando he inconstante se desculpa: quando

do começa , parece que naõ he erro o amor ; porque mal se pôde evitar aquelle primeiro instante que nos attrahe ; aquella primeira luz que nos assombra ; aquelle primeiro agrado que nos engana : o nosso arbitrio , ou a nossa reflexão , vem depois , como remedio que sempre suppõe succedido o mal : naõ se pôde fugir do raio despedido de huma nuvem ; o amor , ainda nos alcança com mais pressa , e mais vigor , porque he raio , que se fórmá dentro de nós mesmos : o valor consiste em arrancar a setta , por mais que fique despedaçado o peito.

Naõ somos firmes n'o amor , porque em nada podemos ser constantes : continuamente nos vai mudando o tempo ; huma hora de mais he mais em nós huma mudança. A cada passo que damos n'o decurso da vida , himos nascendo de novo , porque a cada passo himos deixando o que fomos , e começamos a ser outros : cada dia nascemos , porque cada dia mudamos , e quanto mais nascemos d'esta sorte , tanto mais nos fica perto o fim , que nos espera. A inconstancia , que he hum acto da alma , ou da vontade , naõ se faz sem movimento ; a natureza naõ se conserva , e dura , senão porque

que se muda , e move. O mundo teve o seu principio n'o primeiro impulso , que lhe deo o Supremo Artifice ; a mesma luz , que he huma bella imageim da Omnipotencia , todase compõe de huma materia tremula , inconstante , e vária. Tudo vive em fim do movimento ; a falta de mudança he o mesmo que falta de vida , e de existencia , e assim a firmeza he como hum attributo essencial da morte.

Se em nada pois ha permanencia , e se o estado da firmeza he contrario ás leis da vida , como pôde ser que haja amor constante ? Isto he hum impossivel desejado. Naõ ha nada isento das revoluções , e alterações do mundo ; tudo n'elle se muda , porque tudo se move ; por isto a firmeza he violenta , ao mesmo tempo que a inconstancia he natural. Para sermos firmes , he-nos necessario força , porque temos que vencer a economia , e ordem que naõ permite repouso em coufa alguma ; para mudarmos , a mesma natureza nos inclina , e guia ; semelhante a qualquer pezo , que sóbe com violencia , e desce por si mesmo. O movimento , e a mudança , de que depende o ser das coufas , tambem he principio do fim d'ellas ; sem mudan-

ça , e movimento , nem se pôde existir , nem acabar ; a mesma origem da vida tambem he da morte a causa ; por isso he taõ certa a morte , e taõ curta a vida ; porque hum , e outro extremo , nascem do mesmo modo , e se crião n'o mesmo berço.

O amor he hum influxo da belleza , por isso esta raras vezes anda solitaria , e quasi sempre a acompanha o amor : agrada vel , mas louca companhia ; appetecida , mas traidora felicidade ! Compõe-se a formosura de huma certa modulaçāo das partes ; obra mais do acaso , que de hum cuidado especial da natureza : mas porém deve admirar-se hum instrumento , cujas cordas só produzem harmonia : assim he a fortuna ; e he pouco de estimar aquelle , d'onde só resulta dissonancia ; assim he a fealdade . A formosura reside em huma fórmā exterior ; o amor parece que he hum effeito da vontade , ou do desejo ; aquella mostra-se , porém este esconde-se ; este he invisivel , porém aquella vê-se : a formosura pôde dizer se o como he , porém o amor naõ ; porque quem o tem , sente sem saber o que , e quem o naõ tem , ainda o conhece menos .

O amor nasce da formosura , e com el la

la morre; e assim como pôde haver amor constante, se he taõ pouco constante a formosura? E se esta muda tanto, como pôde ser que o amor naõ mude? Ha tres progressos em tudo quanto a natureza abraça; o primeiro he de crescer, o segundo de estar, e o terceiro de diminuir: n'esta lei tambem entra a formosura; cresce, está, e diminue. O amor fielmente segue a formosura; naõ muda quando a formosura cresce; naõ foge quando ella está, mas com ella diminue, e acaba. O tempo com hum passo subtil, e disfarçado lentamente imprime n'a belleza o seu caracter; já começa a ser tibia a luz dos olhos; já se mostra sem sabor o agrado, e já fica sem alma a mesma graça; acabou-se pois a formosura, e apenas pôde descobrir-se a sua ruina entre os mesmos sinaes do seu estrago: tudo saõ riscos d'onde se vê como em padrões fataes escrita a impressão dos dias; tudo saõ concavidades, d'onde se mostra como em funesto exemplo gravado o rigor do tempo: essa imagem desvêlo que foi da idolatria, cuidado de attenções, e finalmente emprego que foi de tantos votos, já se vê sem altar, e sem veneração; e trocado o culto em vituperio, só ficou

pa-

para objecto do desprezo ; como se a idade fosse algum delicto , ou fosse culpa o número dos annos ; assim acaba a formosura , assim acaba o seu imperio , e tambem assim acaba o amor . O Sol nascendo no Oriente , vem cheio de belleza , e resplendor ; por isso tudo saõ attributos , tudo admirações , e tudo amores : as fontes o festejaõ murmurando ; as aves o annunciaõ com requebros , e as flores com o riso o lisonjeaõ ; mas depois de ter corrido (qual gigante) hum caminho immenso ; è depois que os resplandores se mudaõ n'o acaſo em pallido semblante , logo acabaõ os amores , as admirações , e todos os tributos ; n'a mesma tumba , em que se apaga a luz , tambem se extingue o aplauso ; n'a mesma sombra , em que se encobre o dia , tambem se esconde o obsequio ; e o respeito acaba n'as mesmas ondas , em que faz naufragio o Sol .

Succede muitas vezes mudar o amor , primeiro que a formosura mude , isto dizem que faz o amor ingrato ; porém a mudança quasi sempre he culpa da belleza , e naõ do amor . Naturalmente a formosura he soberba , vaidosa , impia , e arrogante ; naõ

só recusa , mas despreza , naõ só desdenha ,
mas injuria . Hum objecto amavel basta pa-
ra produzir amor , mas naõ basta para o
conservar ; o amor nasce facilmente , mas
dura com difficultade ; porque o imperio da
belleza sempre foi tyranno , e sem brandu-
ra , naõ ha dominio permanente . O amor
he acto de hum movimento repentino ; a
conservaçao d'elle vem por discurso , por
isso a primeira coufa he facil , e difficulto-
sa a outra . Naõ ha encanto perpetuo , o do
amor tambem tem fim , e em quanto dura ,
he por intervallos ; e ainda que o amor seja
prompto , e arrebatado em conquistar , por
isso mesmo nada tem seguro ; porque o que
se toma precipitadamente , precipitadamen-
te se larga ; d'aqui vem que hum modera-
do amor costuma ser duravel ; o que he ex-
cessivo , a sua mesma violencia o acaba ;
a tormenta forte nunca dura . Mas naõ sei
se pôde haver moderaçao n'o amor . Ha mu-
itas coufas , em que a moderaçao he contra-
ria á natureza d'ellas ; e em que a abstinen-
cia custa menos do que o uso limitado . O
amar huma coufa só parece que he mais
penoso , que o naõ amar nada ; porque com
efeito o abster he menos difficultoso , que

o conter; por isso a prisaõ de algum modo molesta menos, que huma liberdade restricta: o usar das couças com regra, traz consigo huma especie de afflicçāo, o naõ usar de nenhuma sorte, o que traz he esquecimento. Podemos fazer habito de naõ ter, ou de naõ amar, porém naõ podemos fazer de amar, ou ter debaixo de algum preceito: tudo o que recebemos, ou se nos dá com condiçāo, parece-nos violento: olhamos menos para a parte, em que a couça he livre, que para aquella, em que o naõ he; a prohibiçāo sempre nos deixa suspensos, e como magoados; porque o nosso desejo naõ tem actividade n'aquillo que he já nosso, mas sim n'aquillo que o naõ he, e que naõ pôde, ou naõ deve ser; o que se permite naõ parece tão bem como o que se nega; o muito que se concede, naõ consola do pouco que se prohibe; por isso o alheio nos agrada, porque n'elle achamos huma negaçāo, ou limite do que he nosso. Vemos com saudade o tempo, que passou; esperamos o que ha de vir com ancia, e para o presente olhamos com desgosto: assim devia ser, porque o tempo, que passou, já naõ he nosso; o que ha de

K ii

vir

vir naõ sabemos se será ; e só o presente , porque he nosso , nos aborrece. O amor está seguro , em quanto dura a pertençaõ ; o que o perde , he a propriedade ; sustenta-se mais n'a dúvida , que n'a certeza ; qualquer cousa , que procure , o anima ; e desfalece , se lhe naõ falta nada. Isto naõ he só n'o amor ; em tudo succede o mesmo : todas as paixões se acabaõ , assim que se satisfazem ; conseguido o fim de cada huma , logo ficaõ sem vigor , e amortecidas : ninguem espera o que possue , ninguem deseja o que já tem , e ninguem se desvanece muito d'aquillo que logra ha muito tempo ; e d'esta sorte o amor , o desejo , a esperança , e a vaidade acabaõ-se , quando alcançaõ ; e d'este modo perdemos as cousas todas as vezes que as chegamos a ter ; ou ao menos perdemos o gosto , que nos vinha do desejo , do amor , da vaidade , e da esperança. D'aqui vem , que para reprimir as paixões , nem sempre he bom meio o reprimillas ; n'a resistencia parece que se formaõ , e se fortificaõ mais ; algumas nascem só da resistencia , e naõ podem existir sem ella. Da difficultade das cousas inferimos a excellencia d'ellas ; o fazellas faceis , e sem opposição ,

çaõ , he o mesmo que tirar-lhes a graça ;
que as fazia appeteciveis. Em todas as paixões se encontra a vaidade de querer vencer ; naõ ha victoria sem combate , e se a ha , he sem gloria , e sem merecimento. Coutra hum campo aberto naõ ha desejo , nem ardor ; a vaidade tem repugnancia a entrar pacificamente , armada sim ; a muralha incita , porque impede.

A vaidade , ou a soberba de huma mulher formosa , he quasi insopportavel ; ainda o amor mais fino se revolta , porque o amor ainda que jure escravidões , nem por isso consente n'ellas ; e quando he bem entendido , naõ costuma ser vil , reverente sim ; a submissaõ por degenerar em baixeza naõ faz ao amor menos inconstante ; a firmeza naõ se fez para obstinação. Naõ he suave o ju-go da belleza ; apenas se lhe pôde sustentar o pezo ; a arrogancia , que a acompanha sempre , exige condições tão fortes , que o mesmo affecto , que por força as aceita n'o principio , depois as desvanece ; porque o amor se busca a formosura , tambem foge da aspereza ; hum genio sevéro , e duro , naõ pôde inspirar constancia , retiro sim : por mais que estejaõ preoccupados os sentidos,

dos, nem por isso estãõ sempre dispostos para soffrer; e com effeito o amor fez-se para delicia, e naõ para castigo; fez-se para alivio, e naõ para tormento, para gosto, e naõ para martyrio. Naõ ha encanto, que naõ possa desfazer-se; por mais fortes que sejaõ os laços com que o amor nos prende, muitas vezes hum discurso os rompe; hum pensamento os desfaz; huma reflexão os desata; e pela maior parte esse discurso de que nasce a inconstancia, procede da asperreza, da vaidade, e da condiçao da formosura.

A natureza que n'a producção da formosura se empenha em formar hum encanto, d'este naõ quer que seja invencivel o poder; por isso n'a mesma formosura inclue logo a tyrannia, o engano, e a vaidade, para que estes feios attributos, expostos á nossa vista, ou sirvaõ de quebrar a força a esse mesmo encanto, ou ao menos possaõ limitar-lhe o effeito; e assim temos o remedio n'a propria origem da ruina, e n'o mesmo mal achamos o defensivo d'elle: se a belleza nos attrahe, a imperfeição do genio nos desvia; se nos enleva huma imagem viva, d'onde em justas proporções, a natureza mos-

mostrou os seus primores , tambem huma condiçao aspera , e desabrida nos affasta , e finalmente se a nossa propria inclinacao nos tira a liberdade , o nosso entendimento nos resgata. E assim naõ se queixe a formosura , nem do amor , nem da inconstancia : veja primeiro se acha a culpa em si ; quanto mais que o amor , ainda que cégo , nem por isso se obriga a estar sempre em hum lugar ; a inconstancia ainda que odiosa , nem por isso lhe faltaõ os motivos , que a fazem justamente ser precisa. Quantas vezes a virtude depende unicamente da mudança ! Nem sempre he traiçao a falta de firmeza ; nem sempre o ser vário he ser infiel ; e nem sempre o ser inconstante he ser ingrato. As sem razões da formosura authorizaõ o nosso esquecimento , o ser sensivel he o que faz ser amante ; e quem tem sensibilidade para amar , tambem a tem para sentir ; porque se a formosura nos recreia , tambem a injuria nos irrita ; se o agrado nos convida , o desprezo nos magoa ; e se o amor em fim nos chama , tambem a offensa nos retira.

Sim he soberba a formosura , mas naõ he para admirar , pois he grande o seu imperio , he vaidosa , mas como póde naõ o ser ?

He

He presumida , mas que muito se em se
vendo , a sua mesma vista a lisonjea ? He
tyranua , que importa , se he virtude esse
defeito , e se n'ella a bondade he culpa ?
N'a formosura acha-se a circunstancia mais
essencial da luz; esta illustra , e faz claros
os objectos , que estao perto dos seus raios ;
assim a belleza , pois parece faz formosos
aqueles vicios que a acompanhaõ ; essa fe-
reza , essa arrogancia , e essa mesma con-
diçaõ altiva , sim saõ imperfeições grandes
n'a belleza , mas saõ como as sombras , que
hum delicado pincel debuxa , e representa ,
naõ para desluzir o primor da arte , mas
para realçar a fineza da pintura. Huma estrel-
la brilha mais n'o espantoso silencio de hu-
ma noite escura ; a mais perfeita luz he a
do Sol , com tudo a sua actividade nos mo-
lestia , e escandaliza : as coufas nem por
mais perfeitas nos agradaõ mais ; antes al-
guma imperfeiçaõ as modifica em forma
que ficaõ proporcionadas ao nosso gosto ;
aquillo que he perfeito em hum certo grão ,
excede a nossa esfera , e por isso nem o po-
demos gozar , nem entender , porque o de-
sejo naõ se estende adonde a comprehensaõ
naõ chega. O entendimento , ou a alma he

o que primeiro move , e assim tudo o que excede a nossa intelligencia , fica sendo impenetravel ao nosso affecto. Mil cousas ha perfeitas n'o seu genero , por onde continuamente passamos sem reparo ; a mesma perfeiçao nos céga , e nos faz incapazes de admirar ; tudo o que distinguimos , ou sabemos , he por comparaçao ; de sorte que naõ podendo comparar , tambem naõ podemos conhecer : a diferença das cousas entre si he a que desperta a nossa attenção , e dá lugar ao nosso conhecimento , por isso tudo o que he formado como de hum só rasgo , de huma só linha , ou como de hum só alento , logo nos fica sendo incomprehensivel ; o discurso naõ pôde entrar n'aquillo em que tudo he hum , igual , ou uniforme ; porque a unidade naõ admittে combinaçao , e o pensamento naõ pôde introduzir-se facilmente d'onde tudo he o mesmo , e d'onde naõ ha nem diversidade de substancia , nem desigualdade de materia. Podemos dizer , que a nossa capacidade só tem por objecto aquillo que he composto : porém tudo o que he simples absolutamente , fica sendo mysterio para nós , e por isso sempre occulto , e escondido ; e assim a divisaõ,

faõ , e variedade de partes , ao mesmo tempo que indica hum ser imperfeito , tambem serve de meio , que nos facilita a intelligencia das cousas , e nos conduz ao conhecimento d'ellas ; e d'esta sorte alguma imperfeiçao n'a formosura , faz-nos ver melhor o que ella tem de raro , e de admiravel ; algum defeito , mostra-nos o que por outra parte ella tem de singular ; e finalmente algum vicio , faz-nos reparar o que se encontra n'ella de virtude ; e assim serve-nos de guia essa imperfeiçao , esse vicio , e esse defeito.

Mas que poucas vezes se encontra n'a belleza aquelle certo grão de imperfeiçao , que á maneira de huma sombra leve só sirva de realçar-lhe a luz ! A repartição do vicio sempre he larga , e abundante , e o defeito naõ se communica escassamente , com profusaõ sim : o que vemos de imperfeito n'a belleza raras vezes he como hum sinal , ou mancha breve , de que o alinho se adorna por arte , e por estudo ; antes essa imperfeiçao se estende , e cresce tanto , que abrange o objecto inteiro , e o escurece : qualquer mistura em pouca quantidade contamina a pureza de hum licor ; huma grande por-

porçaõ o absorbe , e comprehende todo . Esse caudaloso Tejo naõ o turva hum só regato immundo , porém muitas torrentes de agua impura fazem-lhe perder o nome , e semelhança de cristal : huma só nuvem naõ faz sombria a claridade do horizonte , mas muitas nuvens juntas fazem de hum bello dia , huma noite escura : assim a belleza : o vicio n'ella naõ costuma ser como hum regato , mas como torrente : o que tem de imperfeito , naõ he como hum final (effeito em fim da meditaçāo) mas como huma mancha verdadeira ; o seu defeito raramente he leve ; antes quasi sempre peza mais do que a mesma formosura . Infeliz concordia , cruel sociedade ! Quem différa que hum mesmo objecto seja capaz de inspirar amor , e aborrecimento ! Taõ pouca distancia ha entre o mal , e o bem ? Entre a aversão , e o affecto , entre o perfeito , e o defectuoso , que em hum mesmo sujeito se possaõ encontrar , e unir .

A vaidade da formosura he a mais natural de todas as vaidades , he vaidade inocente ; a natureza em nada se receia tanto , como em contemplar-se a si n'a sua obra , e em rever-se n'a sua mesma perfeiçāo : por

isso a formosura he hum encanto, a que naõ
resiste, nem ainda quem o tem; ella a si
mesma se namora, a si se busca, ama-se a
si, e de si se rende; he como hum effeito,
que vem a retorquir-se contra a sua causa,
ou contra o seu principio, e como hum mo-
vimento, que retrocede, e se dirige con-
tra o seu mesmo impulso; a formosura,
pelo que sente sabe que faz sentir; e pelo
que ama, conhece que se faz amar; d'aqui
vem que a vaidade, e a altivez, saõ par-
tes de que a formosura se compõe; a
mesma tyrannia, e rigor attrahe: e que
haverá n'a formosura, que naõ sirva de la-
ço, de prizaõ, de amor?

He propriedade do amor o ser violen-
to; e he propriedade da violencia o naõ
durar. O amor acaba-se em nós, naõ por
nossa vontade, mas porque tem por nature-
za o acabar; e ainda que tudo ha de acabar
comnosco, nem tudo espera por nós. Quan-
do amamos, he por força, porque a for-
mosura que nos inclina, nos vence; e tam-
bem he por força quando naõ amamos:
porque huma vez rotos os laços, ficamos
de tal sorte livres, que ainda que queira-
mos; naõ podemos tornar a elles, e assim
naõ

naõ está n'a nossa maõ o naõ amar , nem tambem o amar : o coraçao por si mesmo se accende , e entibiece ; nós , naõ o podemos inflammar , nem extinguir-lhe o ardor : alleguem os amantes esses mesmos ardores indiscretos ; façaõ d'elles merecimento para o favor ; imaginem embora , que os soluços , e gemidos , fazem ser devida a recompensa , exagerem penas , e martyrios , e finalmente tenhaõ a ventura de que huma belleza timida , innocent , e incauta , creia que verdadeiramente está obrigada , e que deve attender , e conresponder : ambos se enganaõ , o amante em suppor que por amar , merece ; e a belleza em crer , que o amor he merecimento : naõ he tal ; porque o amor vem da formosura , e naõ do amante ; este naõ faz mais que receber huma impressão a que naõ pôde resistir : nada merece hum bronze , por receber em si a figura de huma Venus ; a maravilha naõ está n'o bronze , que recebe , mas n'o braço que impri-me , a arte naõ se mostra n'o metal , mas n'a maõ que conduz o buril , e abre ; o bronze naõ pôde deixar de consentir a estampa ; porque naõ tem mais do que hum medo passivo , e material ; só o braço obra acti-va-

vamente: d'aqui vem que quando amamos, he porque a formosura nos obriga a amar; e assim que merecimento pôde haver em pagar hum tributo natural, forçado, e inevitável? Por isso o amar, ou naõ amar por razão, por discurso, ou ainda por interesse, naõ pôde ser; porque os sentidos, naõ se deixaõ cativar por argumento: d'aqui vem que muitas vezes se ama, o que senão deve amar; isto será porque o coração naõ pôde resistir á formosura; o mais que pôde fazer, he calar, dissimular, esconder: podemos naõ confessar, mas deixar de cahir, he mui difficultoso; podemos sofrer, mas deixar de sentir, tambem naõ; pudemos naõ seguir, mas deixar de appetecer he impossivel; antes o sofrimento aviva o amor, a resistencia o fortalece; porque tudo o que se reprime, se esforça; hum arco comprimido adquire mais vigor para quebrar a corda. O mesmo he naõ querer, ou naõ dever amar, que amar. Naõ temos dominio n'o nosso gosto; as coisas agradaõ-nos, porque nos parecem agradaveis; como havemos de impedir as coisas nos pareçaõ o que saõ, e ainda o que naõ saõ? Se os sentidos nos enganaõ, quem nos ha de desen-

ga-

ganar , ou como havemos de emendar effes mesmos sentidos enganados ? A razão , e o discurso naõ valem , ou naõ sabem tanto como se diz ; porque o que julgaõ , he por meio de algum sentido enganador : se os olhos , e os ouvidos se distrahem , e allucinaõ , que outros sentidos temos nós , que os haja de conter , ou os faça retractar ? Julgamos pelo que vemos , e pelo que ouvimos : estes sentidos saõ em nós , como dous relatores injustos , falsos , infieis : d'aqui resulta , que quando o querer he culpa , essa culpa naõ he nossa , mas sim da formosura que nos move , e nos prende . Que culpa pôde ter a cera , por receber em si o carácter de huma imagem ? O marmore que culpa tem , por conservar a fórmâa que o artifice lhe deo ? Que culpa tem o pano por servir de campo , ou de theatro as obscenidades do pincel ? E finalmente que culpa tem o ferro , por ser instrumento dos golpes , e da morte ? As coufas em si , saõ inocentes ; o erro he exterior , e vem de fóra : o mal parece que naõ nasce , nem se cria em nós , communica-se a nós . Infelizmente o nosso coraçõ , naõ he firme como o ferro , nem duro como a pedra ; an-

tes

tes he mais tratavel do que o pano , e mais
brando do que a cera ; he como huma lami-
na original impolida , informe , e ainda sem
configuraçāo ; e d'onde naõ ha nem amor ,
nem odio , nem culpa , nem merecimento ,
nem virtude , nem vicio : mas he o d'onde
tudo aquillo se põe , se faz , se introduz ,
se esconde.

Em todo o tempo prevaleceo n'os ho-
mens o poder ; elles arrogaraõ a si toda a
jurisdicçāo legislativa : a sujeiçāo em que fi-
caraõ as mulheres , foi a pena da sua pri-
meira culpa. Aquella sujeiçāo , que naõ de-
via exceder as regras da equidade , veio a
degenerar em tyrannia , e a introduzir n'el-
las huma especie de escravidaõ. O ciume
dos homens fabricou os ferros , e a formosu-
ra das mulheres foi o crime original , que
nunca puderaõ expiar , nem remir : a mes-
ma formosura com que as dotou a natureza ,
lhes tirou a liberdade ; alcançáraõ n'a belle-
za o maior favor , mas comprado por hum
custo immenso , isto he á custa da liberdade ;
ficáraõ sujeitos aos homens por força , e os
homens a ellas por vontade. Infeliz , e es-
tudada consolaçāo ! O cativeiro costuma ser
á medida da formosura ; quanto mais bellas ,
mais

mais prezas : para terem alguma liberdade
he preciso que naõ tenhaõ nenhuma formo-
sura. Cruel situaçao ! Quem ha de trocar hu-
ma coufa pela outra , ou quem sabe qual das
duas he melhor ? Ter liberdade , e formo-
sura juntamente , he muito ; ter huma cou-
fa , e perder a outra , he pouco. Quem ha
de resolver-se a perder a liberdade , e tam-
bem que mulher senaõ ha de affligr n'a fal-
ta de formosura ? As differencias saõ , que a
liberdade em quem a tem , dura sempre , a
formosura naõ ; n'aquellea naõ tem dominio
o tempo ; n'este até se conhecem os instan-
tes ; semelhante á gala de huma flor , que
naõ tem mais duraçao que hum dia ; e af-
sim se vê que n'as mulheres , a injustiça dos
homens lhes tira a liberdade assim que nas-
cem , e pouco depois lhes tira a formosu-
ra o tempo , de tal sorte , que nem restos
lhe ficaõ do que forao , para se consolarem
do que saõ : nem pôde deixar de ser ; por-
que o tempo naõ só desconcerta , mas des-
troie , e arruina , cada hora deixa o seu si-
nal ; e os instantes que diminuem a vida a
porporçao que passao , tambem diminuem
a formosura , até que a gastaõ , e desfazem ;
semelhante a huma exhalacaõ , que em bre-

L. ve

ve espaço se dissipá. Os annos sim deixaõ a regularidade das feições: mas de que serve huma regularidade usada? O que n'ella se vê he como hum debuxo, que não foi feito para imagem, mas para semelhança. Huma representaçāo do que foi sempre he triste; por mais, que a consideraçāo se forme huma idéa agradavel de hum monumento destroçado, e antigo, sempre o que se admira he com lastima: a imaginaçāo fervorosa, e forte, pôde de algum modo fazer presente o que não he, mas não pôde fingir tanto, que senão percebaõ as ruinas; os vestigios trazem á memoria a grandeza do edificio, mas sempre o mostraõ desfeito. Isto succede n'a belleza, acaba-se em se lhe acabando a graça: esta continuamente foge; passa insensivelmente, e o que fica, he huma estatua, huma sombra, huma figura.

Ama-se por vaidade, e tambem por vaidade não se ama. Diga-o aquella formofura a quem hum voto poderoso fez perder a liberdade. Não foi inspiraçāo celeste a que a fez buscar a solidão de hum Clauastro; tal vez foi hum infeliz amor, a quem se oppoz a vaidade. Cruel destino! Have-mos de amar á vontade da vaidade, e não á von-

Vontade do amor? Mas que pouco dura o amor, quando não nasce do amor! Não ha maior combate, que o que se dá entre a vaidade, e o amor; se este fica vencido, a mesma vaidade chora, e se arrepende; he victoria, que se forma do estrago do vencedor. Hum amor desconsolado, em nada pôde achar compensaçõ; porque esta só cabe, quando ha outra coufa, que valha o mesmo; ao amor não ha coufa, que o iguale, nem valha tanto. Aquella mesma formosura, a quem a vaidade dominante fez deixar o mundo, para a livrar de algum amor humilde, sim vive retirada n'o limitado espaço de huma prizaõ santa: mas que importa que essa prizaõ lhe tira a liberdade das accões, se lhe não ha de tirar a liberdade do desejo? assim como não ha ferros para o entendimento, também os não ha para o coração, este ainda n'o meio da violencia, e da tyrannia, sempre se conserva isento, e livre. Hum véo preto sempre esconde, mas não muda, nem desfaz nada do que esconde; antes tudo aumenta mais, e tudo mostra ainda maior, e mais claro do que he. Huma Communidade Religiosa coberta de véos, o que faz

L ii ima-

imaginar he que cada véo encobre huma beleza , e muitas vezes o que encobre , he huma fealdade enorme ; o pensamento n'esta parte he sempre favoravel , porque debaixo d'aquellas sombras nunca suppõe outras sombras , luzes sim : ha coufas , que de se occultarem , resulta o verem-se melhor ; em vingança de hum manto escuro , tudo o que está debaixo d'elle , se nos representa perfeito , e singular ; aquella especie de rebuço o de que serve he de avivar a imaginaçao , de a desanimar naõ : tudo o que se esconde , parece-nos admiravel , só porque se esconde ; de sorte , que o occultar , he o meio de acreditar as coufas , e de dar-lhes mais valor . O mesmo he pôr-se aos olhos hum obstaculo , que fazellos penetrantes , e pollos em huma actividade , que elles naõ tem naturalmente : a vista , que se embaraga , adquire maior força , á maneira de huma corda , cujo vigor augmenta á proporção , que a fazem fugir do arco ; a mesma distancia em que algumas coufas se poem , as fazem estar mais perto , e por este principio , tudo o que se esconde , se mostra . Quem diffiera , que o recato , e a modestia , mais chamaõ do que desviaõ , mais servem de

de convidar que de afastar! Quem foge, parece que quer que o sigaõ; quem deixa, parece que quer que o busquem: o mesmo he cobrir o rosto, que incitar mil vontades de o descobrir; a desconfiança faz nascer a instancia, e o cuidado; o engano muitas vezes se evita só com naõ o presumir; e com effeito o retirar-se, e pôr-se em defesa, he o mesmo que dar hum final de guerra; o que se guarda, e se esconde, he a primeira coufa, que se assalta; a liberdade do porto he o que o conserva livre de invalaõ.

O estimarein-se as coufas, que naõ tem valor, he o mesmo que fazellas estimaveis: o que se busca com ancia, naõ he o que se dá, mas o que se nega; o que se permitte desgosta, o que se recusa, attrahe: o amor naõ tem setta mais aguda, que aquella que se armou de prohibiçaõ; n'o tomar, parece que ha mais gentileza, que n'o aceitar, a difficultade incita: muitas coufas naõ tem outro algum merecimento, que o serem difficultosas; a resistencia he o que move a vontade; tudo o que se concede, he sem sabor: a impugnaçaõ faz a coufa consideravel, porque lhe dá hum ar de empreza, e de

de vencimento : os mais altos montes saõ os que se admiraõ , só porque custaõ a subir ; a facilidade he aborrecida em tudo ; o lustre do argumento vem da contradicção. Isto succede á formosura , a quem a vaidade prendeo só por livralla do amor : mas que pouco conseguiu a vaidade. Contra o amor naõ ha poder , apenas se pôde impedir algum dos seus efeitos : a causa , isto he , o amor , sempre permanece constante ; a dificuldade , o retiro , e a prizaõ fazem , que a formosura seja mais bella , e mais amante ; a natureza por achar desvio , naõ se despersuade ; a nossa industria naõ a pôde vencer ; antes o mesmo he impedilla , que enchella de estimulo , e de alento ; quanto mais a abatemos ; mais a fortificamos ; he engano parecer-nos , que podemos tirar-lhe os meios ; por hum que lhe tirarmos , ella se ha de formar mil ; primeiro se ha de acabar em nós o modo de embaracar , que n'ella o modo de conseguir ; quanto mais a queremos ter adormecida , mais a despertamos ; o buscar artifícios para a focegar , he o mesmo que chamalla para o conflito ; o mesmo he reprimilla , que irritalla. As aguas de huma fonte correm mansamente , e sem ruido,

do , apenas humedecem as flores , que lhe bordaõ o caminho ; mas se n'este encontraõ embaraço , ou se algum penedo , que o tempo arrojou do monte se foi atravesſar , e impedio o passo ; entaõ se vê que aquellas aguas , vaõ crescendo sobre si , e juntas se accumulaõ tanto , que ou rompem , e arrastaõ tudo o que as comprime , ou subindo se elevaõ de tal sorte , que chegaõ ao lugar , d'onde por mil partes se lançaõ , e precipitaõ. Isto vemos n'as aguas de huma fonte , d'onde naõ concorrem mais motivos , que aquelles que em hum corpo fluido procedem do pezo , e do equilibrio. Só n'as mulheres naõ queremos achar naturalidades ; prendem-se porque saõ mulheres , como se quando vem ao mundo , troucessem n'a razão do sexo escrita a condenaçã ; e que a formosura só lhes fosse dada para regular-lhes os gráos de desventura. Quem diria aos homens , que as mulheres sendo compostas de huma materia fragil , e propensa , pode espiritualizar-se em forma , que todas se convertaõ em discurso racional ? Trabalhe embora o ciume , juntamente a vaidade ; o ciume em procurar que a mulher senaõ incline , e a vaidade em prescrever documentos

tos á belleza , para que naõ ame sem certas proporções , e identidades ; nem o ciume , nem a vaidade haõ de alcançar aquelle intento ; o amor naõ admitte força , nem imperio ; ninguem ama , nem desama por preceito . Quem ha de tirar o gosto , que a alma sente , quando os olhos , ou o pensamento lhe mostraõ hum objecto lisonjeiro , e agradavel ? Como se ha de fazer , que a boca seja insensivel ao sabor de hum manjar delicioso ; e os ouvidos como podem deixar de suspender - le ao som de huma voz sonora , e cheia de armonia ? As primeiras qualidades naõ se podem mudar . Naõ podemos dar leis ás cousas , ao exterior d'ellas , sim ; as palavras , e as accções admitem composição , e fingimento , a substancia d'ellas , naõ ; por isso naõ he facil desaprovar , o que os sentidos approvaõ . Quem ha de reduzir a formosura a crer , que deve fugir de quem a busca , e que deve querer mal a quem lhe quizer bem ?

Oh quantas vezes hum pretexto divino serve para authorisar humanos interesses ! As cousas mais santas sabem os homens applicar a fins os mais injustos : qualquer semraçaõ para ser permittida , basta que seja necessaria ;

ria ; o ponto he , que haja quem saiba introduzir a necessidade d'ella : os principios mais inalteraveis se alterao ; o ponto he que o interesse , ou a vaidade sejaõ partes. As regras naõ governaõ os homens , estes he que governaõ as regras. As leis naõ comprehendem ao legislador , nem aos que estaõ junto d'elle ; as prerogativas do poder parece , que saõ communicaveis até huma certa distancia ; d'ahi para baixo ficaõ sendo como huma luz , de que se acabou a esfera. Só n'os effeitos visiveis da Omnipotencia naõ vemos , que nenhum se mude , nem altere ; o movimento dos astros , o progresso do tempo , a regularidade das aguas , tudo guarda huma ordem certa , e infallivel : o Artifice Supremo naõ communica o seu poder , mais do que a si mesmo , isto he , á sua providencia , por isso as leis , que elle ideou n'o principio , e antes dos seculos , saõ as mesmas que subsistem hoje. Quem vio ainda , que houvesse dia em que as aguas naõ crescessem , e baixassem ? Que o Sol se apartasse do Zodiaco , que a Lua deixasse as suas phases , que as Estrellas fixas variassem , e que o firmamento naõ circumvolvesse em vinte e quatro horas o Unyverso ? Quem ha

ha que naõ admire as successões do tempo n'as estações do anno , a vegetaçāo da terra , a producçāo dos animaes , a dureza das pedras , a virtude das plantas , a variedade das cores , o cheiro dos aromas , o encanto das vozes , os impulsos da attracçāo , do repouso , e do movimento ? Finalmente todas as cousas ainda observaõ o mesmo ser original , a mesma correspondencia , e a mesma economia , com que o Author do mundo as fez : tudo o que foi de instituiçāo divina , e que naõ depende da execuçāo dos homens , permanece sem alteraçāo ; aquillo porém , que tem com os homens alguma relaçāo , ou dependencia , ficou , e está sujeito a huma continua mudança , e contrariedade. As leis primitivas , que ainda antes de serem gravadas em marmore , e em taboas , foraõ , e estaõ escritas n'os corações , essas saõ as primeiras , que segundo as contingencias , para se naõ guardarem , se interpretaõ . D'aqui vem que nascendo todos livres , a liberdade he contra quem os homens tem conspirado mais. As Clausuras , que foraõ santamente instituidas , e praticadas prudentemente , depois naõ sei se vieraõ a degenerar em hum modo de tirar-

rar-se a liberdade aos homens , e ás mulhe-
res , e n'estas veio a cahir o rigor do ex-
cesso : naõ fallo das que por desengano , e
conhecimento proprio , buscaõ aquelle esta-
do de virtude , mas sim d'aquellas a quem
se fez tomar aquelle estado , ou por casti-
go do que fizeraõ , ou por castigo do que
poderiaõ fazer , e com effeito o poderem
algum tempo delinuir , já lhes serve de de-
licto ; n'ellas o mal futuro , e incerto , já se
suppõe presente ; o poder algum dia succe-
der , val o mesmo que o successo ; a disposi-
ção para ser , he o mesmo que ter sido ; a
possibilidade he o mesmo que realidade ; e
d'esta sorte , aquelle castigo chega primei-
ro que o peccado , e aquella pena vem pri-
meiro do que a culpa ; o suppicio antece-
de o crime. Cruel cautella , vingança pre-
meditada ! A vaidade , e ciume dos homens ,
parece que accusaõ as mulheres , ainda au-
tes de nascerem ; as mesmas partes saõ jui-
zes ; por isso logo vaõ prevenindo os carce-
res , para d'onde destinaõ aquellas infelizes ,
e para d'onde as conduzem , antes que el-
las se conheçaõ , e poucos annos depois
que nascem : assim devia ser , porque sempre
foi propriedade da vítima o ser inocente ;
alli

alli se vaõ costumando aos ferros , á maneira de huma fera presa , que já naõ sente o pezo da cadea , antes com ella joga , e se diverte , á proporção que a arrasta , e move. Prendem-se as feras , e tambem se prendem as mulheres ; aquellas por causa da braveza , estas por causa da mansidão ; aquellas porque se enfurecem , estas porque se enterneçem ; aquellas porque assustaõ , estas porque agradaõ ; humas porque he necessário fugir d'ellas , outras porque he necessário que ellas fujaõ ; e finalmente humas porque mataõ , e outras porque daõ vida. A prisaõ , com pouca diferença he a mesma , os motivos saõ contrarios. Do fundo de hum deserto inculto se vaõ desentranhar as feras ; prendem-se para que naõ façã mal ; este he o pretexto , porém a verdade he que se prendem as feras , para que sirvaõ de recreio , e tambem de lisonja á vaidade em ver sujeito por industria , e arte , aquillo que se naõ sujeita por força , nem vontade. As mulheres que foraõ encaminhadas para os Claustros , he para que sigaõ n'elles o exercicio das virtudes ; este he o pretexto , porém a verdade commummente he para que as mulheres naõ se inclinem , nem amem desigualmente. O

in-

interesse he da vaidade; por isso as mulhe-
res, que se offerecem a Deos por aquelle
modo, naõ se offerecem mais do que á vai-
dade. Saõ, como oblações de engano, que
fendo a apparencia huma, o objecto he ou-
tro; e saõ como o incenso, que se faz ar-
der em huma parte, para que o ar divirta o
fumo para outra. Imaginaõ os homens, que
haõ de enganar a Deos, e para isso, en-
traõ primeiro a enganar-se a si; começaõ a
querer persuadir-se que obraõ bem, e se a
consciencia os contradiz, e inquieta para a
suffocar naõ faltaõ opiniões, doutrinas, e
conselhos; tudo em ordem a que proposto
o caso revestido de certas circunstancias,
fique parecendo licita a impiedade, e a
transgressão, e a violencia. A regra de que
hum mal he permittido para evitar-se ou-
tro maior, tem os homens estendido, e sub-
tilisado tanto, que de illaçao em illaçao vem
a chegar ao ponto, que naõ ha mal por
maior que seja, que naõ seja toleravel; e
da mesma sorte, de consequencia em con-
sequencia vem a concluir, que naõ ha ini-
quidade que naõ seja ás vezes necessaria,
nem injustiça, que naõ seja justa. Prendaõ-
se pois as mulheres para que se evite o mal
de

de que ellas amem ; sejaõ conduzidas por força para os Claustros , para que naõ succeda que ás amemos nós ; saiaõ do berço para aquellas sepulturas , porque pôde haver perigo n'a demóra , e assim conheçaõ a morte , antes de conhecerem a vida ; e saibaõ como he a prisão , antes de saberem como he a liberdade.

O nosso engenho todo se esforça em pôr as couças em huma perspectiva tal, que vistas de hum certo modo, fiquem parecendo o que nós queremos , que ellas sejaõ , e naõ o que ellas saõ. O discurso he como hum instrumento lisonjeiro , por meio do qual vemos as couças , grandes , ou pequenas , falsas , ou verdadeiras. O nosso pensamento naõ se accommoda ás couças , accommoda-se ao nosso gosto. O amor , a vaidade , e o interesse saõ os moldes em que as couças se formão , e configuraõ para se appresentarem a nós ; e com effeito nenhuma couça se nos mostra como he , contra nossa vontade. Nunca estamos taõ indiferentes , como nos parece ; as paixões naõ consentem neutralidade ; aquillo que entendemos , que naõ importa , costuma levar consigo hum interesse occulto , por isso nos importa mais.

O

O amor , e a vaidade ás vezes se concentraõ , e disfarçaõ tanto , que nós mesmos dentro de nós , os naõ podemos descobrir , apenas se fazem visiveis pelas obras , semelhantes ao fogo escondido n'a pederneira , que se naõ deixa ver , se naõ he incitado pelo impulso do fuzil : d'aqui vem que tudo o que fazemos , he sem perceber o principio por que fazemos ; por isso o que se faz por amor , ou vaidade , parece-nos que he feito por zelo , ou por virtude . Qual he o hipocrita , que conhece a sua hipocrisia ? Qual he o vanglorioso , que conhece a sua vaidade ? Qual he o amante , que conhece o seu delirio ? Que facil cousa he o distinguir tudo n'os outros , e que difficultoso o distinguir alguma cousa em si ! Qual he o pai , a quem o filho parece enorme ? Naõ só ha geraçao de filhos ; tambem ha geraçao de accões : as nossas maldades naõ nos parecem mal , porque saõ nossas , nós fomos os que as produzimos : a natureza naõ só he mái do que faz perfeito , mas tambem do que faz defeituoso ; he piedosa ainda com hum monstro , naõ por ser monstro , mas porque ella o fez : a terra naõ só cria a rosa , mas tambem os seus espinhos ; naõ se

se empenha em produzir o bom , mas em produzir : a perfeição de alguma sorte não se comprehende n'a ordem da maternidade, mas he causa como adventicia , estrangeira , e accidental. N'as acções dos homens tambem deve de haver alguma especie de fecundidade; esta fica satisfeita só com as acções , contenta-se com ser progenitora ; a qualidade do que produz fica sendo como materia separada ; por isso a nossa inclinação toda se dirige a obrar ; a qualidade da obra , he eleição do amor , do interesse , e da vaidade. Origem depravada , pessimos consultores ! Que pôde obrar o amor , senão desvrios ? Que se pôde esperar do interesse , senão injustiças ; e a vaidade que pôde fazer senão tyrannias ? Estas são as que guiaõ para os Claustros tantas formofuras desgraçadas ; não são desgraçadas por hirem para os Claustros , mas pelo modo com que vaõ. Que maior desgraça do que deixar o mundo por força , e ficar n'elle por gosto ? Como ha de chegar á terra de promissão , quem leva o Egypto n'a memoria ? Quantas estatutas de sal se haviaõ de ver, se as mulheres se convertessem n'ellas por olharem para o seculo que deixaõ ! As galas

Ias com que vaõ ornadas , he o encanto
que lhes vai suspendendo , e enganando a
dor ; semelhantes ao cordeiro manso , que
primeiro o cobrem de flores , para o hirem
entregar ás chamas : ornatos alegres , e
luzidos , mas funeraes ! Quaes saõ as mu-
lheres que naõ choraõ ao proferir das pa-
lavras fataes , porque se obriigaõ até a mor-
te ? Esta sentença irrevogavel ellas mesmas
saõ as que cantando em altas vozes a pu-
blicaõ : mas que pouco pôde encobrir o fin-
giamento do canto , a verdade da lamentaçao !
Que doçura pôde haver em huma voz agonis-
sante ? A consonancia sempre se vem a termi-
nar em pranto ; aquillo naõ saõ vozes , saõ ec-
cos do coração ; o ecco he o fim da voz que
acaba ; por isso todo o ecco he triste , porque
he fim ; e com effeito o que se vê n'aquella
hora , he o fim de huma mulher que acaba :
o mesmo véo que a cobre , he luto ; tudo
n'ella saõ sinaes de afflicção , e de tormento ,
por isso leva os olhos abatidos , erran-
tes , e confusos ; os passos mal seguros , o
aspecto vacilante , e timido , e assim mais
parece , que caminha para o tumulo , que
para o talamo : as lagrimas fieis interpre-
tes da alma , saõ as primeiras que reclamaõ

tudo quanto alli se diz , e se promette ; elas negão o que as palavras affirmaõ : a quem havemos de crer mais ? Pelas lagrimas se explica a alma , pelas palavras muitas vezes se explica o engano : quem chora certamente sente ; quem falla só se exprime : por força podemos dizer o que naõ queremos , nem sentimos , mas naõ se pôde sentir , nem querer por força , aquillo que na verdade nem se sente , nem se quer : a lingua sabe mentir , os olhos naõ ; por isso os votos , que se fazem com violencia , sempre se fazem com lagrimas , e tambem por isso raras vezes se cumprem ; porque o coraçao , e a vontade naõ promettéraõ nada : aquillo que só exteriormente se promette , só exteriormente se guarda ; as palavras sem tençaõ naõ formaõ Sacramento , o que se faz por temor , naõ obriga : hum sacrificio involuntario , he sacrificio de sangue , e Deos naõ se agrada já dos holocaustos.

Mas que grande diferença vai de huma mulher , que professou por força , a huma que professa por vontade ! Esta deixou verdadeiramente o mundo ; a outra apenas mudou n'elle de lugar : ambas entraraõ n'o Templo , porém huma só entrou para

O profanar ; huma foi chamada por Deos, a outra foi mandada pelos homens ; huma foi para achar hum Esposo divino , a outra foi porque naõ achou hum esposo humano : ambas foraõ para a Religiao , porém só huma ficou sendo Religiosa ; ambas professaraõ , porém cousas contrarias , porque o que huma professou , naõ quiz professar a outra ; ambas disserraõ o mesmo , porém huma só disse de boca , o que a outra tambem disse do coraçao ; huma fez o sacrificio , a outra só fez a ceremonia ; huma fez o que a outra representou ; huma fez o que mostrava que fazia , a outra só fez a forma , ou a figura : ambas se obrigaraõ aos tres votos , porém huma foi com tençao de os observar , e a outra foi sem tençao nenhuma de os cumprir ; e isto he porque huma deixou os seus pensamentos fóra , e a outra nem os deixou , nem os levou : ambas hiaõ para jurar guerra ao amor , e á vaidade , porém huma ainda queria paz com a vaidade , e com o amor ; esta ainda tinha os idilos inteiros , e a outra , ou os naõ tinha , ou os tinha já quebrados : finalmente ambas estao n'o caminho da virtude , mas nem por isso eraõ ambas virtuosas ; por hum mesmo

caminho hiaõ a partes differentes : o mesmo vento serve para muitos rumos ; a mesma estrella serve de guia , para os que navegavaõ encontrados ; ás vezes a origem do bem produz o mal ; n'o mesmo lugar em que nasce a vida , se cria a morte : as cousas que saõ contrarias n'o fim , ás vezes saõ as mesmas n'o principio ; de hum mesmo tronco nasce ramos oppostos ; por huma escada sobem huns , e descem outros ; a Religiao he a escada por onde se sobe ao Ceo , mas a ninguem se ha de fazer subir por força ; porque entaõ ha o risco de cahir. Muitas mulheres entraõ n'as clausuras , porém humas vaõ ser pedras de escandalo , e outras vaõ ser imagens de huma alma santa ; humas vaõ perverter , e outras edificar ; estas saõ as que estando ainda n'a terra , já estavaõ vendo os Ceos abertos : almas ditosas , pois que do instante em que forao buscar a Deos , logo começaraõ a ser bem-aventuradas ! E que bem vieraõ a saber , que para achar a Deos , basta o buscallo : uuidas em espirito a hum Esposo eterno , cujo amor he divino , cujo poder he supremo , e cuja misericordia he infinita , já parece que vivem transformadas n'elle. Feliz fe-

semelhança de huma transsubstanciação prodigiosa! É quem duvida que he celestial huma alma em quem Deos vive, e que vive em Deos? por isso n'ella pôde pouco a humanidade, porque a mesma graça que a anima, tambem a exalta, e fortifica: a mortificaçao naõ lhe serve de tormento, de alivio sim, o seu martyrio he a sua gloria. Que meio admiravel de converter em gosto as penalidades da vida; e que remedio infallivel para qqe a dor sirva de delicia!

Que se enfureça o mar, que o universo trema, e que as nuvens chovaõ rayos, nada atemorisa a huma consciencia justa: a virtude leva consigo a tranquillidade; esta he semelhante a hum dia sereno, e claro em que todo o horizonte se cobre insensivelmente de huma luz brilhante, e igual; e em que toda a natureza se alegra, e enche de vigor, e alento: entaõ se vê que os campos variamente matisados mostraõ a verdura mais viçosa, e que de mil producções diversas formaõ hum labyrintho facil, vivo, e agradavel; entaõ o ar puro, e imovel, faz que as fontes corraõ, e naõ murmurem; que as aves cantem com mais suavidade, e mais ternura; e que as flores cres-

cresçaõ livremente : assim devia ser , por que em hum bello dia , naõ ha vento que encrespe as aguas , que perturbe as aves , e que desfolhe as flores : só entaõ he que os montes saõ amphitheatros que servem de decoraçao aos valles ; e estes pelo seu silencio , saõ os que despertaõ n'a memoria , huma contemplaçao activa , cheia de fervor , e saudade : finalmente em huma alma virtuosa tudo he descânço , e paz . N'este es-
tado vive aquella que foi ser Religiosa ver-
dadeira ; a outra que só o foi n'o modo da
ceremonia , vive afflita , arrependida , e
embaraçada : tudo parece que lhe foge ;
nada alcança , sempre traz opprimida a von-
tade , o desejo ancioso , a esperança can-
çada , os passos irresolutos , e o pensamen-
to occupado em ambições , amores , e vaidades . Naõ pôde haver maior desascoego
porque a ambiçaõ , por mais que consiga ,
nunca se contenta , e a inveja que a accom-
panha , só lhe faz notar com averlaõ os
bens dos outros ; a vaidade em presumi-
çoes , e altivez , se consome ; a arrogan-
cia que lhe assiste , para confusaõ , faz acor-
dar n'as gentes a noticia de huma origem
miseravel , e por consequencia de hum in-
jus-

justo, e mal fundado orgulho: o amor tudo se compõe de ancias, e suspiros, hum amante, só em quanto chora, he firme; ama em quanto tem de que se queixe; o que faz acabar o amor he a ventura: rigorosa felicidade, pois que para existir, he necessario que não chegue, e para durar, he necessario que a não haja! Sempre o amor dependeo de contradições, e de implicancias: e assim se vê que a vaidade, o amor, e ambição, são os verdugos de huma alma peccadora; por isso vive em sobresaltos, e vive cuidadosa sem saber de que, e inquieta sem saber porque. O encanto da culpa, por mais que lhe tire a lembrança dos motivos, não lhe pôde tirar a angustia d'elles; a cada passo lhe parece que a terra se subverte, ou que se abre o abysmo; o ruído de huma folha que cabe, a suspende; em cada voz cuida que ouve a fatal sentença, que sendo dada condicionalmente n'o principio do mundo, só le publica n'o fim d'elle. O sabio que comparceu o ciume ao Inferno, talvez que melhor fizera, se ao Inferno comparasse a fealdade do peccado, e com effeito se ha cousa que se pareça ao Inferno, certamente he o peccado, e a este

te só o Inferno pôde ser de algum modo comparavel : assim devia ser , porque huma causa foi feita para a outra. Entre tudo o que causa espanto , só o horror de huma noite escura he semelhante á culpa ; e n'a verdade que maior horror do que ver a terra coberta de sombras , e combatida de huma tormenta furiosa ? As pedras parece que se quebraõ , as torres que se precipitaõ , os edificios que se abatem , e as arvores que se arrancaõ : a força da tempestade , tudo o que encontra desfaz , e despedacea tudo o que resiste ; o que he solido , e seguro , está mais exposto , e arriscado ; n'a fortaleza consiste o maior perigo : já naõ he hum , mas muitos ventos que entre si pelejaõ ; as gentes humas assombradas , buscaõ n'as planicies hum amparo menos duvidoso ; as mesmas feras deixaõ as cavernas ; a todos parece que he menor o mal , entregando-se a elle sem abrigo , e sem defensa ; outras com supplicas , com votos , e protestos , recorrem ao favor da Omnipotencia , e procurão achar n'os templos hum asilo sagrado ; a luz dos relampagos repentina , e palida , a cada instante se mostra , e os olhos timidos , e assustados , tambem a cada instante

se fechaõ ; alguma vez havia de fazer pa-
vor a luz : segue-se depois hum diluvio de
agua ; abrem-se as cataractas do Ceo ; os
elementos se unem , como para destruir a
habitaçao , e habitadores da terra ; mil
inundações conduzem para o mar os finaes
lastimosos das ruinas ; alguma vez havia de
ser o mar quem recebesse em si os restos do
naufragio. Esta pintura que a imaginação de-
buxa , e que a experiençia mostra , he o re-
trato de huma alma em culpa ; esta debai-
xo de hum semblante alegre , encobre sus-
tos , temores , e agonias ; o peccado tem
horas em que dentro de nós mesmos nos ac-
cusa , e essas saõ as horas por onde come-
ça a pena do peccado ; o conhecer o crime
he por onde começa o castigo d'elle : e quem
ha que naõ conheça a sua culpa ? Esta o que
a faz criminosa , he o conhecella ; a inno-
cencia naõ he mais do que huma falta de
saber ; a ignorancia faz os brutos impecca-
veis. Todas as mulheres sabem que o bus-
car a Clausura por vontade , he o meio de
evitar o vicio ; mas que importa ? Nem por
isso vaõ por aquelle caminho , se as naõ le-
vaõ ; naõ basta que as guiem , se tambem
as naõ arrastaõ. Cruel condiçao da natureza

hu-

humana ! Que occulta sympathia terá connosco o mal , que antes o queremos seguir por entre espinhos , do que ao bem por entre rosas ? O caminho , que conduz para as felicidades do Ceo , por mais que seja largo , e alegre , parece-nos estreito , e triste ; e aquelle que conduz para as felicidades da terra , por mais que seja triste , e estreito , parece-nos alegre , e largo ; mas que ha de ser , se somos terra . Compramos o vicio á custa de trabalhos , e afflicções ; a virtude naõ a queremos de graça ; ao vicio estimamos , porque depende de objectos exteriores , e estes muitas vezes custosos , incertos , e arriscados ; desprezamos a virtude , porque só depende de nós ; bons podemos ser sempre , porque basta que o queiramos ser ; para sermos maos , necessitamos de occasião . Quantos danos traz consigo a facilidade ! Os tres votos , que se julgaõ taõ pezados quando se professaõ , saõ os mesmos com que todos vem ao mundo ; todos nascem pobres , castos , e obedientes : a pobreza , e a obediencia quem as conserva he por força ; a castidade só por vontade se pode conservar : e com effeito quem ha de segurar hum voto , que se quebra só com o de-

desejo? A castidade do corpo difficultosamente se guarda, a da alma, ainda com mais dificuldade, naõ sei em qual das duas consiste a castidade verdadeira: se consiste n'a do corpo; essa he material, e está sujeita a mil enfermidades, e accidentes, e talvez pôde perder-se sem consentimento de quem a perde; e seria injusto, que huma qualidade taõ bella, e em que se funda a virtude mais superior, ficasse dependente da força, do tempo, da opiniao, e tambem de algum successo involuntario: he pois n'a alma o d'onde consiste a castidade mais perfeita, e verdadeira; mas sendo assim, d'on de se ha de achar a castidade; pois para corromper-se, basta hum instante de vontade, de inclinacao, de pensamento, de amor?

N'a república das letras naõ ha menos vaidade que n'a república das armas; sim he huma vaidade metaphysica, espiritual, e que n'a sua origem tem huma existencia vaga, e inconstante; mas por isso mesmo he mais vã do que outra nenhuma vaidade. O seu objecto, saõ os discursos, e a disputa, objectos sem corpo, vãos por natureza, e por instituto. O campo d'esta vaidade he a imaginaçao: campo vasto ainda quan-

quando he infecundo ; e que brota lirios, e violas , quando naõ produz rosas, e assu-
cenas. Assim que entramos n'o mundo , en-
tramos tambem a defender a nossa opiniaõ ;
n'este combate se passa inteiramente a vida ;
a guerra do entendimento naõ tem fim se-
naõ comnosco ; guerra feliz em que nin-
guem fica vencido , ou ao menos em que
ninguem crê que o foi , e em que cada hum
pela sua parte canta a victoria ! A razaõ nos
arma contra a razaõ mesma ; cada hum
cuida que a tem por si , que a vê , que a
toca , e que a conhece ; sendo que quasi
sempre , o que temos por razaõ , naõ he
mais do que huma sombra d'ella , e ainda
essa mesma sombra he taõ escura , e escon-
dida , que quando a encontramos , he mais
por sorte que por experiencia , e mais por
acaso que por estudo. O ter , ou naõ ter
razaõ , he verdadeiramente a guerra em que
se passão os nossos dias , e os nossos annos.
O naõ ter razaõ argue vicio n'a vontade ,
ou erro n'o entendimento : que defeitos es-
tes para que a vaidade os reconheça ?

Contra o nosso parecer , nunca acha-
mos dúvida bastante , contra o dos outros
sim. A vaidade he engenhosa em glorificar

tu-

tudo o que vem de nós , e em reprovar tudo o que vem dos outros : n'as producções do engenho ha huma especie de creaçāo ; d'aqui procede que ninguem se desdiz sem repugnancia , porque a natureza he inflexivel n'o intento de conservar aquillo que produz , e a vaidade nunca renuncia ao lustre da invençāo ; queremos produzir muito , e meditar pouco , por isso erramos ; mas depois que o erro se naturalisa em nós , já o naõ vemos , senaõ com a figura de razaõ .

He mais facil sustentar huma opinião má , do que escolher huma boa ; porque o erro he como hum edificio , cuja fabrica exterior he composta de huma infinitade de angulos ; com algum d'este encontra o discurso facilmente , porque saõ muitos , em lugar que o acerto he como hum ponto fixo n'o meio de huma esfera ; o discurso que anda vagando á rôda , naõ vê o ponto , porque este he só hum ; do mesmo corpo nasce a sombra que o encobre : saõ innumeráveis as linhas , que se podem lançar de huma circumferencia para hum centro commum ; alguma linha ha de vêr-se porque saõ muitas , e o centro naõ , porque he unico : a superficie do globo impede o poder vêr-se

a sua concavidade ; ou se ha de ver huma causa , ou outra ; ambas ao mesmo tempo naõ pôde ser.

Sobre o mesmo caso , ha muitas opiniões más , e só huma boa ; por isso esta acha-se com trabalho , e a outra com facilidade. Ha mil caminhos que vaõ ter a huma má opinião , e só huma conduz para a que he boa. A rectidaõ de huma linha só se faz por huma fórmula , por isso he difficulta ; a obliquidade faz-se por muitos modos ; por isso he facil. Cada causa que vemos , he por entre huma infinitade de outras causas ; a opinião tambem se mostra por entre huma infinitade de outras opiniões ; e da mesma fôrte a razão , que se offerece , he por entre huma infinitade de outras razões ; n'este labirintho nos perdemos. Cada causa tem tantas partes por onde se considere , que de qualquer modo que a imaginemos , sempre achamos argumentos , que ou nos persuadem o erro , ou nos confirmaõ o acerto : d'aqui vem que ha opiniões para tudo , assim como para tudo ha exemplos. Aquillo , que nos parece que he sem dúvida , he d'onde ás vezes a ha maior. As aguas do Oceano , por mais que sejaõ crystalinas , nem

nem por isso deixaõ ver o fundo que as sustenta , que importa que sejaõ claras , se saõ profundas ? Recebemos as idéas , que o entendimento nos propõe , ou certas , ou duvidosas ; e assim as conservamos : o emendallas he difficil ; porque a emenda depende do mesmo entendimento , que erra . A vaidade faz a obstinaçao , porque he como hum juiz inexoravel , que nunca muda , nem reforma ; se he que o amor da producção naõ concorre ainda mais .

A vaidade de adquirir nome , he inseparavel de todos os que seguem a occupação das letras ; e quanto maior he a vaidade de cada hum , tanto he maior a sua applicação : naõ estudaõ para saberem , mas para que se saiba que elles sabem ; buscaõ a sciencia para a mostrarem ; o seu objecto principal he a ostentação , e assim naõ he a sciencia que buscaõ , mas a reputação ; esta he como as outras , em que o adquirir he mais facil que o conservar ; e verdadeiramente o conseguir-se hum nome , pôde ser obra de hum dia , ou de huma hora ; o conservallo he empreza de toda a vida . Do acaso de hum successo pôde resultar hum nome grande , mas de hum aca-

fo ,

so, naõ pode resultar a conservaçāo d'elle. Bem se pôde ser feliz por acaso; mas naõ se pôde por acaso ser sempre feliz. A fortuna naõ só governa as armas, mas tambem as letras; porque a memoria, se huma vez se permitte com abundancia, nega-se mil. Em qualquer estado, se tem a reputaçāo por felicidade; porém esta he difficil conservar-se á proporçaõ que he grande. Algumas vezes pôde depender de nós o buscar huma occasiaõ favoravel, de que venha a proceder hum grande nome; porém naõ está n'a nossa maõ o fazello durar. Hum merecimento, ou hum saber pequeno, pôde fazer adquirir huma grande fama, e o maior merecimento junto ao maior saber, naõ basta para a conservar. Por mais bem fundada que seja huma grande reputaçāo, nem por isso he possivel o ter segura a opiniaõ das gentes. Os homens cançaõ-se de admirar, passados os primeiros movimentos em que as cousas raras, attrahem, como por força, o nosso louvor, e approvaçāo; depois, a vaidade de quem admira, he a primeira que se desgosta; irrita-se contra tudo o que he superior. Huma qualidade eminente que vemos n'os outros, fica-nos fendo como huma

ma qualidade adversaria, e opposta. A vaidade, ou a inveja, que ella produz naõ só se dirige contra a oppulencia alheia, mas tambem contra a alheia sabedoria; a sciencia naõ tem maior inimigo, que a ignorancia: tudo o que está em lugar alto molesta-nos a vista, e a attenção; só o que está no lugar em que nós estamos, naõ nos offende. A igualdade, e uniformidade he natural em tudo; por isso os que se affastão d'esta lei universal, ficaõ sendo odiosos aos que se conservaõ n'ella. Ha muitos meios para subir; a vaidade he a que guia a todos; e com effeito sem vaidade ninguem sóbe, nem procura subir; estes sim ficaõ confundidos em huma vulgaridade escura, mas ninguem lhes examina se os passos com que sobem, saõ justos, ou injustos; as azas da vaidade tambem se dertetem. Quem naõ tem vaidade naõ desperta a dos outros contra si.

Os que crem que sabem mais que os outros, ou se enganaõ, ou se persuadem bem: se se enganaõ, o mesmo engano lhes serve de ludibrio; se se persuadem bem, a vaidade da sciencia os faz taõ ferozes, e severos, que ficaõ sendo insopportaveis.

N scienc-

sciencia humana commummente se reveste de hum ar intratavel; imagem tosca, desagravel, e impolida. A especulaçāo traz consigo hum semblante distraido, e desprezador; quanto melhor he huma ignorancia civil. Toda a sciencia se corrompe n'o homem; porque este he como hum vaso de iniquidade, que tudo o que passa por elle, fica inficionado: as cousas trabalhaõ por se accommodarem ao lugar d'onde estao, e por tomarem d'elle as propriedades, só com a diferença, de que as cousas boas fazem-se más, porém estas naõ se fazem boas. N'as sociedades, o mal he mais communicavel; a perdiçāo he mais natural; o que he bom mais depressa tende a perder-se, que a melhorar-se; os frutos da terra quando chegaõ ao estado de madureza, nem persistem n'elles, nem retrocedem para o estado da verdura; antes caminhaõ até que totalmente se arruinem; por isso o ultimo grão de perfeiçāo, costuma ser o primeiro n'a ordem da corrupçāo. N'aquillo em que a Providencia naõ predefinio hum ser permanente, e inalteravel, a natureza naõ cessa de mover-se em quanto naõ desfaz, em quanto naõ corrompe, e em quanto naõ acaba.

A

A sciencia acha n'o homem propensaõ para a vingança , para a ira , para a ambiçaõ , e para a vaidade ; nenhuma d'estas inclinações lhe tira , antes as conforta ; porque a sciencia naõ vem fazer hum homem novo ; assim como o acha , assim mesmo o deixa. As notícias , que alguns forao alcançando pela successaõ dos tempos , e que para as fazerem respeitaveis , e as conservarem em huma magestade primitiva , as forao caracterizando com nomes pomposos , e pouco intelligíveis , huns Latinos , outros Gregos , outros Arabicos ; como Filosofia , Geometria , Algebra , essas taes noticias a que chamaõ sciencias , naõ se adquirem brevemente , nem he trabalho de hum dia , mas de muitos annos , e de toda a vida ; e d'esta sorte antes que qualquer sciencia se introduza em nós , tem tempo para se adjectivar , e familiarizar commosco , e para se consubstanciar com todos os nossos vicios , e com todas as nossas inclinações ; e n'esta fórmā quando as sciencias chegaõ , naõ he para nos emendar , porque já vem tarde ; e se entao nos emendamos , essa emenda naõ he effeito da sciencia , mas da nossa debilidade. Os homens mais facilmente se mudaõ , do que

se emendaõ ; quem muda he o tempo , a sciencia naõ. Commummente o que nos faz deixar os vicios , he a impossibilidade de os conservar ; e ainda entaõ o que perdemos , he o uso d'elles , e naõ a vontade , largamos o exercicio , e naõ o affecto ; desistimos da occupaõ , e naõ da inclinaõ ; e finalmente nós naõ somos os que deixamos os vicios , elles saõ os que nos deixaõ ; nós os seguimos de longe , e por mais que os sigamos cançados , nunca os perdemos de vista ; quando naõ podemos ir , os objectos nos arrebataõ : a memoria dos nossos vicios passados , nos está servindo de vicio presente ; e quem sabe quaes saõ os que obraõ com mais vigor , e mais activamente ? A imaginaõ naõ he causa taõ sem corpo como nos parece , talvez que naõ tenha de menos que o ser mais subtil , e d'esta qualidade o que pôde resultar , he o ser mais duravel. Naõ sei se houve já quem reparasse , que o gosto dos successos saõ menos attractivos n'a realidade , do que saõ depois lembrados ; a complacencia naõ he taõ forte , quando a primeira vez se mostra n'a verdade , como quando se repete n'a lembrança , e se representa sempre ; o susto do perigo naõ he taõ

gran-

grande n'o instante que succede , como he depois que se recorda ; e isto he porque o corpo he susceptivel de hum pafmo tal , que fica como aborto , immovel , e insensivel ; só a imaginaçao naõ se entorpece facilmente , por isso recebe as impressões do gosto , e do pezar , em toda a sua força , e em toda sua extensaõ ; o pensamento he o lugar em que a natureza se concentra , e fortifica ; d'aqui vem que tudo quanto se sente , ou se vê com o pensamento , fica sendo mais visivel , e mais sensivel. Naõ he pois a sciencia a que nos ensina , o tempo sim ; a sciencia he como hum cristal claro , que posto sobre huma má pintura , sim lhe dá lustro , mas naõ a faz melhor , nem de mais valor ; a luz que he simbolo da perfeiçao , naõ faz mais perfeito nada do que alumea : cada cousa guarda o seu defeito original ; e assim devia ser , porque a natureza de cada cousa tambem se compõe do seu defeito , e este quem lho tira , desmancha a mesma cousa , porque a desune , e a separa : em qualquer composto naõ só he parte principal o que ha n'elle de excellente , mas tambem aquillo que tem de inferior ; o dividilho ou emendallo feria o mesmo que perdelo :

lo : em hum medicamento tambem entra o simples amargoſo , e este ſe ſe tira , fica o remedio ſem virtude . Tudo he singular n'a ſua eſpecie : o verdadeiro ſer das couſas naõ depende da approvaçāo do noſſo gosto ; de parecer mal , naõ ſe ſegue que o ſeja ; as couſas menos eſtimaveis , e ainda as mais aborrecidas , tiveraõ famelos Apologistas ; nós regulamos tudo pela noſſa ſenſibilidađe , e n'efta he que coſtuma haver o engano ; iſto vem a ſer o meſmo que pezar por hum pezo falſo ; medir por huma medida errada ; e calcular por hum compaſſo incerto : a infidelidade eſta n'o inſtrumento que peza , e que mede ; tudo o que julgamos , he ſegundo a noſſa rafaõ , e ſegundo a noſſa ſcien‐cia ; miſeravel inſtrumento , mil vezes falſo , e enganoſo ! A ignorancia tem produzido menos erros que a ſcienza ; efta o que tem de mais , he que ſabe introduzir , eſpalhar , e authorifar ; e ſegundo a noſſa vaidade o errar importa pouco ; o ponto he fuſtentar o erro ; e n'efta forma o que a ſcienza nos traz , he ſabermos errar com metodo .

E com efeito em que ſe acordaõ os fa‐bios ? Qual he a dōtrina em que todos con‐cordaõ , qual he o ſistema em que todos con‐

convem , ou qual he o principio em que todos se fundaõ ? Só a vaidade he certa em todos. Naõ ha furor a que hum homem se naõ entregue , só pela vaidade de ser cabeça de hum dogma , ou de huma opiniao. Vejamos qual tem sido o destino da Filosofia , que se diz ser a primeira das sciencias. Os discipulos de Aristoteles dividiraõ-se em duas seitas , ou em duas parcialidades ; huma foi a que chamaraõ Nominaes , e outra a dos Realistas ; os Nominaes diziaõ , que as naturezas universaes naõ eraõ outra coufa mais do que nomes ; os Realistas , seguindo opiniao contraria , affirmavaõ , que aquellas naturezas eraõ verdadeiramente causas que existiaõ n'a realidade. Occaõ , Frade Inglez , e discipulo de Scoto , foi o cabeça dos Nominaes , e Joaõ Duns o era dos Realistas : estes seguiraõ a Aristoteles mais literalmente ; os outros naõ admittiaõ nenhuma entidade superflua , tendo sempre por infallivel o axioma do Filosofo , quando diz , que a natureza nadã faz em vaõ. Estas duas seitas fizeraõ em Alemanha hum tal progresso , que huma materia inutil , indiferente , e puramente de opiniao , veio a parar em fazer-se d'ella hum ponto de honra ;

ja; a vaidade de discorrer melhor animava com tal excesso a todos, que os argumentos só se decidiaõ pelas armas, os combates particulares vieraõ finalmente a reduzir-se a huma guerra viva. Introduzio-se aquelle mesmo fanatismo em França, e chegou a tanto extremo, que Luiz XII. para o evitá, dererminou, que em todas as livrarias se fechassem com cadeas os livros dos Nominaes, para que ninguem os pudesse abrir, nem ler. D'aquella sorte veio a ficar a doutrina de Aristoteles tão desfigurada, pelas subtilezas com que cada hum queria sustentar a vaidade da sua opinião, que essa foi a causa principal de desprezar-se a Filosofia, e ficar parecendo odiosa a todos. Os livros de Aristoteles foraõ levados a França n'o século treze pelos Francezes, que tinhaõ ido a Constantinopla; Amauri, que entrou a sustentar os seus erros pelos principios d'aquelle Filosofo, foi condenado como Herete por hum concilio de Pariz celebrado em o anno de 1209. Este Concilio prohibio totalmente a leitura de Aristoteles, e condenou os seus livros ao fogo: a mesma prohibição se tornou a renovar por hum Legado, sómente a respeito da Fysica, e Metapha-

thafysica. Gregorio IX. diminuiu a prohibição do Concilio de Pariz por huma bulla expedida em 1231, prohibindo a leitura das obras de Aristoteles, sómente em quanto se naão extirpavaõ os erros, que resultavaõ, ou podiaõ resultar da sua doutrina. Em 1366 os Cardeas Joaõ de S. Marcos, e Gil de S. Martinho delegados por Urbano V. para reformarem a Universidade de Pariz, concederaõ, que se pudessem ler varias obras de Aristoteles, exceptuando a sua Physica. O Cardeal de Estoureville em 1452, fazendo varios regimentos para a mesma Universidade por mandado de Carlos VII., ordenou que os Estudantes, e Bachareis fossem examinados pela Metafysica, e Moral de Aristoteles. Em 1601, concedeo á Universidade de Pariz o uso, e liçaõ das obras d'aquelle Filosofo, e juntamente da sua Fysica; e á imitação da Universidade começáraõ todos os estudos publicos a seguirem a Filosofia Peripatetica; esta foi combatida em 1624 por conclusões; porém a faculdade de Theologia de Pariz, e o Parlamento, tomou a sua defesa: a Sorbona fez hum Decreto, pelo qual censurou aquellas conclusões, e o Parlamento por hum Acordaõ or-

denou tres cousas , a primeira que aquellas conclusões fossem laceradas ; a segunda , que todos os que as tivessem defendido , fossem riscados dos livros das matriculas ; a terceira , que todos os que ensinassem algumas maximas , que fossem contrarias aos Authores antigos , e approvados , incorressem em pena de morte . Em 1629 declarou o Parlamento , que senão podiaõ impugnar os principios da Filosofia de Aristoteles , sem se impugnarem tambem os da Theologia Scholastica recebida n'a Igreja : porém naõ obstante todas estas prohibições , e declarações , entrou Gassendo a escrever contra aquelles principios ; e Cartesio fez-se cabeça de hum novo sistema , ou nova seita . Depois d'estes começou a Filosofia de Aristoteles a perder muito do seu primeiro lustre : hoje as Filosofias todas se compoem de Mathematicas ; de sorte que já naõ ha syllogismo , que conclua , senão he fundado em alguma demonstraçao Geometrica ; n'a Fysica naõ se está pelo que se diz , senão pelo que se vê ; pouco importa que se affirme que este , ou aquelle Meteoro procede d'esta , ou d'aquelle causa ; e se isso se naõ mostra por meio de alguma experien-
cia ,

cia , ou instrumento. A formaçāo das nuvens , do vento , da chuva , dos raios , e terremotos , e de outros muitos effeitos naturaes ; a Chimica naō só ensina como se produzem , mas tambem os imita ; e isto sem ser necessario saber se o Syllogismo está em *Barbara* , ou em *Celarent*. Hum lambique , hum Eolipilo , huma machina Pneumatica , e a mistura de varios corpos , explicaçāo mais em huma hora , do que hum professor de Filosofia em muito tempo ; o entendimento percebe melhor sendo ajudado pelos olhos , do que só por si. N'as mais sciencias tambem tem havido fortunas , e desgraças ; todas encontraraõ hum tempo feliz , e outro infausto : a vaidade dos primeiros mestres , continuada em seus succes-
sos como herança , foi a fonte , em que nasceraõ as sciencias ; d'estas a Monarquia principal , he a Europa ; n'a maior parte do mundo , o desprezo das sciencias passou á Religiao ; assim devia ser porque a vaidade , que resulta das sciencias , he vaidade de homens livres , e estes só os ha n'a Europa : o Despotismo reduzio as outras partes a escravidão. Que vaidade pôde haver em hum escravo ? Este ou seja valeroso , ou sabio , na-

nada d'isso he seu: o valor , e sabedoria tambem entraõ n'a escravidaõ ; a vaidade que o escravo pôde ter, tambem pertence ao Senhor : o edificio , a carroça triunfal , o alfange , a pendula , saõ instrumentos incapazes de vaidade em si ; da bondade d'elles só o Senhor se desvanece : assim saõ os escravos ; se ha Automatas n'o mundo , saõ elles.

A vaidade das letras he maior do que a vaidade das armas ; estas sim tem occasiões de maior pompa , de maior grandeza , e de maior admiraçao ; mas tudo n'as armas he semelhante ao raio , cuja luz , e estrepi- to se extingue em hum instante. Os Her- roes nunca chegaõ a durar hum seculo ; as suas accções naõ duraõ mais , se a fortuna lhes naõ dá n'a republica das letras alguma penna illustre , que conserve a vida d'aquel- las mesmas accções , já succedidas , já passa- das , e já mortas. A vaidade das sciencias por ser huma vaidade pacifica n'a apparen- cia , naõ deixa de ser altiva , e arrogante. As aguas , que vaõ fazendo escumas , e que correm com ruido , naõ saõ as que assustaõ mais ; aquellas que parecem negras , que pas- saõ em silencio , e que apenas se movem ,

el-

essas saõ d'onde o perigo he certo : n'as
praias he d'onde o mar se levanta mais , e
faz estrondo ; d'onde he pego verdadeiro ,
em que as ondas como em campo largo em
si mesmas se abrem , se suspendem , e revol-
vem , naõ tem o mar bramidos , nem furor ,
mas he lá d'onde o risco he grande. O dam-
no naõ costuma estar tanto d'onde se mos-
tra , como d'onde se esconde : assim saõ as
letras , e assim saõ as armas ; estas fazem o
rumor , aquellas o estrago : as armas fazem
o mal , mas acabaõ com elle , as letras o
mal que fazem , dura ; as armas cançaõ , as
letras naõ ; a espada nem sempre pôde usar
de força , e de traiçao ; a penia sempre pô-
de ser traidora , e aleivosa ; he arma que
naõ pôde acautelar-se ; quanto mais leve ,
e mais subtil , mais perigosa : d'aqui vem
o serem as letras de algum modo inexpugna-
veis , e por consequencia vaidosas , porque
o ser invencivel precisamente influe vaida-
de ; o combate das sciencias entre si , saõ
combates invisiveis , em que ninguem se
rende ; e o render-se valeria o mesmo , que
huma confissão expressa de ignorancia ; e
com effeito , de quem cede , nunca se pre-
sume haver cedido , porque conheceo a

razaõ alheia , mas por falta de saber sustentar a sua ; a fraqueza naõ se attribue á proposiçaõ , mas a quem a defende ; de sorte , que a sciencia naõ consiste em saber conhecer , mas em saber responder , e arguir ; por isso quem mais disse , he quem mais soube : as letras naõ se costumão tomar pelo pezo , mas pelo volume ; fazem-se recommendaveis pela extensaõ ; o ponto he que cresçaõ n'a quantidade , a qualidade he materia indiferente ; ellas naõ avultaõ pelo que saõ , mas pelo que soaõ ; e regulaõ-se pelo apparato , e naõ pela substancia ; estimão-se pelo que parecem , e naõ pelo que valem ; o que importa n'ellas , he ter n'o exterior hum brilhante falso , cujo resplendor furtado escandalize os olhos de quem o quizer ver de perto ; basta que a attenção fique assombrada com o aspecto de huma imagem nova , ainda que n'a verdade naõ seja mais que huma fantasma ; a superficie deve estar coberta de huma claridade intensa , e forte ; o fundo seja embora confusaõ , cegueira , cahos . Só o que he preciso , he todo o mesmo em si , e o mesmo em todas as suas dimensões : o diamante naõ tem parte em que naõ seja diamante ; a roda que

Opule, por mais que lhe multiplique as faces, em todas o acha igualmente duro; naõ he mais solido em hum lugar, que em outro; a porçaõ, que o engaste cobre, naõ he inferior á aquella que se mostra; a luz por toda a parte encontra n'elle a mesma resistencia, por isso retrocede reflectida, como em vibrações de varias cores. Naõ saõ assim commumente as letras; o que ha n'ellas de agradavel, he o que fica exposto á vista, e por isso ornado de emblemas, de proporções, de correspondencias, e figuras; o mais he hum labyrintho informe, rude, e indigesto; o metal burnido applicado fóra, naõ deixa ver por dentro o pão sem lustro, nem valor.

Saõ raros os que n'as letras buscaõ a sciencia; o que buscaõ, he utilidade, e aplauso; este he objecto da vaidade, aquelle da ambiçao: outros ha, que quando buscaõ as sciencias, n'ellas buscaõ tudo; naõ só interesse, louvor, e approvação dos homens mas tambem hum quasi dominio d'elles; as letras saõ armas com que querem adquirir sobre os mais homens hum direito de conquista: esta idéa, ou esperança, parece que nasce com elles, e com elles cresce;

ce; ainda estãos n'os primeiros elementos das primeiras artes , quando logo se propõe aquelle intento , para este se encaminhaõ todos os seus passos ; das virtudes , e dos vicios seguem aquelles , que conduzem pa-
ra aquelle fim ; e assim naõ saõ virtuosos , nem viciosos por natureza , mas por occa-
siaõ : a natureza naõ os fez máos , nem
bons ; elles he que se fazem a si , por se-
guirem o que a occasiaõ pede. Sempre es-
taõ promptos para deixarem à virtude , e
abraçarem o vicio , e tambem para deixa-
rem este , e abraçarem a virtude , com tan-
to que disso dependa a sua elevaçao. Des-
lealdade , fé , religiaõ , hypocrisia , tudo
para elles val o mesmo ; olhaõ para os vi-
cios , e virtudes , como para varios instru-
mentos de que hum artifice perito se sabe
servir a tempo , naõ segundo o que a ra-
zaõ pede , mas segundo o que pede a obra :
para que ninguem os siga , nem conheça ,
vaõ desfazendo , ou escondendo os degráos
por onde sobem , e só n'o ultimo se mos-
traõ , mas entaõ já tem n'a maõ o raio , já
naõ saõ imagens de pequena consequencia ;
saõ constellações formidaveis , e funestas ;
á aquella altura nenhum incenso chega ; o

ref-

respeito mais profundo , he vulgar ; o que exigem , he silencio , e adoraçāo ; e ainda esta ha de ser de longe , porque o chegar a elles de algum modo , he sacrilegio. Os Sabis venturosos , de tudo fazem azas , até das cousas mais impropias para voar ; por isso qualquer crime n'elles fica sendo huma acção justa ; n'os outros huma culpa leve he delicto atroz : para tudo tem huma multidaō de applicações , e intelligencias ; estas saõ as que daõ ser a todas as suas cousas ; e todas n'as suas mãos mudaõ totalmente de figura ; nada lhes parece como parece aos outros ; querem reformar o mundo , pouco reformados em si ; soberba , ambiçaō , grandeza , saõ os tres pólos , em que se estabelecem , e se fundaõ ; aquelles saõ os Idolos , a quem unicamente sacrificiaõ , e de quem elles saõ ao mesmo tempo , retratos , e originaes , idolos , e idolatras ; Narcisos das suas accções , e sobre tudo das suas letras , elles saõ os primeiros que se admiraõ , e se applaudem ; e tudo com tal arte , que aquella admiraçāo sem fé , por ter n'elles mesmos hum principio errado , e suspeitoso , elles de tal sorte a espalhaõ , que depois de introduzida , vem a servir-lhes de titulo le-

gitimo ; e se ha por acaso quem duvide , já he tarde , porque n'a fama tambem cabe prescripçāo ; he como huma posse , que fica sendo prova do dominio. O vulgo tudo o que recebe , he sem exame , e depois , antes quer permanecer n'o erro , do que entrar a examinar ; e com effeito he mais facil ir com os que vaõ , do que parar para os suspender : por isso os que adquirem opinião de Sabios , ficaõ graduados por acclamação , mas essa opinião devem á fortuna , e naõ a si , porque as mais das vezes apenas saudáraõ de longe as letras ; e assim se verifica , que a quem tem fortuna , basta o saber pouco ; se he que para fortuna o saber naõ basta. Tanto he certo que as cousas se implicaõ , e confundem tanto , que n'as mesmas razões , em que se funda a razão que affirma , tambem se pôde fundar a razão que nega : d'aqui vem , que he motivo de huma grande vaidade , o saber retorquir a força do argumento contra quem o faz , á maneira de hum guerreiro , que desarma outro , para o deixar sem defeza , e para o render com as suas proprias armas ; tambem com o discurso fabricamos armas contra nós , e essas saõ as mais fortes , porque he como hum

hum mal que se forma dentro em nós , e que he maior á proporçaõ que he nosso : o damno exterior admitte mais reparo.

Naõ saõ as sciencias as que costumaõ pacificar o mundo ; desordenallo sim. O exercicio, ou a vaidade das letras , todas se compõe de discussões , objecções , e dúvidas ; a disputa em si he coufa mais principal do que a materia da questao : alteraõ-se os animos , maõ naõ se persuadem , porque naõ disputaõ pela razaõ , mas pela disputa ; e esta se se acaba , he porque acaba o tempo dado para disputar ; o relogio aparta os combates ; estes separaõ-se , porém nenhum vai sabendo mais , porque como n'o arguimento naõ buscavaõ a verdade , por isso es- ta sempre fica ignorada , occulta , e desconhecida ; o ponto he , que fique satisfeita em hum a gloria de arguir , e em outro a vaidade de responder ; e assim naõ se trataõ as coufas , trataõ-se as palavras d'ellas : d'aqui vem , que o ficar vencido n'a forma , he o mesmo que ficar vencido em tudo ; porque a substancia he como coufa estrangeira , e indiferente. De dous textos contrarios a fadiga que resulta , he ver , se ha meio de os poder unir , e conciliar ; que a razaõ es-

teja em hum , e naõ em outro ; isso importa menos ; a arte está em subtilifar de sorte , que ambos os textos fiquem conservados , e que a nenhum se tire a sua authoridade magistral ; tire-se embora a fé á vaidade , e á justiça ; porém naõ ao texto ; este sempre deve servir de regra , por mais que seja regra errada , e naõ direita ; o empenho da vaidade naõ está em descobrir a verdade , mas em ostentar v. g. huma erudiçāo Rabinica , e mostrar que na lingua Hebraica , a palavra *alma* nunca significou outra cousa senão *virmem*. Como a vaidade das sciencias traz comigo hum desejo immenso de adquirir nome , este parece que se adquire á força de vozes , e estas devendo ser de fóra , costumaõ sahir do mesmo Sabio pretendido ; elle he o que entoa o cantico , e sempre acha n'a turba quem o siga : n'a confiança de começar , encontra-se huma especie de valor de que a fortuna se namora ; a resoluçāo de pregar n'os louros , e n'as palmas , faz parecer que saõ suas : ha muito , que as sciencias tem o privilegio de poderem ellas mesmas coroar-se a si , e com effeito o saber n'a realidade mais , ou menos , he segredo , que fica escondido ; estamos pelo que indicaõ as insinuições :

gnias; e nas letras, huma parte do que vemos, saõ edificios vãos, compostos sómente de hum soberbo frontispicio, e este por mais que inculque hum fundo grande, quem lho busca, naõ o acha; por isso tem fechadas as portas; e se algum entra, he d'aquelles, que sabem o defeito, e tem interesse n'ella; os mais todos saõ profanos. A sabedoria humana he como a cortina do theatro; n'ella se vem pintados primorosamente jeroglificos, medalhas, inscripções, e attributos; e n'esta variedade de acções, e de sujeitos, se suspende a vista; e o coração que admira, todo se deixa penetrar de hum respeito, ou medo veneravel; mas se algum impaciente, e indiscreto fórça a cortina, e entra, o que vê, he hum lugar escuro, embaraçado, sem ordem, nem aceio; vê Actores ainda cobertos de roupas miseráveis; alguns, vestida a gala, e empunhando o cetro, (adornos alheios, e supostos) vê chegados a huma luz desanimada, recordando de hum papel immundo as palavras de que a memoria se encarrega com trabalho; outros defronte de hum espelho sombrio, exercitando a cadencia dos passos, das acções, do gesto, e revestindo os semblan-

blantes de hum aspecto alegre , ou triste ,
e de hum ar de soberania , de valor , e de
justiça : vê as Actrices , que naõ menos cui-
dadosas , alli mesmo se ajustaõ , e preparaõ ,
e que algumas a pezar do tempo , e a mi-
lagres do artificio , cuidaõ que repáraõ em
brevisimos instantes , a ruina que fizeraõ
muitos annos , semelhantes ás serpentes
quando se renovaõ , mas naõ tão felices ;
todas em hum espelho portatil estudaõ
amor , desdem , severidade , contentamen-
tos , lagrimas ; tudo aprendem n'o cristal ,
mestre imudo , e fiel , e que mudamente en-
sina a propriedade , o ar , a graça : mas que
importa , o ar he vaõ , a graça he enganosa ,
e a propriedade he falsa ; o representar he
mentir ; desde que a scena começa , até que
acaba naõ se vê mais do que hum fingimen-
to de accções , e de figuras ; quem mais se
distingue , he quem melhor exprime o que
naõ sente , e quem parece melhor o que naõ
he : a arte naõ está em imitar , mas em con-
trafazer : as sombras substituem o lugar das
cousas ; e a relaçao de historia , fica sendo
a historia mesma : o mentir por aquelle mo-
do , he hum meio facil para imprimir fa-
cilmente n'a memoria os successos passados ;
he

he huma tradiçāo , que se communica agradavelmente , naõ só pelo que se ouve , mas tambem pelo que se vê : alguma vez havia de ser util o engano ; e com effeito d'aquelle sorte vemos os combates sem perigo ; as virtudes vemos com gosto : e se vemos tambem os vicios , he sem entrar n'elles , para os aborrecer , pela fealdade com que se mostraõ , e naõ para os seguir. Em theatro maior , e em maior scena se passaõ , e representaõ as vaidades do mundo , e entre ellas a vaidade das sciencias ; o homem naõ se entende a si , e cuida que entende a fabrica dos Ceos ; ignora a ordem da sua propria composiçāo , e crê que naõ ignora o de que se compõe a terra ; naõ sabe a economia dos seus mesmos movimentos , e julga que sabe o como se move o Universo ; finalmente naõ se conhecendo a si , presume que tudo o mais conhece. A vaidade do saber parece que arrebata o homem , e que em espirito o faz circular os orbes celestes ; lá contra o numero dos crystallinos , vê a esfera do fogo , e mede a distancia , o giro , e grandeza dos Planetas ; porém assim que torna a si , nada de que tem em si sabe , nem conhece : vê hum corpo sabiamente
or-

organizado, e n'elle acha vontade, intelligença, ira, aversão, vaidade, desejo, esperança, amor; acha hum sangue que se move, e hum calor que o anima; tudo distingue com nomes diferentes; paixões, systole, diastole, espiritos vitaes, humido radical; estes são os nomes, a que erradamente chamaõ das cousas, não sendo senão nomes dos effeitos; o que se conhece, ou sabe, he o effeito das cousas pela distinção dos nomes; mas o conhecer o nome, não he conhecer a cousa. Todos sentimos a impressão do ardor, mas ninguem sabe, o como essa impressão se faz; e d'esta sorte o que conhecemos, he o effeito do frio, e não o frio; vemos a determinação da vontade, mas não sabemos o como a vontade se determina. Quem he que sabe d'onde vem o agrado da armonia, nem o desagrado da dissonancia? Huma voz suave nos encanta, hum som aspero, e agudo nos molesta; mas quem ha de dizer o d'onde procede n'o som a suavidade ou a aspereza? Os effeitos mais sensíveis, e mais certos, são os da dor, e tambem do gosto; mas quem he o que conhece, de que se origina o gosto, nem de que se forma a dor? Ainda os effeitos das cou-

cousas conhecemos mal, só os sentimos ; parece que só temos sensibilidade , e naõ co-nhecimento ; aquillo que conhecemos , he porque o sentimos ; do nosso sentir resulta o nosso modo de conhecer. Os primeiros principios , e os primeiros movimentos re-servou-os para si a providencia ; o homem só ficou exposto a elles , para os admirar , e naõ para os saber. A vaidade das sciencias toda se cança em conjecturas , que faz pa-sar por demonstrações ; quando suppõe , que encontra a parte , em que pôde desfa-tar o nó , entaõ o aperta mais : os discur-sos perdem-se n'a immensidate vaga de hu-ma materia impenetravel ; a natureza sabe eludir todos os nossos estudos , e conceitos ; naõ he mais facil n'o que mostra , do que n'o que esconde ; naõ he menos reservada n'o que produz á superficie da terra , do que n'aquillo que fórmá n'o seu centro ; só ella con-hece as suas leis , e os seus segredos ; ve-mos nascer a flor , cresce á nossa vista ; mas nem por isso sabemos o como a flor nasce , nem o como cresce : a dificuldade sempre fica sendo a mesma ; o nosso engenho todo se evapora em bellas fantasias , e em ra-zões notaveis ; mas estas só servem de en-

ga-

ganar, ou de entreter a mocidade que co-
meça, e que ainda não sabe por experien-
cia, que a maior parte das cousas de que o
mundo se compõe, nem se podem ensi-
nar, nem apprender. A vaidade da sabedo-
ria humana não se funda n'a certeza da scien-
cia, mas n'a certeza da cadeira; esta á ma-
neira de huma torre inexpugnável infunde
terror; e o discípulo docil, e inocente, re-
cebe como de hum oráculo as decisões do
mestre; os que estão debaixo da disciplina,
vem o barrete doutoral, como se fosse hum
resplendor, de cuja luz se não duvida, por
isso a vaidade do Mestre exige respeito, e
credulidade: esta he a primeira liçāo; a ver-
dade sempre nos parece que está n'o lugar
mais alto, e que brilha mais; e se a busca-
mos em outra parte, he sem aancia, nem
cuidado: o apparato exterior não só nos
dispõe, mas tambem nos persuade; os
olhos astombrados, não deixaõ o animo li-
vre para resistir: a singularidade da pompa,
não só authorisa, mas authentica; não só
leva a si a nossa attenção, mas tambem a
nossa submissāo; não só nos faz obedecer;
mas crer.

Os Sabios da terra não são os mais pro-
prios

prios para o governo d'ella. As Republicas, que se fundaõ, ou se quizeraõ governar por Sabios, perderaõ-se, acabaraõ-se; temos noticia d'ellas pelo que foraõ, e naõ pelo que saõ. Roma, essa illustre capital do mundo, ou ao menos da maior Republica, que o mundo vio; essa universal conquistadora, para cuja gloria concorreu a fortuna mais constante, e cujo poder se manifesta ainda, ou já referido n'os seus Fastos, ou já representado n'os vestigios preciosos das ruinas, como em obeliscos, arcos triunfantes, columnas, circos, aqueductos, urnas sepulchraes; essa Cidade altiva em que o mundo se quiz resumir, e abreviar; ella mesma conta a decadencia do seu esplendor nativo, do tempo em que as sciencias chegaraõ ao maior auge. Julio Cesar, famoso Heroe, e sabio Capitaõ; foi o que n'os campos de Pharsalia cortou de hum golpe inevitavel a liberdade á patria, e se fez ao mesmo tempo senhor d'ella. Quem differe a Roma, que n'o seu proprio seio se haviaõ de forjar os seus primeiros ferros; e que as fachas para a abrasar, se haviaõ de acender dentro dos seus muros! Roma, sempre vencedora, e invencivel, cessou de o ser, assim

sim que achou em hum filho ingrato , hum Sabio armado. As maiores crueldades , ou forao feitas , ou aconselhadas pelos Sabios ; estes quando persuadem o mal , he com tanta vehemencia , e taõ efficazmente , que as gentes n'a boa fé , buscaõ , e praticaõ es-
se mal , como por entusiasmo , e sem ad-
vertirem n'elle. A impiedade , he huma das
cousas que a sciencia ensina ; naõ porque
esse seja o seu objecto , ou instituto , mas
poorque quando a impiedade he util , á for-
ça de a ornar , se lhe tira o horror. A vaidade
das sciencias naõ consente , que haja
cousa de que ella naõ possa , nem se saiba
aproveitar. Os erros commummente saõ
partos da sabedoria humana ; o errar pro-
priamente he dos sabios , porque o erro
suppõe conselho , e premeditação ; os igno-
rantes quasi que obraõ por instituto ; a sciен-
cia sabe legitimar o erro , a ignorancia naõ :
por isso n'esta naõ ha perigo de que ninguem
o approve ; em lugar que n'aquella ha o pe-
rigo de que a multidaõ o siga. O erro n'a
maõ de hum Sabio he como huma lança pe-
netrante , e forte : n'a maõ de hum ignoran-
te , he como huma arma quebrada , sem
uso , nem consequencia. As cousas parece
que

que recebem mais da fórmā , que se lhes dá , que da natureza que tem ; nāo se atende á substancia do marmore , ao pulido sim ; a dureza importa menos que a figura . As sciencias saõ as que daõ o lustre ás cou-
fas , e sempre daõ o lustre que lhes parece ; ou duvidoso , ou falso , ou verdadeiro ; a
vaidade he o artifice .

Os Heróes saõ os que combatem , os que vencem , e conquistaõ ; porém os Sabios saõ os que de algum modo reinaõ , e go-
vernaõ . O trabalhos , e o perigo , he dos Heróes ; dos sabios he o fruto : aquelles contentaõ-se com a gloria do vencimento , estes o que querem , he a utilidade da vi-
ctoria; huns reservaõ para si a vaidade do no-
me , outros nāo querem mais do que ser-
vir-se da authoridade d'elle ; o guerreiro se-
mea sangue , para o Sabio colher flores . He
certo , qué cada Potentado nāo he mais do que hum só homem ; n'a campanha sim:pó-
de commandar a muitos mil : huma voz ,
hum final , hum clarim basta para fazer mo-
ver hum corpo formidavel ; porém n'a paz
nāo he assim , porque n'ella o governo he
como huma guerra civil , que faz entre os
mesmos Cidadáos , e entre os mesmos natu-
raes ;

raes ; entaõ mandaõ os Sabios ; por ser guerra sem estrondo , naõ he menos arriscada ; n'ella se vem traições , ataques , subtilezas ; aquillo que em guerra viva decide a espada , n'a paz decide a pena ; esta tambem corta , ainda que naõ taõ de pressa , e n'isto mesmo consiste hum dos seus modos de cortar ; a lentidaõ afflige á maneira de hum martyrio , que para ser maior , se faz por arte vagaroso ; e com effeito a morte parece que naõ he morte quando chega , mas sim quando está para chegar ; o ultimo instante he insensivel , porque he como hum tempo , que senaõ compõe de tempo ; a dor para se fazer sentir , necessita de espaço ; por isso a agonia naõ he quando algueim acaba , mas quando está para acabar . Assim saõ as dilacões , de que n'o ocio da paz se formaõ os conflictos ; estamos vendo acabar-se a nossa vida , sem que se acabe a nossa dependencia ; esta vai ficando como herança ; e para ser herança infeliz , sem estimação , nem preço , sempre passa com a qualidade de incerta , e duvidosa , porque sempre fica dependente da inclinação , do arbitrio , e do juizo humano : isto he o mesmo que naõ ficar sujeita a cousa nenhuma certa , mas a

hu-

huma pura forte. A fortuna , o tempo , a occasião , o humor , a hora tem mais parte n'as decisões , do que a lei , a verdade , e a justiça ; esta , ou a sua imagem symbolica , em huma maõ tem a balança , e n'a outra a espada ; mas que peza n'a balança ? ponderações , discursos , e argumentos saõ as partes por onde o direito se governa ; mas saõ partes , que se naõ podem pezar , porque naõ tem corpo , nem entidade ; e assim já temos a justiça impropria , até n'a mesma idéa da sua representação , e se a quizermos defender pela sua antiguidade , convenhamos em que as razões se pezem ; mas em que mãos ha de a balança estar para ser fiel ? N'as dos homens , certamente naõ ; n'as de huma Deosa sim. A espada tem mais exercicio n'a justiça ; por isso sempre está em acção , isto he , levantada ; e com effeito o ferir he mais facil , porque he mais facil tambem o descarregar o golpe , que o suspendello : a força que suspende , he violenta , a que descarrega , he natural : mas como pôde a justiça ter n'a espada hum exercicio justo , se a balança n'a maõ dos homens naõ tem uso , e se o tem he sómente imaginario , e n'a realidade impraticavel ? A el-

espada depende da justeza da balança, e assim vem a depender de hum instrumento inutil, sim depende de huma balança certa, para saber o como, quando, e em que caso ha de ferir; mas para nosso mal, a balança n'a maõ da Justiça pintada, he que se vê; naõ porque deixem de haver homens justos, mas porque a justiça verdadeiramente naõ se pôde pezar; he hum acto de discurso, e este em cada homem, he sempre incerto, vago, e vacillante. Para dar a cada hum o que lhe toca, naõ basta ter huma vontade perpetua, e constante; n'essa mesma vontade he d'onde o erro se introduz. Finjamos que o discurso he coimo hum campo largo em que a verde Primavera faz nascer aquella multidaõ de bellas flores, mas entre estas, quem impede que naõ nasça alguma flor com vicio, ou alguma planta agreste, inferior, e errante? As flores nascem n'o campo, os discursos em nós; felizes saõ as flores, pois forão produzidas n'a terra humilde, e por isso mesmo incapaz de vaidade, e ainda cheia de simplicidade virginal: infelices os discursos, pois nascendo em nós, nascem de hum limo peccador, e por isso terra ingrata, impura, e adulterada.

Só

Só Deos governa só. Os Potentados
naõ podem governar, sem terem varias je-
rarchias, ou ordens de Magistrados; n'estes
delegaõ o poder; os Magistrados subdele-
gaõ aquelle mesmo poder em outros, e es-
tes o tornaõ a subdelegar; assim se forma
hum corpo vasto, composto de muitos
membros, e todos animados por hum mes-
mo, e unico poder: este visto, e tomado
n'a sua primeira origem he justo, pio, ver-
dadeiro, generoso, legitimo, protector,
paterno; he hum poder, em que parece
está depositado, ou delegado o poder de
Deos: depois que sahe d'aquelle centro pa-
ra dividir-se, ou repartir-se, logo se alte-
ra: em quanto está n'o throno, he puro;
se se affasta d'elle, degenera, he como hu-
ma arvore, que se transplanta para hum
terreno improprio: as aguas saõ limpas
quando nascem; depois fazem-se immun-
das, segundo os lugares por onde correm:
o espirito naõ anima as partes, que estã
fóra do seu corpo, e a alma que parece,
que habita em os membros todos, foge,
e se retira dos que. foraõ separados: a cla-
ridade da luz naõ se communica bem, se a
distancia em que está he excessiva; o fogo

naõ tem calor , senaõ dentro da esfera da sua mesma actividade ; as cousas postas fóra da sua regiao , tomaõ huma natureza contraria , e ficaõ outras. Que cousa pôde haver , que pareça estar mais fóra da sua regiao , da sua esfera , e do seu centro , do que o exercicio do poder , e da justiça n'a maõ dos Sabios ? Estes saõ prodigos d'aquelles attributos , usaõ d'elles como cousa emprestada , e alheia ; a sciencia que os fez subir , he o que desprezaõ mais : naõ porque totalmente desprezem a sciencia , mas porque esta prescreve certos modos , e limites , que se naõ podem passar , nem deixar de chegar a elles ; esta necessidade serve de angustia ; he aperto o haver de seguir precisamente hum caminho prescrito , e determinado ; a vaidade da sciencia naõ se accommoda em seguir , o que quer he que a sigaõ ; naõ quer observar a regra , quer fazella. Os Sabios soffrem mal o serem executores , e naõ legisladores ; e com effeito a execuçao , soa huma especie de servidaõ publica ; por isto cada hum se forma huma sciencia particular ; e esta he a que propriamente he sua , d'aqui vem os diversos pareceres ; nem pôde deixar de ser , porque nem

nhum sabio se governa pelos principios communs a todos , mas por aquelles que só a elles saõ communs ; e quando recorrem aos principios dos outros , he para confirmaçā dos seus : mas como pôde naõ ser assim , se he regra , que em certos casos naõ deve a regra servir de regra , nem o principio de principio , nem a lei de lei ? Entaõ vem a consistir a observancia da lei , n'a transgresſaõ d'ella , a conformidade com o principio , consiste em se affastar d'elle , e a sujeiçaõ á regra , consiste em a violar , d'esta sorte vem a sciencia a ser huma faculdade arbitaria , e fundada mais n'o conhecimento dos caſos , do que n'o conhecimento das leis : estas saõ as que se applicaõ , e n'a occasiaõ de serem applicadas , he que tem o perigo de se quebrarem , ou torcerem ; ellas se quebraõ , e se torcem , ainda sem ser por fraqueza de quem as applica , mas por culpa da mesma cousa . Vemos aquelles Sabios , quasi sempre desunidos ; todos estudaõ as mesmas leis , mas n'o modo de as praticar , nenhum concorda ; naõ só disputaõ quando aprendem , mas tambem quando sabem ; em disputar passaõ todo o tempo de aprender , de ensinar , e de usar ; o que argumenta , e

duvida mais , he o que dá melhor final de si ; o saber embaraçar mais , he o mesmo que saber mais ; o aplauso naõ segue a quem tirou a difficultade mas a quem a poz ; nem tambem a quem a desfez , mas a quem a fez ; a ostentaçāo naõ está em fazer assentār n' o que a cousa he , mas em arguir , e destriuir tudo aquillo em que se assentār : célebre sciencia , em que os ignorantes , parece que estaõ de melhor partido que os Sabios ! Estes vem tanto , que a multidaõ das cousas que vem , os confunde , e céga ; aquelles vem menos , e por isso vem mais : a abundancia de sciencia faz aos Sabios pobres de saber ; n'este caso a sabedoria está em poder tornar para o estado de ignorancia ; á maneira de alguem que retrocede para buscar o que perdeo : alguma vez succee de a quem caminha , o passar além do lugar para d'onde vai ; entaõ quando mais caminha , mais se perde ; porque busca adiante aquillo , que já lhe fica atraç : tanto erra quem anda menos , como quem anda mais ; e tanto se desvia quem naõ chega ao lugar , como quem o passa . Hum vento muito forte ainda que seja favoravel , he tormenta ; a luz nem por ser muito intensa , he

he mais clara ; as aguas , que correm precipitadas , para pouco servem ; a grande velocidade as faz inuteis , e incapizes ; o pezo naõ só fica sendo errado , por ter de menos , como por ter demais ; as cousas naõ só se arruinaõ por fraqueza , mas tambem por fortaleza ; a saude demasiada passa a enfermidade ; o preceito naõ só se quebra pela diminuição da observancia , mas tambem pelo excesso : algumas virtudes ha , que saõ vicios moderados ; a temperança he como huma raia , que está entre o vicio , e a virtude , e que distingue o bem do mal ; n'as sciencias tambem se pecca , por se faber n'ellas mais do que se deve saber : a nosfa comprehensaõ naõ he infinita ; depois que recebe huma certa porçaõ de intelligencia , fica sem poder receber mais , e se se lhe quer introduzir com violencia , cança , e fica como imbecil , e enervada . Depois que hum vaso está cheio de licor , o que se lhe deita mais , perde-se , e muitas vezes do seu mesmo fundo se faz levantar huma poeira subtil , que o turva : d'aqui vem , que os Sabios saõ confusos commummente , embaraçados , e irresolutos , á maneira de quem leva sobre si hum grande pezo que sempre vai com me-

medo, e de vagar: a immensidate de regras, de opiniões, e de doutrinas, de tal sorte os occupa, que ficaõ como prezos, e immoveis: a variedade de razões, e de razões contrariaſ, que hum Sabio acaba em qualquer couſa, o suspende em fórmā, que fica ſem faber, qual razaõ ha de seguir; em todas considera fundamentos admiraveis para ſerem approvadas, e para o naõ ſerem, tambem em todas considera fundamentos grandes: d'aqui vem as dilações, irrefoluções, e perplexidades; este he o caſo em que aquillo, que naõ decide a inclinação, decide a hora; a fortuna he a que move a pena, que absolve, ou que condenma. O Sabio que fluctua n'o meio de razões, e opoſições iguaes, finalmente lá ſe deixa levar por alguma razaõ exterior, e indiferente; as couſas remotas, que naõ tem relaçāo alguma, nem connexāo com a materia, entraõ em concurso, com as que formão o corpo, e substancia d'ella: o litigante a quem o Juiz vio, ou fallou ultimamente; aquelle, que ſabe fer mais cortezaõ, cuja voz he mais fonora, e cujo nome he facil de pronunciar, ou de escrever, eſſe he o que vence, e a quem ſe julga a palma; eſta

ta naõ foi tirada do campo da peleja , mas
de outro lugar estranho , e independente.
Assim governaõ os Sabios , por isso ha tanta
incerteza , e mudanca n'as suas decisões ;
o que hum disse , outro reprova ; o que
hum fez , outro emenda ; e muitas vezes n'a
emenda he que está o erro ; semelhante ao
mal , que procedeo unicamente do remedio ;
cada hum defende a sua opiniao , e persiste
n'ella ; e cada hum se persuade , que o er-
ro naõ esteve n'a decisao , mas n'a reforma-
çao ; em todos fica constante a vaidade da
sciencia ; e algum que se retrata , tambem
o move a vaidade de naõ ser , nem parecer-
se com outros : huns fazem vaidade de se-
rem infalliveis , outros tambem se desvane-
cem de mostrarem , que o naõ saõ : d'este
genero saõ poucos ; porque a vaidade de des-
prezar a vaidade he muito rara , e em si
mesmo he estimavel. A virtude , ainda que
venha de hum principio vicioso , sempre he
virtude de algum modo ou mais , ou menos
qualificada ; o obrar bem por qualquer mo-
tivo que seja , he bom : as nossas accões ,
naõ se determinaõ pela causa que mostraõ ,
mas por outra que se naõ vê ; e entre todas
as causas , aquella que consiste em huma
vai-

vaidade inocente , he menos má. Que importa , que a vaidade seja a que incite o exercicio do valor , da constancia , da scien-
cra , e da justiça? O impulso , que move ,
fica separado da cousa movida : douz licores
contrarios por mais , que se misturem , sem-
pre parece que hum foge do outro , e se
sepára ; o artifice , o instrumento , a obra ,
tudo saõ partes distintas : a vaidade pôde
incitar a virtude , mas naõ incorporar-se a
ella ; pôde juntar-se , mas naõ unir-se .

A sciencia de fazer justiça her verda-
deiramente sciencia de Deos , e dos seus
substitutos n'a terra , que saõ os Sobera-
nos: he impossivel dar-se injustiça em Deos ;
n'os Soberanos , naõ he impossivel , mas
he improprio : n'os mais homens a in-
justiça he quasi natural. Quaes saõ aquel-
les de que se possa dizer exactamente ,
que naõ tem interesse , inclinacão , ou de-
pendencia ? Qualquer d'estas circunstancias
serve de impedir o exercicio , e sciencia da
justiça. Só os Reis relevaõ immediatamente
de Deos , e só de Deos dependem : os mais
homens todos dependem huns dos outros ,
por que ha mil modos de depender : aquelles
mesmos , a quem a altura do lugar faz pa-
re-

recer totalmente independentes, saõ os que muitas vezes dependem mais: aquelles a quem o merecimento, ou a fortuna, poz em hum certo grão de authoridade, necessitaõ de adquirir nome, e reputaõ; necessitaõ da opiniao, e approvaõ dos outros homens. Que maior necessidade de dependencia! A opiniao, e approvaõ comum, naõ se forma do parecer de hum só, nem ainda do parecer de muitos, mas do parecer de todos; e d'esta sorte os mesmos de quem todos dependem, saõ tambem os que dependem de todos. A opiniao das gentes naõ he coufa taõ pouca, que d'ella naõ dependa a conservaõ do lugar, e da authoridade: o receio de que o poder se perca, ou o respeito diminua, he o que occupa cruelmente aos que estaõ em lugares eminentes; n'estes ninguem está seguro, nem ainda os mais felices, porque se huma maõ poderosa os sustem como elevados n'o ar, pôde largallos, e quando crem que estaõ em assento firme, naõ estaõ senaõ suspensos: as azas de huma boa fama saõ as que os sustentaõ, se ellas faltaõ, o mesmo braço, que os suspende, os precipita: o favor supremo,

ra-

raramente he indiscreto , e se acaso se inclina sem razaõ , isto he , se alguem por engenho , e arte , se fez injustamente amar de hum Soberano , este n'o dia do seu furor castiga aquella usurpaçao , e sobrepçaõ de amor ; castiga o crime de quem se fez amar por artificio . A inclinacaõ dos Reis costuma fundar-se em merecimentos , e virtudes ; d'estas se compõe o encanto magico , que attrahe a si hum favor prudente ; mas se forao fingidas as virtudes , e se os merecimentos naõ forao verdadeiros , irrita-se aquelle mesmo favor , á proporçao que tem pejo da sua preoccupaçao , e credulidade : nenhum engano he mais sensivel , que aquelle que se dirige a roubar o affecto ; a alma , que amou , naõ só sente o ter amado injustamente , mas sente tambem o naõ dever amar mais , porque a impressao , que o amor fez , naõ se pôde tirar sem estrago , e dor da parte adonde está : o que foi gravado profundamente , naõ se desfaz sem ruina , e perda : para aniquilar-se a fórmula de huma estampa , he necessario perder-se a estampa toda ; naõ só a figura , que ella representa , mas tambem o corpo , em que a representaçao está . Aquelles pois , que devem

vem ás letras a sua exaltaçāo , e que entendem , que feitos arbitros do mundo naõ dependem d'elle , saõ os que n'a verdade estaõ mais dependentes , porque a fama da sciencia , que os conserva , tambem he mudavel , e inconstante , e o mesmo favor que os fez subir como Sabios , pôde fazellos descer como ignorantes. A sciencia naõ he qualidade taõ certa , e permanente que naõ possa soffrer alteraçāo . Tudo em nós tem decadencia , e só a sciencia a naõ ha de ter? Nem he preciso , que concorra alguma cau-
fa natural ; as paixões bastaõ para perverte-
rem as sciencias ; naõ tomadas universalmen-
te como elles saõ em si , mas tomadas co-
mo saõ em cada hum de nós. Huma pequena
nuvem basta para escurecer a luz do Sol ;
as paixões saõ como muitas nuvens juntas.
Aquelle , em quem a ira naõ pôde enco-
brir a luz do entendimento , e da sciencia,
a ambiçaõ ha de encobrilla , e se o naõ fez ,
poderá fazello a grandeza do respeito , e n'a
falta d'este , lá vem o amor , naõ só armado
de setas , mas de lagrimas ; naõ só fiado n'o
seu imperio , mas tambem n'a sua submis-
saõ ; naõ só com animo de render , mas de
render-se ; fatal combate , em que a maior
for-

força consiste n'a falta de fortaleza , e em que o ficar vencido , he o meio por onde a victoria se segura ; mas se nem o amor , nem a ambição nem a grandeza puderaõ conquistar hum peito heroico , lá vem finalmente a vaidade , e esta sempre vem feita invisivel , e acompanhada de todas as paixões , mas disfarçadas : o desejo , a dissimulação , a preguiça , e a inveja , vem cobertas de hum sayal modesto , e trazem n'o semblante hum ar composto , e humilde , a vingança , a soberba , a rapina , e a altivez , vem cobertas de fumos de varias cores , e de diferentes fórmas. Assim se introduz enganosamente a vaidade , e assim vive em nós sempre escondida , como inimigo occulto , e traidor ; ella transfigura os vicios para os fazer appeteciveis , e quando os deixa ver , he por algum interposto meio , por onde elles mostrem o contrario do que saõ. Havendo tantas sciencias , apenas ha alguma que faça , que nos conheçamos a nós , nem aos nossos vicios , nem a nossa vaidade. As sciencias humanas , que aprendemos , commumente saõ aquellas , que importava pouco que soubessemos ; devíamos aprendermos a nós , isto he , a co-nhe-

nhecernos ; de que serve o saber , ou pretender saber , como o mundo se governa , ao mesmo tempo que ignoramos , o como nos devemos governar ? Para tudo somos fabios , só para nós somos ignorantes . Falta-nos o conhecimento proprio ; não porque nos faltem regras , e preceitos para que possamos conhecernos , mas porque a vaidade se oppõe a huma sciencia , que faz humilde a quem a sabe : he arte mui dificultosa de aprender aquella que nos tira a presumpçāo . Que inutil cousa he hum espelho para quem sabe que se ha de ver a elle horrendo , disforme , e macilento ! Por isso fica fendo como huma alfaia sem uso , e desprezada : o ser fiel , e verdadeiro , he crime ; quando a verdade molesta , e abate ; o espelho que não lisonjea he prejudicial .

A sciencia de fazer justiça he d'onde a vaidade he mais perniciosa . Quem differa , que tambem ha vaidade em se dar o que he seu a cada hum ! Não só ha vaidade n'isso , mas essa mesma vaidade he a que faz muitas vezes , que a cada hum senão dá , o que he certamente seu . A corrupçāo das gentes está tão espalhada , que faz parecer virtude , huma obrigaçāo que se cumpre , huma di-

vida que se paga , ou huma verdade que se diz. As cousas naõ se regulaõ pelo que deviaõ ser , mas pelo que poderiaõ ser ; isto he , o deposito que se entregou , podendo-se negar ; a dívida que se podia naõ pagar , e se pagou ; a verdade que se disse , podendo-se esconder ; e assim a privaçao do vicio serve de virtude actual , e de alguma sorte , para ser hum homem virtuoso , naõ he necessario que faça algum acto de virtude , basta que naõ faça algum de vicio ; e de algum modo tambem , o ser leal naõ depende do exercicio da lealdade , basta que se naõ exerce alguma aleivosia. O mundo está taõ pervertido , que a bondade dos homens naõ se tira da razaõ de serem bons , mas da razaõ de naõ serem máos : o nome da virtude , naõ vem da virtude presente , mas do vicio ausente ; o merecimento das cousas , naõ se toma pelo que saõ , nem pela fórmula que tem , mas pelo que naõ saõ ; e pela fórmula contraria que naõ tem. D'aqui vem que huma acção he louvavel , só porque naõ he reprehensivel. Aquelle meio de naõ ser , nem huma cousa , nem outra , parece que o naõ ha já ; ficaraõ os extremos , e extinguio-se o meio. Tudo propende

de para o que naõ deve ser , por isso naõ sei se podemos admirarnos , de que as fons tes ainda corraõ para o mar; de que o fo go ainda abraze ; de que o ar ainda se mo va; e de que a terra ainda fertilize. Os ele mentos naõ se mudaõ , mas he , porque estaõ subordinados ás primeiras leis , que lhes deo o author do mundo ; temos o uso d'elles , o dominio naõ ; devem servirnos , e naõ obedecernos : a noſſa prevaricaõ ex tends e a tudo quanto foi , ou he obra noſ ſa ; por isso a vaidade ſe communica , e tem jurisdiçao em tudo aquillo em que nós a tem mos. D'aqui procede , o ſer a ſcienzia da juſtiça humana , huma ſcienzia mudavel , incoſtant e , e varia ; porque as leis da vaidade ſabem confundir - ſe com as leis verda deiras da juſtiça. A vaidade tambem tem regras , e Doutores. Quantas injuſtiças naõ terá feito a vaidade de fazer juſtiça ! A me ſma vaidade que inspira a rectidaõ , a emba raça. Revista - ſe embora o soberbo Magif trado de hum ſemblante rugoso , implaca vel , adverſo , e truculento: faça - ſe irriſivel totalmen te , aspero , severo , e defabri do ; moſtre hum aspecto ſombrio , terrivel , taciturno , e intratavel ; falle de hum ar , e tom

tom de soberania ; tenha sempre o pensamento distrahido , como que o tem todo ocupado em Ulpiano , e Bartolo , ou que está combinando n'a memoria algum ponto de grande consequencia , de que talvez depende a economia do Universo ; nada d'isso pertence á natureza do Magistrado , á natureza da vaidade sim. Hum jurisperito incivil quer que até n'a gravidade do seu vulto se conheça a inflexibilidade do seu animo ; e que se veja até n'a sua forma exterior , huma forma judicial. Aquelle frontispicio , cujo ornato consiste n'a desordem , he a primeira cousa que a vaidade expõe , como em espectaculo , quando quer alcançar huma aclamaçã de justo. Mas quantas injustiças naõ produz o desejo , ou a vaidade de adquirir aquella aclamaçã ! Naõ pôde haver justiça , quando esta se exercita por algum fim , que naõ seja por ella só ; nem pôde ser justo nunca , quem tem por objecto principal , a gloria de o parecer. Tudo o que se busca por ostentação , busca-se por qualquer meio que for , isto he , ou justo , ou injusto ; quem procura a voz da fama , que lhe importa a figura do instrumento que ha de fazer aquelle som ; o que o fizer mais ef-

espantoso , e o espalhar mais longe , esse
he o que convem ; nem importa que a voz
seja sonora , e certa , o ponto he que seja
forte. Quem he muito sensivel á vaidade
do nome , e á vaidade da opiniao , com-
mummente he insensivel á realidade da cou-
sa ; esta fica desprezada , se se pode des-
prezar com seguranca , e sem receio : quan-
do só se quer o effeito , naõ se procura ,
nem attende a causa ; por isto a quem dese-
ja o applauso da virtude , esta fica sendo in-
diferente ; e a quem deseja o applauso da
justica , tambem esta fica sendo menos im-
portante. D'aqui vem , que a justica costu-
ma fazer-se para soar : aquella que soa mais ,
(ou pela grandeza da materia , ou do sujei-
to) essa he a mais agradavel a quem a faz ;
porque d'ella se forma a voz da fama , e
juntamente nasce d'ella o nome , e reputa-
çao de justo. A vaidade naõ se contenta ,
com o que as couisas saõ , mas com o que
parecem , com tanto que pareçao grandes ;
nem faz caso do que se diz que he : estima
o merecimento naõ segundo a qualidade d'el-
le , mas segundo o effeito , que faz n'a es-
timacao das gentes: naõ faz distincção en-
tre o louvor extorquido , e o louvor mere-

cido justamente, basta-lhe que seja louvor; e isto he porque a vaidade naõ se formalisa da verdade do principio; o que quer he, que os homens se admirem; que tomem huma exhalaçao por huma estrella, importa pouco: d'aqui vem, que huma acçaõ ilustre, mas feita em segredo, a vaidade a tem por infeliz; a virtude escondida, e que naõ se sabe, a vaidade a julga por huma virtude perdida, e morta.

O juiz, que decidio contra hum litigante poderoso, e a favor de hum litigante humilde, logo attrahio a si todo o suffragio popular; a multidaõ o canonisa sem exame, e o faz passar por justo, inteiro, e sabio. Assim se engana, ou se deixa enganar aquella multidaõ cega, e sem experientia; presume n'o juiz hum espirito de justica, firme, e incontrastavel, só porque o vio julgar contra a grandeza do poder; mas naõ vê que n'isso mesmo quiz o juiz astuto, fundar a sua grandeza propria; opprimio injustamente ao grande, (porque nem sempre a razao, e a justica estaõ da parte dos humildes) aquelle foi o meio que buscou para fazer-se admiravel entre todos, e adquirir reputaçao em poucas horas: huma

só injustiça lhe deo a opiniao de justo ; huma só iniquidade o fez illustre ; talvez que huma vida longa , e cheia do exercicio da justiça verdadeira , naõ fizesse tanto ; isso mesmo previo o maligno julgador ; por isso quiz anticipar-se aquella gloria , ou vaidade , por meio de hum crime , que o vulgo commummente naõ suppõe : d'aquella forte conseguiu hum alto nome ; mas que importa , elle mesmo o desconhece : todos o tem por justo , e só elle naõ se tem a si ; o engano produzio o effeito para os mais , para elle naõ ; todos o estimaõ porque o crem justo , e só elle se reprehende , porque interiormente sabe que o naõ he ; a todos pôde enganar , só a si naõ ; a consciencia , que naõ teve para julgar a outrem , tem-na (a seu pezar) para julgar-se a si ; em si mesmo tem hum Tribunal , que o accusa , e que conhece claramente o seu delicto ; aquele conhecimento he o por onde começa des- de logo a sua pena ; a sentença contra hum julgador impio , elle mesmo a pronuncia ; e por mais que a vaidade (depois que o fez errar) o ponha em hum perpetuo esquecimento do seu erro , com tudo lá vem algum tempo em que parece , descansa a vaidade ,

e desperta a consciencia ; esta nem sempre vive em hum letargo , ás vezes se levanta como estremecida , e assombrada ; entaõ a ouvimos suspirar dentro de nós , á maneira de hum gemido queixoso , ou ecco triste , que sahe do fundo interior de hum ermo solitario ; o coraçaõ se sobresalta , e enternece ; hum horror gelado , e frio , parece que o cobre , e lhe suspende o movimento ; só entaõ podemos ver n'aquelle luz serena , e pura , luz da justiça , e da razaõ ; entaõ se vê , que a vaidade he de todas as sciencias , e que ainda aquella , que tem a justiça , e a razaõ por instituto , n'essa mesma se introduz a vaidade . Quem differa , que a escuridade das trévas pôde ter lugar n'a mesma parte em que a luz preside ! Que á vista da formosura , pôde ter veneraçaõ a fealdade ! Que huma voz irracional , e rouca , pôde entrar sem desordem n'o concerto da harmonia ! Que entre as pedras preciosas , pôde ter valor a pedra toscal ! Que o metal grosseiro tem hum preço igual ao metal brilhante ! E finalmente quem differa , que n'o templo da Divindade pôde ter algum culto , o idolo ! Entre extremos taes , a distancia que ha , he infinita ; e com

com effeito entre o vicio , e a virtude ; entre o engano , e a verdade ; e entre a ini-
justiça , e a justiça , naõ ha caminho cer-
to , nem proporção , que se conheça ; o
mesmo meio parece que he injusto , e vi-
cioso. Mas que importa : a vaidade faz ,
que naõ seja excessiva a distancia dos extre-
mos , porque quando os naõ pôde chegar,
e unir , faz com que ao menos se possaõ
ver de longe ; he o que basta para de algum
modo qs concordar , e tudo sem mais força,
nem trabalho , que o de dar á verdade al-
guma sombra , algum pretexto ao vicio ,
e alguma cor á injustiça : e assim em quan-
to houverem cores , sombras , e pretextos ,
haõ de padecer a verdade , a justiça , e a vir-
tude.

N'a sciencia de julgar , alguma vez he
desculpavel o erro do entendimento , o da
vontade nunca ; como se o entender mal
naõ fosse crime , erro sim ; ou como se
houvesse huma grande diferença entre o
erro , e o crime : o entendimento pôde er-
rar , porém só a vontade pôde delinquir. As-
sim se desculpaõ commummente os julgado-
res , mas he porque naõ vem , que o que
dizem , procedeo do entendimento ; se bem
se

se ponderar, procedeo unicamente da vontade. He hum parto supposto, cuja origem, naõ he aquella que se dá. Querem os Sabios ennobrecer o erro, com o fazer vir do entendimento, e com lhe encobrir o vicio que trouxe da vontade: mas quem he que deixa de naõ ver, que o nosso entendimento quasi sempre se sujeita ao que nós queremos; e que o seu maior empenho, he servir á nossa inclinaõ; por isso raras vezes se oppõe, e o mais em que se occupa, he em conformar-se de tal sorte ao nosso gosto, que ainda a nós mesmos fique parecendo, que foi resoluçao do entendimento aquillo que naõ foi senão acto da vontade. O entendimento he a parte que temos em nós mais lisonjeira: d'aqui vem que nem sempre segue a razão, e a justiça, a inclinação sim; inclinamo-nos por vontade, e naõ por conselho; por amor, e naõ por intelligencia; por eleição do gosto, e naõ por arbitrio do juizo: as paixões que nos movem, nos inclinaõ; a todas conhecemos, isto he, sabemos que amamos por amor, que aborrecemos por odio, que buscamos por interesse, e que desejamos por ambição: mas naõ sabemos sempre, que também

hem a vaidade nos faz amar , aborrecer ,
desejar, buscar ; d'aqui vem que o julgador
se engana , quando se presume justo , só
porque naõ acha em si , nem amor , nem
odio , nem ambiçaõ , nem interesse ; mas
naõ vê , que he vaidoso , e que a vaidade
basta para o fazer injusto , cruel , tyranno.
Naõ vê , que senaõ tem amor a outrem ,
tem-no a si ; que senaõ tem odio ao litigante humilde , tem-no ao poderoso , só
porque n'a oppressão d'este quer fundar a
sua fama ; naõ vê , que senaõ tem interesse
de alguns bens , tem interesse de algum
nome ; e senaõ tem ambiçaõ das honras ,
tem ambiçaõ da gloria de as desprezar ; e
finalmente naõ vê , que se lhe falta o desejo
da fortuna , sobra-lhe o desejo da reputação . Que mais he necessario para perverter
hum julgador ? E com effeito que importa , que a corrupção proceda de hum principio
conhecido , ou de hum principio
occulto , isto he , de huma vaidade , que
o mesmo julgador naõ conhece , nem per-
cebe ? O effeito da corrupção sempre he o
mesmo . Que importa que o julgador se fa-
ça injusto , só por passar por justiceiro ? A
consequencia da injustiça tambem vem a ser
a

a mesma ; o mal que se faz por vaidade, naõ he menor, que aquelle que se faz por interesse , o damno que resulta da injustiça , he igual ; o juiz amante , ou vaidoso, sempre he hum juiz injusto.

Naõ he assim o magistrado , ou o julgador prudente : este he severo sem injuria , nem dureza ; inflexivel sem arrogancia , recto sem aspereza , nem malevolencia ; modesto sem desprezo , constante sem obstinacão ; incontrastavel sem furor , e douto sem ser interpretador , subtilisador , ou legislador , o seu caracter he hum animal candido , sincero , e puro ; he amigo de todos , inimigo de ninguem ; he alegre , e affavel por natureza , mas reservado por obrigaçao do officio ; he sensivel ao divertimento honesto , mas sem uso d'elle por causa do lugar : em tudo he moderado , civil , circunspecto , diligente , laborioso , e attento ; a ninguem he pezada a sua authoridade , e quando foi promovido a ella , todos conheceraõ que foi justa , e acertada a eleiçao ; todos viraõ que tinhaõ n'elle hum protector seguro da verdade , e hum medianeiro discreto , e favoravel para tudo o que fosse favor , clemencia , generosidade ;

de; chegou á aquelle emprego por meio das virtudes, e naõ por meio da fortuna; hum alto merecimento o fez chamar: e as gentes se admiraraõ, naõ de que fosse chamado, mas de que o naõ fosse mais cedo: a elle naõ assombra nem a grandeza dos sujeitos, nem dos lugares, nem das matérias; naõ attende mais do que á justiça; a esta tem por objecto singular, para esta he que olha; a razaõ he a sua regra, elle a segue, e a acclama em qualquer lugar que a ache; n'o seu conceito naõ valem mais, nem o pobre por humilde, nem o grande por poderoso; distingue as pertençoes dos homens, pelo que ellas saõ, e naõ por de quem saõ; naõ attende á qualidade dos rogos, mas á qualidade das cousas: huma vida sem reparo, nem desordem, foi hum dos requisitos por onde se habilitou; outros ha a quem naõ he ventajoso, que se vejaõ os passos, que já deraõ, mas sómente aquelles, que vaõ dando; e a quem naõ será util, se ponderem as accções antecedentes; e ainda as presentes naõ passaõ sem murmuraçaõ, e queixa. O julgador benigno naõ receia, que se saiba a sua vida, que se diga, e que se escreva; o seu pane-

gy-

gyrico só depende da verdade, do encarecimento, ou da lisonja, naõ ; elle mesmo he o seu elogio. Finalmente o julgador sincero tem das sciencias o que basta para saber julgar, e naõ o que basta para saber embaraçar ; alguns ha, que fazem do conhecimento da razaõ humana sciencia immensa, como se fosse necessario arte para se conhecer o Sol. O caminho da justiça (para quem tem vontade de andar por elle) he hum caminho direito, espaçoso, claro, facil, e aprasivel ; as flores, que o bordaõ de huma, e outra parte, todas saõ perpetuas, porque nunca murchaõ ; huma Primavera constante as reverdece, e alenta : o caminho pórém das injustiças he hum caminho difficult, espantoso, e escuro ; humas vezes he por cima de rochedos escarpados, por onde a cada passo se encontra hum precipicio ; outras vezes he por vales estreitos, sinuosos, e profundos, e d'onde as arvores saõ todas infecundas, tem palidas as folhas, e nascendo desordenadas, e confusas, fazem o lugar seguro, e proprio para traições, aleivosias, furtos, assaltos ; as mesmas sombras infundem pavor, e fingem vultos enormes ; hum arcáli-

liginoso , e denso , apenas pôde alvergar aves nocturnas de presagio infausto ; os rios , que alli se vem , saõ negros , e tem n'o abysmo o fundo , apenas pôde criar monstros amphibios ; o silencio , com que passão , os faz ainda mais funebres , e tristes , como se nascessem do Styge , do Averno , ou do Cocytio. Esta figura representa o caminho da injustiça , caminho , que naõ se sabe sem estudo , porque tudo se compõe de circuitos , rodeios , e desvios. Mas que infeliz estudo he este , em que se aprende muitas vezes o caminho por onde se vai ao Inferno ! Por isso aquelle digno Magistrado , de huma fiel jurisprudencia , só quiz saber , o como se deve julgar ; e naõ o como se pôde julgar ; e da mesma sorte só quiz saber , o como se devem fazer as cousas , e naõ o como se podem fazer ; d'aqui lhe procedeo o serem justas as suas decisões , e ser o seu voto acertado sempre ; nunca teve por objecto , senaõ a justiça , e a razão , e estas só consideradas em si mesmas , sem alteração , e n'o seu primeiro estado de innocencia , e de pureza ; n'as leis nunca viu mais nem menos do que aquillo , que ellas tem , nem as soube accom-

commodar a algum sentido exquisito, e raro, por onde viesse a ter lugar a inveja, a ambição, e a vingança. Finalmente aquele julgador he verdadeiro só por amor da verdade; he justo só por amor da justiça; elle conhece os seus proprios movimentos, e entre estes segue unicamente aquelles, que tem por principio a justiça, e a verdade. Naõ se desvanece das virtudes, que conhece em si; o aplauso só quer, que seja da virtude, e naõ seu; o louvor quer, que se dê á razaõ, e naõ a elle; parece-lhe, quem em obrar como deve, naõ merece nada; naõ se admira da justiça, que exercita por força da obrigaçao das accões memoraveis, em que tem parte, elle se suppõe hum instrumento necessario; sendo assim, naõ o pôde vencer a vaidade. Esta, que em todos os homens he como hum affecto, ou paixão inevitavel, só n'aquelle julgador fica sendo como affecto sem vigor; desconhecido, e estranho; mas por isso mesmo, e sem cuidado, conseguió, e tem hum nome veneravel, e com circunstancia taõ feliz, que esse mesmo nome, que conserva, contém em si huma illustre, e saudosa recordação.

A vaidade da origem , he húma feita , que se fundou n'a Europa da decadencia de outras da mesma especie , ou semelhantes : aquella parte por onde o mundo se começou a polir , foi o d'onde os homens descobriraõ a invençaõ maravilhosa da nobreza. A successaõ dos seculos tinha feito perder a intelligencia , e uso de muitos artificios uteis , e admiraveis ; mas em recompenfa fez achar n'o sangue muitas diferenças , que ainda se naõ tinhaõ advertido. Os homens barbaros naõ puderaõ ver n'o sangue outras cousas mais , do que aquellas de que consta hum corpo fylico ; e n'aquelle humor o mais que víraõ , foi a razão de mais , ou menos liquido , e a razão de mais , ou menos cor ; d'estes douis principios fizeraõ resultar todas as mudanças de que o sangue he susceptivel , e por causa d'elle , o homem. Averroes , Avicena , Hippocrates , e Galeno ; huns famosos Medicos , e Filosofos Arabios ; os outros , tambem famosos , e Medicos Gregos , naõ conhecéraõ (segundo se diz) a circulaçāo do sangue. Os que lhes succedéraõ depois , naõ só fizeraõ aquella grande descoberta , mas tambem entráraõ a seguir a idéa de applicar , ou con-

siderar n'o sangue muitas razões , e substâncias importantes , de que a natureza , que o faz , e cria , naõ tinha , nem ainda tem , noticia alguma , de sôrte , que n'esta parte pôde dizer-se , que a natureza naõ sabe o que faz ; e com effeito o que sabe he , que o sangue he huma entidade material , sujeita a todas as leis da hydrostatica , e do equilibrio , e que fórmia hum liquido espirituoso , vital , universal , e igual em tudo quanto respira , e he sensitivo ; o mesmo modo , a mesma arte , os mesmos ingredientes , de que a natureza se serve para fazer o sangue de hum Leão , de hum Elefante , ou de huma Aguia , saõ os mesmos de que se serve tambem para formar o sangue de huma Pomba rustica , ou de hum Cordeiro manso : as producções saõ diversas , a fabrica he a mesma ; naõ ha diferença n'os principios , n'as figuras sim. Se o Leão se desvanece , he porque tem a força , e naõ porque tem o sangue de Leão : e ainda se se desvanece pela força , he quando se compára ao Cordeiro debil , e naõ se he comparado a outro Leão. Se o Elefante fosse presumido , seria por ter a corpulencia , e naõ por ter o sangue de Elefante : e ain-

ainda n'o que toca á corpulencia , à presum-
pçāo seria o respeito de outros animaes de
menos estatura , e naõ a respeito de outros
Elefantes. Se huma Aguia se jactasse , havia
de ser de subir mais alto , e naõ de ter o
sangue de Aguia ; e ainda a jactancia do su-
bir , só seria a respeito do Cisne humido ,
e pezado , e naõ a respeito de outras Aguias.
Naõ he assim o homem ; porque o seu des-
vanecimento , a sua presumpçāo , e a sua
vaidade he dirigida sempre a respeito dos
mais homens. O sangue he o lugar em que
fazem consistir a singularidade , ou superio-
ridade de huns a outros ; n'aquelle licor he
o d'onde consideraõ como occultas , e invi-
siveis todas as razões de diferenças ; alli
puzeraõ o astento da Nobreza , e d'alli a fa-
zem sahir , como de huma fonte original ,
e composta de infinitas distinções , qualida-
des , gráos , quilates. Os homens das ou-
tras regiões naõ distinguem os sanguess , se-
naõ pelas suas proporções elementares ; isto
he pela proporção dos elementos ; ou par-
tes , de que os mesmos sanguess se compoem ;
a diversidade que notavaõ , consistia em ser
hum sanguem mais , ou menos calido ; mais
ou menos denso ; mais ou menos subtil ;
naõ

naõ virão aquellas Nações remotas, o que com mais engenho, e estudo chegáraõ a ver as Nações da Europa; isto he, que ha hum sangue humilde, vil, abjecto, e baixo; e que ha outro, nobre, illustre, preclaro, esclarecido: mas se se pergunta a hum sanguine, quem o fez humilde, e a outro, quem o fez nobre; o primeiro ha de dizer, que huma nobreza cruel, e dilatada, o envileceo; e o segundo dirá, que huma pomposa, e dilatada riqueza o illustrou. Quem dissera, que a fortuna faz o sangue! Naõ basta va, que essa mesma fortuna tivesse poder n'as couças, que nos rodeaõ, sem o ter tambem n'aquillo, que está dentro de nós? Parecia-nos, que só a natureza dava o sanguine, e que este só da natureza dependia; mas agora vemos, que a fortuna o muda.

Muda a fortuna o sangue, ou ao menos parece, que o muda; e com tal variedade, e força, que aquelle sangue, que algum dia foi humilde, hoje he generoso; aquelle que foi esclarecido, he humilde; o que agora he abatido, tempo ha de vir em que o naõ seja; e o que está sendo illustre já, tambem algum dia deixará de o ser. D'este modo vem a depender o sangue, naõ só

só da fortuna presente , mas da passada , e
da futura : naõ só lhe prejudica a miseria
actual , mas tambem aquella que passou ;
faz-lhe mal o mal que sente , e tambem
aquele que naõ pôde sentir ; costuma vir-
lhe de longe o abatimento , ou a grande-
za ; por isso depende menos do estado pre-
sente em que se acha , que do estado pas-
sado em que outros se acháraõ ; e com effei-
to a fortuna dos passados faz a Nobreza dos
presentes , e a fortuna d'estes faz a Nobre-
za dos futuros ; assim se faz a Nobreza , e
se desfaz successivamente. A mesma fortu-
na prepara a Nobreza em huns ; isto he ,
começa-a ; em outros a aperfeiçoa ; até que
finalmente vem a acaballa em outros ; o
acaballa , he desfazella ; todas as cousas ten-
dem naturalmente para o seu principio. A
indigencia he mais natural , ou mais cer-
ta que a abundancia ; esta que illustra o san-
gue , he menos permanente do que a po-
breza , que o abate ; a decadencia he mais
commua , e menos inconstante ; a prospe-
ridade he a que faz a Nobreza , em quanto
dura ; e tambem he a que a desfaz , quando
se aparta. A Nobreza segue os passos da
fortuna , se esta he dilatada , e grande , en-

taõ se fórmã huma Nobreza esclarecida ;
porque os seculos lhe escondem a sua pri-
meira , e limitada origem. A luz , quando
nasce , he debil ; porém insensivelmente se
fortifica ; nenhum rio se mostra logo como
mar ; e dos que saõ mais celebrados , ainda
se ignora o d'onde vem ; talvez que seja de
alguma fonte humilde , e desprezada ; mas
como vem de longe , a distancia os enno-
brece , só porque oculta a tosca rocha , ou
a brenha sem nome d'onde nascem. As cou-
sas vãs necessitaõ de huma certa escuridade ,
que as esconda , porque como se estimaõ ,
só porque se imaginaõ estimaveis , se se dei-
xaõ conhacer , perdem-se ; a ignorancia do
que ellas saõ , he o que as conserva , e atra-
he a si hum respeito religioso. Saõ poucas
as vozes , que naõ sejaõ imprudentes ; e
pelo contrario , todo o silêncio he discre-
to , e sabio ; as cousas que naõ se estimaõ
por naõ serem conhecidas saõ raras : o me-
recimento transpira por toda a parte , e por
mais que se queira esconder , naõ pôde ;
he como a claridade , que sempre busca ,
e acha caminhos invisiveis por onde passa :
huma chamma activa naõ se pôde conter :
ella se descobre , o mesmo fumo lhe serve
de

de indicio. Naõ he isto assim n'a vaidade da Nobreza , porque a esta o que convem he ter hum principio impenetravel , e que esteja involvido em sombras taes , que o exame as naõ possa romper ; e que esse mesmo exame , já confuso , e embaracado , naõ chegue senaõ até aquella parte , d'onde a Nobreza está mais brilhante , e clara ; e se lhe fosse facil andar mais , de successão em successão , lá havia encontrar os si naes , os vestigios da miseria , e junto a esta inseparavel a vileza ; assim , bem podemos assentar , que a vaidade da Nobreza he huma introducção supersticiosa , a qual nasce da vaidade do luxo , da vaidade da arrogancia , e da vaidade da fortuna.

Era preciso com esseito , que muitas vaidades concorressem , para poderem formar a vaidade da Nobreza ; era preciso , que muitas vaidades se ajuntassem , (todas subtis , e especulativas) para fazer que os homens cressem , que os accidentes do tempo ; da fortuna , e da desgraça , se podiaõ de tal sorte infundir n'o sangue , que a hum constituissem sangue nobre , e a outro fizessem sangue vil. A Nobreza , e a vileza , saõ substancias incorporaes , porque saõ vãs ;

e se he verdade, que podemos estar n'o sangue, será talvez por algum modo intelectivo, immaterial, e ethereo; mas parece que nem assim podia ser, porque aquillo que he vaõ, de nenhuma sorte existe. A inexistencia da Nobreza ainda he menos, que a inexistencia de huma sombra, porque esta ao menos he hum nada que se vê; a imaginaçã pôde fingir huma chiméra, porém dar-lhe corpo, naõ; pôde imaginar a chiméra da Nobreza, porém introduzilla n'as veas nunca pôde ser. Os homens enganaõ-se com o que imaginaõ; parece-lhes que o mesmo he imaginar, que formar, e que he o mesmo idear, que ser. O engano, ou a vaidade da Nobreza poderia ter lugar, se os homens assim como a quizeraõ pôr interiormente em si, se contentassem com a pôr de fóra, isto he; se a fizessem consistir n'as acções exteriores; perderaõ-se em buscar o sangue para assento da Nobreza: aquelle engano ficou visivel, e facil de perceber. Todos sabem, que a imaginaçã naõ pôde dar, nem tomar corpo: a illusaõ do pensamento nunca pôde ser mais do que illusaõ. O sangue naõ está sujeito á opiniaõ, só depende das leis do movimento, e da

ma-

materia ; as distincções , que o pensamento considera , naõ passão do pensamento , n'elle ficaõ , só n'elle podem existir , n'o sangue naõ. A Nobreza , e a vileza , saõ nomes diferentes , mas naõ fazem diferentes sanguess ; estes saõ iguaes em todos ; e por mais que a vaidade finja , invente , e dissimule , tudo saõ imagens suppostas , e fingidas , tudo saõ opiniões , que todos sabem que saõ falsas ; tudo saõ sonhos de homens acordados. A verdade se ri de ver a gravidade , o gesto , e circunspecçao com que as gentes tratão a materia da Nobreza ; e de ver que saibaõ como o sangue se ennobrece , ao mesmo tempo que naõ sabem o como elle se faz ; de sorte que ainda naõ conhecem , nem haõ de conhecer nunca a fabrica d'aquelle liquido admiravel , e presumem conhecer-lhe as qualidades ; ignoraoõ as qualidades certas , e visiveis , e cuidaõ que naõ ignoraoõ as que saõ de huma fantasia irregular ; e que naõ constaõ mais que de huma ficçao civil. D'aqui veio o reduzir-se a arte áquelle mesmo conhecimento , arte rara , e vasta , e que tem por objecto , naõ só o estado da successão dos homens , mas tambem o estado , ou situaçao da Nobreza d'elle.

Em

Em hum breve mappa se vê facilmente , e sem trabalho , o que produziraõ muitos seculos ; alli se achaõ collocados (como se estivessem vivos) os illustres ascendentes da Nobreza humana ; e tudo com tal ordem , e repartição taõ clara , que em hum instante se comprehende a arte ; e só com se ver , se sabe : n'o mesmo mappa , ou globo racional , se encontraõ descriptas muitas linhas , e distintos lados ; e n'estes introduzidos subtilmente outros lados errantes , desconhecidos , vagos , e duvidosos : as religiões , que alli se consideraõ , tem aquelles frutos , que o tempo consumio : as arvores , os troncos , e os ramos , saõ de d'onde estaõ pendentes Varões illustres , armas , escudos , titulos , troféos , mas tudo sem acção , nem movimento , tudo alli se poe , menos para exemplo das virtudes , que para delicia da vaidade ; menos para indicar o desejo de merecer , que para servir de lisonja a ociosidade da memoria ; menos para estimulo da imitação , que para despertar o desvanecimento . Nunca a vaidade achou em espaço taõ pequeno , maior contentamento . Aquelle he o lugar mais proprio , em que a Nobreza se mostra ves-
ti-

tida de pompa, e de aparelho : alli he finalmente d'onde a vaidade como em hum labyrintho famoso, e agradavel intenta medir o ar ; pezar o vento , apalpar as sombras.

Mas por que razaõ poriaõ os homens n'o sangue a qualidade da Nobreza ? Seria por ser aquella a parte de que a vida está mais dependente ? Naõ , porque a vida naõ depende mais do sangue , que de outros muitos liquidos do corpo. O sangue tem n'a cor mais elegancia , move-se , e existe em porçaõ maior: mas d'isso naõ se segue , que a vida depende mais do sangue , ou tenha d'elle maior necessidade. A cor he effeito da transposiçao da luz ; a porçaõ muitas vezes faz o nosso mal ; e n'a formaçao dos mixtos he menos importante aquillo , que entra n'elles em mais larga quantidade. Move-se finalmente o sangue ; mas que parte haverá n'o corpo , que naõ tenha hum movimento proprio ? O que o sangue parece tem de mais , he que naõ necessita da nossa intensaõ para mover-se ; mas isso mesmo tem o corpo em outras partes ; e a depravaçaõ do movimento de que resulta a convulsaõ , procede de hum movimento involuntario. Naõ achamos pois o fundamento por onde

de os homens quizeraõ , que fosse o sangue
a fonte d'onde a Nobreza se imprime , e
de d'onde sahe. Só nos falta ver , se será
talvez por entenderem , que as successões
se continuaõ pelo sangue , e que este deri-
vado de huns a outros , successivamente
continua em huma mesma descendencia ,
conservando n'ella hum caracter particular ,
distinto , e determinado ; e com effeito em
cada arvore ha hum tronco commum , de
d'onde nascem muitos ramos , muitas fo-
lhas , muitas flores , muitos frutos ; estes ,
ainda quando saõ muitos n'o numero , sem-
pre conservaõ a mesma ordem , e a mesma
identidade n'a figura ; a qualidade he a mes-
ma , e igual em todos ; e todos reconhecem
huma mesma , e universal origem : alli se
vê , que as producções saõ separadas , e di-
versas ; mas o tronco progenitor he hum .
Muitas rosas brotaõ de huma só roseira ;
porém todas saõ rosas ; a especie he a mes-
ma em todas ; e por mais que cada huma
esteja em diverso ramo , a arvore que as
sustenta , he huma só . Assim he , e já pa-
rece , que aquella paridade tomada n'o rei-
no vegetal , tem justa applicaçao para o
caso da Nobreza infundir n'o sangue , e n'a
fuc-

successaõ ; mas naõ sei se a mesma parida-
de pôde servir de aniquillar inteiramente,
ou ao menos de embaraçar o systema da No-
breza de geraçaõ. (A maior parte dos sys-
temas commummente está sujeita á varieda-
de do discurso ; ainda aquelles a que a pres-
cripçaõ do tempo tem feito adquirir hum
direito de certeza.) O caso he , que o san-
gue dos animaes he como o humor n'as
plantas ; estas por meio das raizes attrahem
a si a humidade fecunda , que as faz re-
verdecer , e he a mesma de que se fórmâ o
tronco , os ramos ; as folhas , e os frutos ;
de sorte que o humor da terra he o que aní-
ma a planta , he o seu sangue : este sangue
pois , ou este humor , será por ventura
sempre o mesmo em huma planta ? Naõ ;
porque a terra a cada instante recebe dos
outros elementos huma nova vida , isto he ,
huma humidade nova : as aguas , que a
regao , nunca saõ as mesmas ; d'aqui vem ,
que o sangue de huma planta sempre he ou-
tro , comparado ao que foi primeiro ; e por
isso sempre muda de sangue , porque sem-
pre muda de humor ; aquelle com que nas-
ceo , naõ he o mesmo que hoje tem : o pri-
meiro parece se extinguio por huma trans-
pi-

piração lenta, e insensível; e assim o sangue, com que está, não he o que já teve, porque já não tem o humor que tinha: a conservação das plantas, e animaes, depende de huma continua mudança de alimento, e por consequencia de sangue; este sofre huma dissipação precisa; he preciso, que hum sangue acabe, para dar lugar a outro: n'esta renovação, ou reformação de sangue, consiste a vida: a morte vem de ser o sangue mesmo; a falta de mudança, he o que o perverte; a constancia, e estabilidade, serve-lhe de ruina.

E com effeito se senão perdesse o sangue, que se faz n'os animaes, e o humor, que as arvores attrahem, d'onde era possivel que coubesse tanto humor, e tanto sangue? Que outra cousa he a enfermidade, senão hum sangue, ou hum humor, que senão dissipá, e está como suspenso? O calor vital, que expulsa hum, fabrica outro; algumas cousas ha, que para acabarem, basta que subsista n'o que saõ; d'aqui resulta huma especie de pasmo: a corrupção do sangue vem de não acabar hum para que outro comece; a força do remedio consiste n'a virtude de expellir, e dissipar; a superfluidade

de procede de se haver o sangue conservado ; a conservação o perde , naõ só pela razão de ser peccante , mas pela razão de ser o mesmo . Os poros saõ como infinitas portas , e quasi imperceptíveis , por onde o sangue , e todos os humores passaõ continuamente , e sem interrupção : a saude consta de exhalação , e de perdição ; persiste huma substancia , porque outra se desvanece : se acaso aquelles poros se constipaõ , isto he , se aquellas portas se apertaõ , ou se fechaõ , e que o sangue fique como prezo , e sem sahir entaõ se vê , que o sujeito se afflige , e desfalece ; e se dura , ou permanece a recluão , a morte chega em poucas horas : a arte , que conhece a causa da desordem , só cuida em relaxar , e abrir os poros comprimidos , e cerrados , para que o sangue posto em liberdade se possa livremente perder , dissipar , fugir . A natureza ambiciosa em conservar fica inhabil para adquirir ; a vida naõ depende tanto do sangue , que está feito , como d'aquelle que se vai fazendo : rotas as veas , por ellas sahe em horrivel , e espantosa quantidade : debilita-se a natureza , mas se lhe acodem , naõ acaba ; porém se fica sem acção para fazer

zer de novo , entra em agonia , e se extingue totalmente ; n'aquelle elaboraçao está a vida , n'este descanço a morte.

Ainda as partes sólidas do corpo de alguma sorte mudaõ de substancia , e se regeneraõ. O osso duro , parece que todo em si he compacto , e immutavel ; mas com tudo , a sua contextura he composta de folhas adherentes , separadas , e sobrepostas ; por entre varios intersticios circula n'elle hum liquido unctuoso , este serve-lhe de alimento , e sangue : e he tambem o que sendo molle , faz que o osso seja forte , e firme ; d'alli vem a nutriçaõ , e por consequencia a mudança de materia ; porque tudo o que alimenta , trabalha em se transformar , ou converter n'a cousa alimentada ; aquella conversaõ procede lentamente , e apenas se imagina em hum corpo duro : nos liquidos he visivel , e se percebe facilmente. Mas haverá quem diga , que ainda que o sangue mude , e se renove , basta que fique d'elle hum atomo fermentativo , ou idéa primogenia , para assim se conservar perenemente a qualidade da Nobreza. Isto ha de dizer o defensor do sangue antigo , naõ por defender o sangue , mas por defender

a

a Nobreza incorporada. Sempre he máo que o argumento chegue a tal extremo, que seja forçoso recorrer aos atomos, aos fermentos, e ás idéas: em cousa fysica naõ sei se he permittido o recurso para cousas imperceptiveis, e invisiveis. Em o nascimento de huma fonte quem lançar qualquer porçaõ de agua diversa, esta ha de sahir em brevissimos instantes; porque aquellas aguas continuamente estao mudando de si mesmas: elles saõ o sangue da terra, assim como o sangue saõ as aguas do corpo: todas se mudão, e successivamente se renovaõ; as que vem depois saõ outras, sem impressão alguma das primeiras; nem se pôde imaginar, que cada porçaõ de sangue vá deixando, (como em memoria, e penhor de si) alguma porçaõ, ainda que pequena infinitamente; as partes naõ saõ extensiveis, ou indivisiveis em infinito; assim que chegaõ a huma tal tenuidade, acaba-se a divisaõ. A subsistencia tem fim no sangue, porque este transpira por huma immensidate de caminhos; nem he comprehensivel, que n'a massa de hum fluido subtil, haja alguma parte, que tenha o privilegio de ser intranspiravel, e que isento das leis universaes,

vá

vá ficando só para servir de germen qualificador. Quanto mais hum licor se move, mais se diminue: n'aquelle que tem hum movimento perpetuo, regular, e proprio, a materia se dissipá, á proporção que se subtiliza; nem ainda em hum tubo de crystal se pôde algum licor conservar iuteiro; e apenas se faz crivel a quantidade de humor, que o corpo exhala em poucas horas. Concluamos pois, que o sangue naõ he d'onde a Nobreza assiste; he hum liquido incerto, e vago para ser o assento de huma vaidade taõ constante. Haja embora n'o mundo huma Nobreza, com tanto que naõ imaginemos, que ella tem dentro dos homens huma parte distinta d'onde habita: seja hum idolo, mas idolo sem templo: basta suppor, que o Simulacro he certo, sem entrar n'o empenho sobre o lugar da dedicação: seja a Nobreza como a sombra; esta bem se vê, mas naõ se pega; sempre está fóra do corpo, dentro nunca: tenha a vaidade hum culto exterior, com tanto que ella seja exterior tambem. Deixemos finalmente o sangue em paz; elle naõ descança, e todo o seu trabalho he para ser sangue, e naõ para ser este, ou aquelle sang-

sangue: de que serve a arte de introduzir n'aquelle liquido admiravel, qualidades arbitrarias, e civis, se a verdade he, que elle só tem as qualidades naturaes? Para que he fazer ao sangue, author d'aquillo, de que só he author a vaidade.

A Historia he huma das próvas, com que a vaidade allega, e de que mais se serve n'a authenticidade da Nobreza: prova incerta, duvidosa, fingida, e tambem algumas vezes falsa: n'ella se vem muitos successos famosos, acções, combates, victorias, muitos nomes a quem effas mesmas acções ennobreceão, illustráraõ. Mas de quantas acções fará mençaõ a Historia, que já mais se viraõ? De quantos successos, que nunca foraõ? De quantos combates, que nunca se deraõ? De quantas victorias, que nunca se alcançaráõ? E de quantos nomes, que nunca houveraõ? Não he facil, que pelas narrações da Historia se possa descobrir a verdade dos successos; ella commumente se escreve, depois de serem passados alguns, ou muitos seculos, de que se segue, que a mesma antiguidade he huma nuvem escura, e impenetravel, d'oncde a verdade se perde, e esconde. Se a Historia

ria se escreveo ainda em vida dos Heróes, o temor, a inveja, e a lisonja bastaõ para corromper, diminuir, ou accrescentar os factos succedidos: por isso já se disse, que para ser bom Historiador, he necessario naõ ser de nenhuma Religiao, de nenhum Paiz, de nenhum partido, de nenhuma profissao; e mais que tudo, se se pudesse naõ ser homem. E com effeito se alguem se persuade, que ha de saber a verdade dos successos pela liçaõ da Historia, engana-se, quando muito o que ha de saber, he a Historia do que os Authores escrevēraõ, e naõ a verda-de d'aquillo que escrevēraõ.

Os Historiadores n'o que mais se es-forçaõ, he em pintar cada hum a si, e in-troduzirem n'o que escrevem as suas profis-sões, e inclinações. O Orador todo se oc-cupa em Declamações, e Panegyricos, ain-da que os objectos do louvor sejaõ totalmen-te indignos d'elle. O Militar naõ faz mais que buscar occasião para descrever empre-zas, muralhas, angulos, ataques, sitiios: huma batalha, que nunca houve, elle a faz taõ certa, que até relata a hora em que co-meçou, o como se proseguiu, o tempo que durou, os incidentes que teve, os nomes dos

dos Gêneraes , a fórmā do combate , os erros , ou acertos de huma , e outra parte ; e finalmente dá a razão por onde se veio a conseguir o vencimento ; ainda em hum combate verdadeiro , só o Historiador teve noticia de infinitas circunstancias , que tendo sido momentaneas , nenhum dos mesmos combatentes as puderaõ distinguir , saber , nem ver ; se o Author da Historia he Juris-consulto , logo faz mençaõ de Leis , Legis-ladores , Direito das gentes , e da guerra : a cada passo acha materia propria para huma larga discussão , e deixando o que per-tence á Historia , elle mesmo se incorpora n'ella , e entra a mostrar o seu carácter : d'aqui vem , que Salustio , sendo Historiador , todo se cansa em moralidades , Tacito em politicas , Tito-Livio em supersti-ções.

O desejo de contar cousas admiraveis , e a vaidade , que o Historiador tem de ma-nifestar que as sabe , he o que fez sempre inventar , e escrever successos fabulosos . O inventor de cousas raras , extraordinarias , e maravilhosas , atribue a merecimento seu , a admiraçao que faz nascer n'o animo do leitor credulo , e innocentē . A varieda-

S de

de de opiniões n'a materia da Historia, faz que esta parte da literatura, seja a mais incerta, duvidosa, e composta muitas vezes de enganos, e imposturas. A Herodoto (que passa pelo melhor Historiador) chama Cicero Author de fabulas; Diodoro trata de fabulistas aos Escritores, que lhe precederão, e a elle mesmo trata da mesma sorte Vives. Os Commentarios de Cesar não são mais acreditados: Pollio-Asinio os tem por pouco verdadeiros, e Vossio faz lembrado hum Escritor, que pertende mostrar com provas invenciveis, que Cesar nunca passou os Alpes; e que tudo quanto diz da guerra dos Francos, he falso.

Os Historiadores, não sómente são opositos entre si, mas cada hum a si mesmo muitas vezes he contrario. Procopio n'a sua Historia, dá louvores imminensos ao Imperador Justiniano, e á Imperatriz Theodora, sua mulher, a Belisario, e a Antonina; e n'as suas Anecdotas os critica excessivamente. Os marmores, e bronzes, não servem n'a historia de provas infalliveis: os monumentos mais antigos tem dado occasião aos mais celebrados erros: as primeiras conjecturas, (bem, ou mal fundadas) ad-

adquirindo com o tempo a authoridade da historia, forao passando á posteridade como cousas certas: temos exemplo n'a memoravel inscripçāo posta n'o arco do triunfo de Tito; a qual dizia, que antes d'aquelle Imperador ninguem tinha tomado, nem ainda emprendido o sitiār Jerusalēm, sendo que (sem recorrer á historia sagrada, que ainda entaō poderia ser menos bem sabida dos Romanos) aquella Cidade foi huma das conquistas de Pompeo, de d'onde procedeo o chamar-lhe Cicero, o seu Jerosolimario. Accresce a isto, que os mais notaveis acontecimentos saõ os em que as historias mais variaõ, e em que os Authores concordaõ menos. Quantos pareceres tem havido sobre a guerra de Troia? Huns querem que ella fosse verdadeira, outros dizem que naõ foi mais do que huma bem composta fabula.

Dion Chrysostomo, n'a fé das tradições Egypcias, diz que Helena sendo pedida pelos maiores Principes da Asia, e Grecia, casara por ordem de seu pai l'ynitaro com Alexandre, filho de Priamo; e que aquelles Principes irritados da preferencia, fizeraõ guerra a Troia; e que enfraquecidos depois pela peste, e fome; e juntamente

S ii pe-

pelas suas mesmas dissensões concluirão a paz com os Troianos , em cuja memoria tinhaõ feito fabricar hum cavallo de madeira , d'onde se escreverá em grossas letras , a fórmā do Tratado ; e que finalmente naõ podendo o cavallo entrar pelas portas da Cidade , se havia aberto hum pedaço de muralha por onde elle passasse . Porém Pausanias diz o contrario , e segura que o cavallo de Troia naõ fora mais do que huma máquina de bronze , que elle vira em a Cidadella de Athenas ; e que tinha servido n'aquelle guerra , como de instrumento bellico , para arrombar , e destruir os muros .

Muitos escreverão , que Helena nunca fora a Troia : que Pariz , e Helena foram levados por huma tempestade à huma das bocas do rio Nilo , chamada *Canope* , e de lá conduzido a Memphis , d'onde Protheo reinava , este abominara a aleivosia d'aquelle Príncipe ; e que lançando-o fóra do seu Reino , retivera a Helena com todas as riquezas , que ella tinha : que entaõ Paris se retirara a Troia ; e que sendo seguido pelos Gregos , d'alli se originara huma grande ; e cruel guerra ; e que indo depois Menelao ao Egypto , lá lhe entregara Protheo

a

a Helena , e juntamente as riquezas todas.

A diversidade de opiniões naõ he menor em tudo o que respeita á historia de Eneas. Alguns Escritores dizem , que aquelle Principe fora o que entregára a sua patria , abrindo huma das portas de Troia aos Gregos : outros escrevem , que a viagem do mesmo Principe á Italia era duvidada por Denys de Halicarnasso , e entre os Modernos por Justo Lipcio , por Philippe Clu vier , por Samuel Bochart , e por outros muitos. Metrodoro de Lampsaque naõ faz difficultade em crer , que os Heroes de Homero , Agamemnon , Achilles , Heitor , Páris , e Eneas nunca existiraõ n'o mundo.

A historia naõ he menos incerta , a respeito da fundaçao de Roma : huns dizem , que os Pelasgos , depois de subjugarem nações varias , fundaraõ n'a Italia huma Cidade grande , a que chamaraõ Roma , em sinal , ou significaçao da sua força ; porque Roma em Grego , quer dizer , *força*. Outros contaõ , que n'o mesmo dia , em que se tomou Troia , alguns dos naturaes entraraõ n'as embarcações , que acharaõ n'aquelle porto ; e que fendo lançados pelos ventos

tos sobre a costa de Toscana , desembarcaraõ junto ao Tibre ; e que entre as mulheres , que naõ podiaõ supportar os incomodos do mar , havia huma chamada Roma ; e que esta aconselhara as outras possesem fogo ás embarcações , e que sendo executado aquelle arbitrio , e conhecendo os maridos a bondade do paiz , se resloveraõ a ficar n'elle ; e fundando huma Cidade , lhe puzeraõ o nome da mulher , que os obrigára a estabelecer-se alli.

Tambem ha quem diga , que Telepho , filho de Hercules , tivera huma filha chamada Roma , a qual casára com Eneas , ou com seu filho Ascanio , de d'onde procedera o nome da Cidade : outros querem que Roma fosse edificada por hum filho de Ulysses , e de Circe , chamado Romano : outros dizem que Roma , Rei dos Latinos , fora o primeiro que a habitara , depois de vencidos os Tyrrenos . Antiocho de Syracusa , que vivia cem annos antes de Aristoteles , escreve que muito antes da guerra de Troia , já havia n'a Italia huma Cidade chamada Roma . Sempre he digno de reparo , que entre todos os Authores , que attribuem a Romulo a fundaçao de Roma , ne-

nenhum concorde com o nascimento , e
educaçāo d'aquelle fundador.

À mesma diversidade de opiniões se
encontra a respeito das Sabinas , de Licur-
go , e das Amazonas. D'estas falla Herodo-
to , Diodoro , Trogó-Pompeo , Justino ,
Pausanias , Plutarco , Quinto Curcio , e
outros. Strabaõ nega , que as Amazonas
fossem huma naçāo , que existisse nunca.
Palephato he do mesmo parecer. Arriano
tem por muito duvidoso , tudo quanto se
escreveo das Amazonas. Outros tomaõ por
Amazonas huns exercitos de homens coman-
dados por mulheres ; e d'isto ha muitos ex-
emplos n'a historia antiga. Os Medas , e os
Sabianos , obedeciaõ a Rainhas. Semiramis
dominava os Assyrios , Tomyris aos Scy-
tas , Cleopatra aos Egypcios , Baudicea aos
Inglezes , Zenobia aos Palmyrenios.

Appiaõ crê , que as Amazonas naõ
era huma naçāo particular , mas que assim
se chamavaõ todas as mulheres de qualquer
naçāo que fossem , e tivessem por costume
o hir á guerra. Outros pertenderaõ que as
Amazonas naõ eraõ outra cousa mais do que
huns povos barbaros , vestidos de roupas
longas . e que tinhaõ n'a cabeça ornatos de
mu-

mulher. Diodoro de Sicilia diz, que Hercules, filho de Alcmene, a quem Euristeo pedira lhe trouxesse o talim de Hypolita, Rainha das Amazonas, elle com effeito as combatera junto ás margens do Thermo-don, e destruira aquella naçāo guerreira; porém os sucessos mais famosos da historia das Amazonas saõ menos antigos que o Hercules Grego, filho de Alcmene. Tudo isto relata o Tratado singular sobre a opiniaõ, e juizo humano.

Naõ ha pois certeza alguma em nada. A historia profana (porque esta he sómente a de que fallamos) parece que naõ foi feita para instruir, senaõ para enganar. Os Authores naõ se contentaraõ com enredar o mundo em quanto vivos: quizeraõ ter o maligno divertimento de deixar n'a historia huma occupaçāo de estudar enganos: nem todos o fizeraõ por malicia, mas por sim-plicidade. Esta mesma historia he d'onde a vaidade da Nobreza toma o seu principio, e d'onde tira as provas de que mais se des-vanece, quanto mais antiga a historia he, tanto he mais esclarecida a Nobreza, que se funda n'ella. Esta sorte de vaidade he uni-versal. As idéas chimericas sobre antigai-dá-

dades, naõ só he propria a cada hum dos homens, mas a todas as gentes, e nações; e com tal fatuidade, que algumas vaõ buscar a sua origem, antes que o mundo habitavel tivesse a sua, e d'aquelle modo elles começaraõ primeiro do que o mundo. N'este delirio de antiguidade, e por consequencia de Nobreza entraraõ os Scythas, os Phrygios, os Persas, e os Egypcios; estes naõ pretendiaõ menos do que sessenta mil annos de antiguidade; e n'esta forma, que nação poderia competir com ella n'aquelle parte? Nem os Chinas, excessivos em tudo, deitaõ as suas pertenções taõ longe. Assim saõ os delirios que os homens excogitaõ: huns para se ennobrecerem a si, outros para ennobrecerem os seus. Naõ ha meio algum de que aquella vaidade senaõ sirva; ou seja imaginario, ou falso, tudo serve a quem se quer fazer illustre; porque crê que o ser illustre he ser muito mais que homem, ou ao menos alguma cousa mais. O segredo consiste em saber introduzir o engano, e sobre tudo em defender o erro, e prevençao, de que os homens podem ser diversos, e ainda n'a mesma razao de homens.

Os

Os Grandes da antiguidade , ou a Nobreza dos antigos , ainda era mais forte , e singular , que a que se ideou depois ; huma , e outra tem de commum o serem effeitos da vaidade , e consistirem n'a imaginaçāo de quem naõ cabe em si ; a Nobreza porém do tempo heroico era em tudo mais subida : nem he para admirar ; porque hoje nada he comparavel á grandeza Sparciata , e ao esplendor Latino. Os seculos forao desfazendo todos os portentos ; a variedade de successos , e fortunas tambem foi reduzindo o mundo a hum estado de mediocridade ; a mesma vaidade da Nobreza teve decadencia ; acabou-se a ficçāo , e desvario em que aquella sorte de Nobreza se fundava ; ella foi hum dos Idolos que cahírao. Quando a luz da verdade desterrou as trévas do Paganismo , cessárao os Oraculos , naõ respondérao mais , emmudecérao. A Grecia , pátria comunha dos Heróes , e d'onde estes nasciaõ como em terra fecunda , e propria , foi d'onde a vaidade da Nobreza quiz elevar-se ainda a cima das Estrellas. E com effeito Eneas dizia ser filho de Venus , Achilles de Thetys , Phaetonte de Apollo , Alexandre , e Hercules de Jupiter.

Esf.

Estes , e outros muitos pretendiaõ naõ me-
nos nobre origem , que a celeste , como
descendentes dos Deoses immortaes ; esta
fabula naõ durou hum dia só ; e para admirar ,
que ella tivesse authoridade n'o conceito de homens polidos , sabios , e pruden-
tes , e com tanta força que chegassem a
fazer das fabulas , religiao. Aquella foi a
Nobreza dos antigos ; Nobreza , que tinha
por principio , hum engano introduzido ,
e respeitado. Via-se n'as mãos de Jupiter
o raio , n'as de Marte a espada , e n'as de
Apollo as settas : Thetys dominava as on-
das , Venus a formosura : quem havia re-
sistir por huma parte á força do poder , e
por outra ao encanto da belleza ? Ainda
quem conhecesse a fabula , se havia de na-
morar do apparato d'ella. Todos sabem que
os homens saõ iguaes , em quanto homens ;
mas nem por isso deixaõ de entender , que
ha huma nobreza que os distingue , e que
os faz ser homens melhores.

Ainda a Nobreza dos antigos (depois
de acreditado o erro) tinha mais corpo ;
porque os illustres hiaõ buscar os seus af-
cendentes n'os seus Deoses ; e d'esta sorte
ficavaõ os homens meios humanos , e naõ
in-

inteiramente. Só assim podiaõ ser distin-
ctos , e desiguaes n'a realidade. As distin-
ções permaneceraõ , em quanto duráraõ as
supposições da origem. Conheceo o mundo
a impostura , e logo os Deoses se acabáraõ ,
deixando os seus descendentes , feitos ho-
mens com os outros ; e com a circunstan-
cia , que por haverem tido progenitores al-
tos , ficáraõ sem nenhuns. Depois d'aquelle
catastrofe fatal , parece que devia extin-
guir-se a vaidade da Nobreza ; mas naõ foi
assim ; porque aquella vaidade só mudou de
especie , e o engano , de figura ; a Mytho-
logia converteo-se em Genealogia , huma-
nisiou-se. A igualdade sempre foi para os ho-
mens huma cousa insupportavel ; por isso
entráraõ a forjar novos artifícios com que
se distinguisssem , e ficasssem desiguaes ; e
naõ tendo já Deoses d'onde tirasssem o prin-
cipio da Nobreza , entráraõ a tiralla de ou-
tras muitas vaidades juntas ; compuzeraõ
huma Nobreza toda humana ; entaõ nasceo
aquella tal Nobreza , como parto do poder,
da pompa , e da riqueza ; accidentes n'a
verdade exteriores , mas que servem de in-
crustação n'o homem , e esta ainda que com-
posta de fragmentos , sempre fórmã hum or-
na-

nato imatizado, e agradavel; bem se vê que a viveza dos esmaltes, e das conchas, não penetra a substancia interior, e que o mu-ro tosco não fica mudado, coberto sim; mas que importa, se a gala fragil que o reveste, o ennobrece.

N'a propagaçao dos animaes observa a mesma ordem; d'esta sempre vem a resul-tar a mesma forma, e as mesmas circuns-tancias: os individuos porém de cada espe-cie não saõ tão uniformes, que não tenhaõ entre si hum caracter particular com que se distinguem huns dos outros. N'as familias se notaõ feições determinadas, pelas quaes saõ conhecidos os que vem da mesma parte; o mesmo ar n'o gesto, ou n'a figura presiste em muitas linhas descendentes; e de tal sorte que algumas saõ reconhecidas por huma formosura successiva; e outras tambem o saõ, por huma fealdade hereditaria. As mesmas nações se mostraõ diferentes por hum aspecto, ou semblante proprio, que a natureza affecta em cada huma d'ellas. A cor he hum final demonstrativo, regular, e indelebil, que a mesma natureza imprime n'as gentes de cada clima, ou regiaõ; e d'essa cor procedem outras cores mixtas, ou

ou modificadas , que indicaõ o grão , e concurrencia de nações diversas , mas unidas ; de gentes separadas , mas juntas ; de familias estranhas , mas naturalizadas . Aquela he a marca , que a Providencia poz n'os homens ; marca perpetua , em quanto elles se perpetuaõ dentro da sua mesma esfera , mas temporal , e extinguivel por meio de huma nova composiçaõ . Até n'as plantas se encontra a mesma economia ; ellas tem finaes por onde se distinguem ; huns perseverantes , outros mudaveis . A arte , que concilia entre si plantas diversas , ou as conserva , e faz permanecer n'o estado primitivo , ou as altera , e muda para outro ; ella força o tronco a sustentar ramos alheios , a vestir-se de folhas desconhecidas , e a produzir frutos adulterinos . Ainda n'as coulhas insensiveis , tem ás vezes lugar a violencia . Assim se constrange a natureza a que siga hum caminho errado , e que em certos casos naõ siga as suas leis , mas as leis da industria , e do artificio ; d'aqui vem , que he util que a nossa intelligencia seja limitada ; se o naõ fosse , apenas teria a terra liberdade para fazer nascer , como quizesse , a menor flor do campo . Quantas vezes

zes naõ se faz o mal , porque senaõ sabe fazer ? Aquella ignorancia nos preserva ; mas nem por isso valemos mais , porque o merecimento he da ignorancia , e naõ de nós.

Já vimos que os homens , quando vem ao mundo , já trazem hum final de distinção , e diferença , e que esta os faz distinguir , e conhecer. D'aqui parece que resulta huma induçãõ forte a favor da Nobreza originaria : mas que argumento debil he aquelle que se tira de huma distinção visivel , constante , e material , para outra que he sómente imaginaria ; de huma que se faz naturalmente para outra que civilmente se fabrica ; de huma que he da instituiçãõ do mundo , para outra que he da instituiçãõ dos homens ; de huma que he totalmente independente , para outra que he arbitaria ; de huma que tem por principio a mesma Providencia , para outra que procede da fortuna ; e finalmente de huma que he fundada em regras infalliveis , para outra que sómente he fundada em vaidade ? N'esta parte a razão tirada da semelhança naõ convence. Com hum só caracter se podem formar letras infinitas , todas iguaes ,

e semelhantes, mas nem por isso as letras tem nada do caracter impressor. Este imprime, mas não se communica, dá a semelhança, a sua substancia não; o metal de que he composto, não dá de si mais do que a figura. Muitas estampas vem de hum mesmo molde; todas saõ iguaes, e parecidas, mas nenhuma tem do molde mais do que o contorno. A sombra vem de hum corpo que tem opposta a luz, de sorte que não ha sombra d'onde não ha luz, e corpo; mas nem por isso a sombra recebe em si propriedade alguma, nem do corpo, nem da luz. O produzir huma cousa, não he o mesmo que reproduzir-se.

A vida, ou espirito vital, que passando de huns a outros vai fazendo a descendencia dos mortaes, parece que indica de algum modo a existencia da Nobreza originaria; e com effeito se a vida se transfere fendo mais, porque não ha de transferir-se a Nobreza fendo menos? A vida he transmissivel, e assim deve ser tambem a Nobreza que a acompanha. Porém não tiremos erradas consequencias. A vida não se pôde dizer que he transferivel, e ainda que o fosse, nem por isso ficava fendo transfe-

ri-

rivel a Nobreza : só o que existe fysicamente se transfere , mas naõ aquillo que só tem huma existencia mental. Tudo o que consta de imaginaçāo unicamente , nem se passa , nem se dá , nem se transmite. A vida com que vive hum , naõ he a mesma com que outro vive ; a imaginaçāo de hum naõ he a mesma que outro tem. A vaidade desperta a imaginaçāo , ou idéa de Nobreza , esta naõ vem como imaginaçāo herdada , mas adquirida ; e ninguem sabe que a tem , ou que a naõ tem , senão depois que o imagina ; n'aquellea imaginaçāo o que se ganha , ou perde , he hum pensamento ; e este quando he falso , naõ tem menos entidade , que quando he verdadeiro ; porque n'as cousas vãs , a verdade naõ val mais do que a mentira.

A vida consiste n'o movimento , quem primeiro o causa , he o que se diz ser principio d'elle ; mas naõ se segue d'aqui , que a causa que depois se move , fique com alguma porçāo do principio , que a moveo. O braço quando move hum corpo naõ se communica a elle ; e esse corpo naõ recebe em si , mais do que hum impulso ; o braço naõ põe mais do que a força , que set-

ve de principio ao movimento , mas nem por isso fica o corpo , que se moveo , com alguma parte do braço , que o fez mover. Em huma mesma luz se podem accender muitas mil luzes , mas nenhuma d'estas participa , ou tem em si nada da primeira ; cada huma arde em substancia propria , distinta , e separada ; o que as distingue , he a materia , que lhes vai servindo de alimento , e naõ a primeira luz de d'onde começa-
raõ. O incendio naõ he menos activo , ou menos nobre aquelle , que nasceo de huma faísca errante , do que aquelle que viria de hum fogo guardado n'o templo das Vestaes. Quem ha de intitular illustre a chamma , porque veio de outra que diziaõ consagrada ? E humilde aquella que procedeo de outra , que naõ tinha circunstancia ? Huma pedra preciosa regula-se-lhe o valor pela perfeiçao que ella mostra em si ; a que nasceo n'o monte Olympo naõ he por isso mais esclarecida , do que aquella que se achou em hum valle rustico , e profundo. Só para o homem estava guardado o serem distintos huns dos outros , e o distinguirem-se , naõ pelo valor de cada hum , mas pelo valor das cousas que os distingue. A

No-

Nobreza foi a maior maquina , que a vaidade dos homens inventou ; maquina admiravel , porque fendo grande , toda se compõe de nada. As outras vaidades , parece que saõ menos vãs ; porque sempre tem algum objecto visivel , e manifesto : mas por isto meslno a vaidade da Nobreza he huma vaidade sem remedio ; mal incuravel , porque se naõ vê.

Assim he , mas quem ha de haver que negue , que a Nobreza , ou essa coufa vã, he util , necessaria , e bem imaginada ? Que importa que huma coufa seja n'a realidade nada , se os effeitos que produz saõ alguma coufa ? Os effeitos da Nobreza saõ muitos ; ella dá merecimento , valor , saber , a quem naõ tem nem sciencia , nem valor , nem merecimento ; ella serve , para fazer venerador , a quem o naõ deve ser ; ella faz que o crime fique muitas vezes impunito ; que a desordem se encubra , e se disfarce ; e que a soberba , a arrogancia , e a altivez , fiquem parecendo naturaes , e justas : finalmente a vaidade da Nobreza , até se desvanece com a vileza das accções , estas ainda quando saõ vis , infames , torpes , e odiosas , nem por isso envilecem , ou in-

famaõ a quem as faz ; antes da mesma enor-
midade das accões se tira hum novo lustre,
ou nova prova da Nobreza : o ponto he
contar huma longa serie de illustres ascen-
dentes para que hum nobre fique dispensa-
do das leis da sociedade, e de formalida-
des civis ; e tambem habilitado para que
possa livremente , e sem reparo, perder o
pejo , a honra , a verdade , e a consciencia.
D'esta sorte vem a Nobreza a ser hum meio
por onde o vicio se authorisa , o crime se
justifica , e a vaidade se fortalece. Cuidaõ
os Nobres , que a Nobreza lhes permitte
tudo , mas cuidaõ mal : porque o certo he,
que a Nobreza bem entendida , naõ se fez
para canonizar o erro ; ella foi sabiamente
achada para servir de estimulo , e compa-
nhia das virtudes ; para ennobrecer as ac-
ções illustres , e naõ para illustrar as vicio-
fas ; para ser attendida pelo que obrafse di-
gno de attençab , e naõ pelo que fizesse in-
dignamente ; para servir a razaõ , e naõ pa-
ra a dominar ; para ser exemplo , e naõ
regra ; para fazer os homens bons , e naõ
para os perverter ; para os distinguir pela
Nobreza do espirito , e naõ pela Nobreza
da carne ; para os fazer melhores de huma
me-

melhoría de animo , e naõ de corpo : finalmente para fazer mais clara a luz , e naõ para fazer clara a sombra.

Por isso o sabio Rei , (que ainda ha pouco perdemos , e de quem a feliz memoria a cada passo renova em nós a mais entranhavel dor) nunca olhou para a Nobreza em quanto a via só , mas sim quando a via acompanhada de accões nobres ; nunca attendeo á Nobreza das origens , mas sim á Nobreza dos sujeitos ; considerava os homens primeiro pela qualidade das virtudes , e pelas outras qualidades , depois ; o conceito , que fazia , foi , que a Nobreza naõ era n'o homem parte principal , mas sim parte ajuntada , que só servia de o ornar , e naõ de o fazer. Aquelle mesmo Rei foi o terror da Nobreza arrogante , e destemida ; esta sempre tinha os olhos assombrados de ver a cada instante fusillar o raio ; e de ver armado sempre o braço poderoso ; mas armado ao mesmo tempo de justiça , e de piedade , de furor , e de compaixão. D'este modo governou em paz , e nos deixou a paz ; por isso a mágoa de o perder , foi , e ha de ser infinita em nós ; e as nossas lagrimas apenas poderão mitigar-se alguma vez , suspen-der-

der-se, nunca. Acabou aquelle Monarca Augusto, e parece que naõ tanto pela fatal necessidade de acabar, como para que trocado em altar o tronco, o respeito em culto, e o obsequio em adoração, o pudemos invocar. Subio ao estado de immortal para ser numen tutelar do Imperio Portuguez; e em hum Principe (o mais prudente, e moderado que o mundo vio) nos deixou hum Rei benigno, pio, generoso, justo, protector; assim ficou disposta a nossa consolação, e seria menos forte a nossa pena, se pudesse ser o haver remedio para a saudade.

Hum dos abusos, que o tempo, e a vaidade introduzio, foi a Nobreza; esta porém sendo tomada n'os termos da sua primeira infancia, ou n'a idéa com que foi creada, he verdadeira, e util; e n'estes mesmos termos ninguem lhe pôde disputar, nem a utilidade, nem a verdade da existencia. Por nobre, entendiaõ os antigos hum Heróe, isto he, hum homem distinto dos mais homens, e distinto por si, e naõ por outros; pelas suas proprias acções, e naõ pelas acções alheias. O Heroísmo, e a Nobreza eraõ qualidades pessoacs, e naõ her-

reditarias ; huma , e outra dependiaõ de acções heroicas , e em ambas era necessario o requisito do poder ; se este cessava , extinguia-se a Nobreza. D'este modo he , que antigamente haviaõ Nobres , porque em todo o tempo houverao poderosos ; estes ficavaõ distintos por grandeza , e naõ por natureza ; passava a Nobreza de huns a outros , quando o poder tambem passava ; de huma , e outra cousa se formava huma herança indivisivel. Acabada a Nobreza por falta do luzimento , se este depois tornava , naõ fazia resuscitar a Nobreza já perdida ; compunha-se outra nova , e esta naõ era de menos entidade , ou menos nobre que a primeira. O tempo naõ he o que ennobrece. Os seculos que envelhecem tudo , só a Nobreza naõ haviaõ de fazer caduca ? Os annos tudo diminuem , e só a Nobreza haviaõ de fazer maior ? Huma flor moderna naõ tem menos graça do que huma flor antiga. A verdura com que a Primavera se reveste , já n'o Outono fica prostrada , e macilenta. As Estrelas começaraõ com o mundo , e nem por isso brilhaõ mais ; aquillo que depende de mais , ou menos tempo he fragil. A vaidade até se quer apro-
vei-

veitar das horas , e dos dias , que passaraõ. Por aquelle modo de entender , cresce a vaidade , a Nobreza naõ. Que pouco cuidaõ os homens em que ha huma eternidade , e que a duraçao do mundo , naõ he mais do que hum instante !

Se ha n'os homens diferença , esta só se acha n'os Sceptros , e Coroas ; os que dominaõ a terra , tem a semelhança dos humanos , mas naõ sei que tem de mais : tem o mesmo ser para serem homens , mas naõ para serem como os mais homens : quem os fez maiores , foi a Providencia ; só esta podia influir diversidade n'o que he o mesmo ; podia fazer que huma identidade fosse diferente de outra da mesma especie ; e podia , debaixo da mesma fórma , e dos mesmos accidentes , fazer huma natureza desigual. Deos he a origem do poder dos Reis , estes saõ independentes da fortuna ; porque o poder Supremo só Deos que o dá , o tira. As revoluções particulares parece que resultaõ de huma economia certa ; as dos Monarcas naõ succedem sem decreto especial. A quelles a quem a Providencia fez arbitros do mundo , a mesma Providencia os distinguio : os outros homens fazem-se dis-

tin-

tincts á proporçāo do favor Supremo que os distingue. Assiste pois a distinçāo dos homens só n'a vontade , ou coraçāo dos Reis ; esta he a origem verdadeira da Nobreza. Os Reis saõ os que glorificaõ os homens , isto he , os que os ennobrecem ; e d'esta sorte recebem a Nobreza por graça , e naõ por successão ; por favor , e naõ por herança ; permanecem Nobres , em quanto permanece a graça que os illustra ; presiste aquella prerrogativa em quanto o favor existe ; se este se retira , logo a Nobreza acaba. A luz toda se empréga n'os objectos , estes ficaõ claros , mas he por força de huma luz , que naõ he sua. Se o Sol se esconde , ficaõ os objectos escuros , e escondidos. As cousas naõ nascem com as qualidades que se vem ; os homens naõ vem ao mundo sabios ; justos , prudentes , virtuosos , bons , e do mesmo modo naõ vem Nobres ; cá achaõ a Nobreza como huma parte posterior , e auxiliar , que se pôde unir , e aggregar depois ; achaõ muitas vaidades , e entre ellas huma ocupada em crer , que a Nobreza he qualidade fixa , propria , interior , e inseparável ; e por mais que os sentidos , e a razão mostrem o contrario , nem

nem por isso aquella vaidade se deixa convencer. Tiremos por hum pouco aos homens a faculdade que elles tem de se explicar ; supponhamos que naõ fallaõ , talvez que entaõ se vejaõ iguaes todos ; a incapacidade , e o silencio , sabem mais : tiremos tambem por hum instante aos homens a alma racional , e entaõ veremos a Nobreza com que ficaõ . Esta tal Nobreza , ou a sua vaidade negando as supposições , fica livre do argumento.





C A R T A DO MESMO AUTHOR SOBRE A FORTUNA.

M EU amigo e senhor, agradeço a V.m.
o desejo , que me mostra , de que eu tenha
maior fortuna ; naõ se preocupe tanto a
meu favor , porque a fortuna , que tenho
he a mesma , que devo ter ; o merecimento
he que faz a fortuna , e quem o naõ tem ,
que fortuna ha de esperar ? Fallo sinceramente ,
e sem hypocrisia , n'o tempo , que já
passou por mim tive esperanças , agora nem
essas tenho , e isto porque conheço melhor ,
sei o que fallo , e o que mereço , por isso
sei , que naõ devo esperar nada : esperem
os outros , e vivaõ n'o tormento de esperar .
Eu hoje só tenho por fortuna o naõ espe-
rar a fortuna , contento-me com a privaçāo
da desgraça sem aspirar a presença da ventu-
ra , e acho , que o naõ ser desgraçado he o
mes -

mesmo , que ser venturoso ; e se entre huma , e outra coufa ha hum estado neutro , contento-me com o meu estado ainda que propenda para a desgraça inteiramente , a sombra da ventura me basta , a realidade , naõ sei se me bastaria , porque o nosso coraçāo he insaciavel , e d'aquillo , a que huma vez tomou o gosto nunca se farta , d'aquí veim , que o conservallo n'a ignorancia da ventura .he discreta providencia , porque ninguem chora por hum bem , que naõ conhece , a saudade suppõe hum objecto conhecido ; aquelle , que he ignorado a penas se appetece ; quem conhece a fortuna pela vêr em outrem , tem pouca razaõ para a adorar , e he o mesmo , que conhecer o mundo n'o mappa , em que está pintado , ou tambem he como quem olha para o Sol sem admiracaõ , e a penas com o reparo inadvertido , e vago : o mar por mais , que encrespe as suas ondas naõ serve a quem o vê de espetaculo admiravel : entaõ admiramos o tumido elemento mais pela raridade , que pela elevaçāo . O subir mais alto naõ he muito natural , o estar n'o mesmo ser he seguir a ordem do Universo . Os que sobem , he porque tem n'o merecimento as azas ,

azas, os que naõ sobem, he porque a falta de merecimento igual, lhes serve de pezo, que os abate. Porém devemos consolarnos, advertindo, que o naõ ter merecimento naõ he peccado nosso, e que culpa temos nós, de que a natureza fosse avara? Parece, que ha hum limo perfeito, e outre tosco; d'este nascemos nós, d'aquelle os venturosos: as aves naõ saõ Aguias todas, humas altamente se remontaõ, outras só sabem passar de hum raminho para outro; humas desapparecem n'a immensa regiaõ do ar, outras sempre se deixaõ ver n'o espaço limitado de hum prado humilde. As que tem maior alento sobem a mais alta esfera; as que tem menos vigor vaõ pezadas, e rasteiras.

Eu já perdi de vista os lugares eminentes. Os meus olhos só inclinaõ para baixo, e para cima naõ se pôdem dirigir sem violencia: tudo quanto vejo he com olhos desenganados. Talvez, que por isso veja as cousas como saõ: e naõ como se mostraõ: porque o desengano tem virtude, e força para arrancar da formosura o véo caduco, e mentiroso, de que o theatro da vida se compõe. A fortuna naõ he taõ bella como

parece , e creio , que o caliz da fortuna naõ
he muitas vezes menos amargo , que o
da desgraça , tambem a fortuna tem seu ca-
liz , e suas amarguras , estas talvez , que
sejaõ mais penosas de tragar , porque n'a
desgraça o costume de sentir tira a parte
mais cruel do sentimento : ao menos a
desgraça naõ engana , e tem de bem o ser
hum mal , que se naõ finge , he verdadeiro ,
e apparece como he , a fortuna sempre se
desfarça semelhante á belleza enganadora ,
que para ser mais appetecida reveste-se de
ornatos lisongeiros , e apparentes ; quem
duvida que a belleza que se enfeita , ou se
cobre de artificio , he para encobrir algu-
ma fealdade natural.

Conheço a fortuna , sem que a fortu-
na me conheça , e quando a vejo he de taõ
longe , que impossivel he , que ella chegue
a mim , nem eu a ella , somos inacessiveis
ambos , verdade he , que eu naõ a busco ,
nem a busquei nunca aniosamente , porque
sempre entendi ser hum sujeito , menos
proprio para ser favorecido , e além d'isto
a fortuna quer , que a buscem com fé , e
audaciosamente: ella se enamora da reso-
luçao constante com que a buscaõ , timi-
da-

damente ninguem a encontra , entrega-se ao valor , e foge á cobardia , quer que a rendaõ por força , naõ por supplicaõ semelhança a huma mulher livre , que ainda quando se entrega por vontade , quer que pareça se entregou forçadamente.

E com effeito sem rogar , nada se alcança , e eu naõ sei pedir , o que sei que naõ mereço , sou religioso n'esta parte , e com engano naõ quero nada , nem ainda a fortuna : esta naõ me pode tirar o conhecimento proprio , de que a naõ mereço , e aquelle conhecimento servir-me-hia de flagello , de ventura naõ , porque a escolicher , antes quereria a desgraça , conhecendo merecer fortuna , do que a fortuna , conhecendo merecer desgraça . Quero as coufas mais justamente , que felizmente ; porque toda a consciencia parece , que se afflige , com ventura desmerecida , e mais se satisfaz de merecer , que de alcançar . A verdadeira felicidade deve ser interior , e o contentamento naõ he puro , quando vem de huma falsa causa . A coroa da victoria só desvanece ao que triunfou , naõ ao que succede pôlla n'a cabeça , porque a fortuna errada mais injuria do que ennobrece , o pre-

premio naõ illustra , o merecello sim , e o conseguir por graça da fortuna , naõ costuma atrahir hum peito honrado ; este só se paga do que consegue por graça da virtude , e assim , se aceito o que naõ me devem , n'isso vou já castigado ; porque o coração me insinua sempre , que a accção de receber foi indigna , e torpe.

Todos accusão a fortuna de injustiça , porém a injustiça está só em quem a accusa , nem o mesmo merecimento tem direito para a accusar ; porque a fortuna de sua natureza soa liberalidade , e a falta de liberalidade nunca se poz em accusação : tudo quanto a fortuna distribue , he por favor , e n'o que vem de hum principio de favor , naõ se dá positiva obrigaçao , salvo se a nosfa presumpçao hetal , que entendamos seriamente , que a fortuna nos deve algum tributo , e quem o entender assim , n'isso mesmo mostra ser indigno da fortuna , e que esta lhe naõ deve nada ; porque o querer merecimento proprio , he confissão ou prova de desmerecimento ; a incredulidade n'esta parte he perdoavel ; a credulidade he viciosa ; a fallencia he hum vicio quasi universal , e a fortuna commummente despresa
to-

todos os Narcisos; quer que a buscem animosamente, mas não presumçosamente, com diligencia, não negligentemente, ou com desdem; por isso ha poucos venturosos; porque poucos ha que saibaõ o modo com que a fortuna se procura, e em saber aquelle modo, consiste o meio, ou o segredo de a achar: huns seguem o caminho da lisonja, outros o da importunidade, alguns o das armas, e outros das letras, alguns sem modo certo, nem meio determinado seguem o caminho de procurarem a fortuna por aquelle meio, e modo, que a mesma fortuna lhe descobre, *soltibi signa dabit.*

Eu que não sou lisonjeiro, nem importuno, e que não sou erudito, nem guerreiro, que caminho posso ter para a ventura, sem guia, sem norte, e sem luz, que me conduza, mal poderei achar aquella Deosa escondida, e inconstante; ao primeiro passo me retiro, e desconfio antes de emprender, porque julgo imprudente acção o querer eu huma fortuna, que me não quer: quem navega sem estrella, tem por certo o naufragar, e quem só dá passos errantes, que fortuna pôde ter; a fortuna

naõ he céga como dizem, ella vê a quem escolhe, e mostra que vê bem, porque escolhe bem, os que naõ saõ dos escolhidos, crêm ser cegueira da fortuna, o que he só cegueira sua; julgaõ ser usurpaçao a fortuna, que a outros se comunica. Que justo pensamento; a fortuna naõ se vende, ella mesma he que se dá; e para dar-se a si tem livre o seu arbitrio, e assim naõ devemos murmurar da ventura alheia; mas sim da nossa desventura, devemos conformar-nos, magoar-nos naõ; porque a magoa he queixa, e virtude a conformidade. Quem se magoa reprova o que a fortuna fez; quem se conforma approva o que ella faz, entre huc, e outro extremo, o melhor partido he, aquelle, que a fortuna quer, naõ aquelle, que nós queremos; porque nós, enganemo-nos a nós mesmos; e a fortuna naõ se engana a si, ella sabe para onde vai, e d'onde vem; nós conjecturamos, e ella acerta; caminhe a nossa embarçaõ para onde o vento a leva, naõ para onde o vento a encontra, deixemos a fortuna o governar o mundo, e para nós tomemos o governo de nós mesmos; porque só a fortuna sabe navegar em alto mar,

mar, e nós a penas navegamos n'as limitadas ondas de hum fundo limitado, a esfera da fortuna he dilatada, e a nosfa he mui pequena, e mal se vê, e assim que podemos esperar de nós; esperemos tudo da fortuna, ainda que seja da fortuna alheia, porque d'ella sempre pôde vii-nos algum bem, a fortuna he como a luz, que se espalha abundantemente, e aclara os espaços mais remotos, recebamos a luz ainda que seja alheia, e que o centro d'ella esteja de nós taõ afastado quanto vai do Sol á terra: devemos entender, que ha fortuna tal, que estando em hum sujeito, he como se estivesse em todos, porque a todos se estende seu influxo; e assim, se a commodidade he nossa, devemos estimar que o trabalho seja de outrem, que importa, que esteja de nós taõ apartado esse assento ethereo, em que giraõ os orbes luminosos, se a nós se communicaõ as delicias de hum astro favoravel, salutifero, e benigno?

Com o tempo perdi o amor, a vaidade, e esperança, estou pois sem esperança, sem vaidade, e sem amor. Estes eraõ os fortes laços, que me prendiaõ; já se quebraõ, agora naõ sei verdadeiramente o que

me prende ; hum resto de vida da bellissima
prisaõ , e de pouca duraçao , por isso viven-
do retirado naõ figo as bandeiras da fortuna ,
e já lhe disse a Deos : milito n'os campos do
desengano , campos solitarios , ou menos
frequentados ; porém mais seguros , n'elles
considero a fabrica innocent de huma rosa
inculta , de hum lirio triste , de huma assu-
cena virginal ; estes saõ os meus objectos ,
os meus cuidados , e os meus empenhos , saõ
os mestres , que me ensinaõ fielmente , mes-
tres mudos , mas severos , a bem consideral-
los , a rosa me insinua , que a formosura he
como sombra leve , e passageira , o lirio n'a
sua cor me diz , que toda a alegria se con-
verte em luto , a assucena indica , que só a
virtude he permanente ; que lições pôdem
haver mais verdadeiras , faceis de aprender ,
difficeis de observar ; a mocidade louca só
gosta de loucas instruções , e zomba galan-
temente das que saõ menos galantes ; mas
que pouco dura o enredo que divide , e quaõ
depressa chega a tragedia , em que o mesmo
enredo acaba !

Affim nada aspero da fortuna , nem a for-
tuna de mim pôde esperar nada ; porque o
meu talento foi discursivo sempre , operati-

vo nunca , e a fortuna quer obras , e naõ palavras , quer quem pratique mais , e especule menos , porque toda a especulaçāo por si mesma he vā ; a theorica toda he substancial ; esta compõe-se de huma solida materia , aquella de accidentes invisiveis ; he como a voz sonora , que o ar a forma , e a decipa , e que tem o seu fim , n'a mesma causa de que nasce o seu principio ; alguns ha , que o que discorrem obraō , eu só debuxo , e naõ sei pintar o que eu mesmo debuxei ; sei delinear , executar naõ , e sempre n'a execuçāo me perco , semelhante ao Nautico imperito , que sabendo a Carta , e sabendo os rumos , em largando as vélas logo se perde : de que serve pois a Arte , que só n'a imaginaçāo se mostra , e fóra d'ella se desvanece ? Muitos sabem idear , praticar , poucos . De que serve tambem huma idéa concertada a quem ignora o como se deve usar d'ella ? He o mesmo que instrumento delicado n'a maõ , que ignora o meio de o tocar , o esgrimir de pouco vale , a quem naõ sabe peleijar deveras , o mestre foge muitas vezes , e naõ se fia n'a destreza , que insinua : eu sou o fugitivo esgrimidor , o Musico ignorante , o Nautico imperito , tudo sei

pa-

para dizer, mas para fazer só sei, que não sei nada, as minhas artes todas são em pensamento, e por isto são justamente desgraçadas, porque a fortuna não pode fazer milagres, e que pode fazer de huma materia, que não se move, e que sendo intilligente, he sem acção, inutil intelligencia. Semelhante á arvore frondosa, que produzindo flores, não sabe produzir frutos.

E n'esta fórmia não posso queixar-me da fortuna, antes reconheço com legitima razão, que o favor, que a mim me nega he porque o deo justamente a outros, o seu officio he laurear o merecimento, não fazello, serve para ornar o merecimento feito, não para o fazer de novo; não ha pois iniquidade n'a fortuna; ao menos eu, e para mim só justiça lhe conheço, já do berço trazemos comnosco a nossa sorte, e parece, que em nós mesmos a fabricamos, sendo artifices da desgraça, e da fortuna, deixemos pois a fortuna em paz: e eu sou o primeiro, que só accuso a minha incapacidade, ou a minha inercia, esta foi unicamente o arquitecto de estado de sonolencia, em que me acho, e n'aquelle se fundou o ser em que estou de não ser alguma cousa, mas com tudo sou o mes-

mesmo , que sempre foi , naõ mudei para mal , nem para bem , e n'este artigo estou como vim ao mundo , só com a diferença dos annos , que tem passado ; d'elles o estrago sempre foi universal , e se passaraõ por mim , tambem por todos tem passado ; todos somos companheiros n'aquelle genero visivel da desgraça , e desgraça , que vai crescendo , diminuindo nunca ; caminhamos igualmente com o mesmo passo , e sem poder por medo algum retroceder ; somos comilitões diferentes n'a data , mas os mesmos n'o exercicio .

E assim chegou o tempo , em que o mais acertado he pendurar as armas , naõ como armas vencedoras , mas sim como despojos infelices de huma já cançada guerra , eu qual invalido soldado larguei o apresto militar , naõ voluntariamente , mas por naõ poder soportar-lhe o pezo , apenas posso soportar o vivo esqueleto , em que consisto , deixei os vicios do amor , da vaidade , e da esperança ; porque elles primeiro me deixaõ ; amigos infieis esquecidos do meu passado obsequio , e lembrados da minha inaptidão presente , foraõ meus n'o tempo alegre , e já me desampararaõ n'este tempo triste ,

te , injusta recompensa de huma tyranna
sociedade , quem differa , que havia de achar
o amor ingrato , a vaidade sem o vigor , e a
esperança desanimada ; se estes vicios me
deixaraõ , sendo meus , ou sendo huma
grande parte de mim mesmo , como pôde a
fortuna naõ deixar-me , naõ havendo sido
minha ; aquelles nasceraõ commigo , e
commigo se criaraõ , provindos da minha
natureza , e consubstanciaes a mim ; e ainda
sendo assim já se apartaraõ ; a fortuna , po-
rém , sempre foi parte diversa , nunca unida ,
mas sempre separada , sem commercio meu ,
e sem chegar a mim , nem ainda passageira-
mente , e n'esta situaçao mal pôde a fortuna
ter lembrança , de quem nunca se lembrou ,
e de quem nunca vio ; e se agora me chegaf-
se a ver seria mais por cegueira sua , que por
fortuna minha , seria mostrar , que foi in-
justa , buscando-me cansado , quem vigoroso
so me naõ quiz .

E com effeito tem menos estimação a
fortuna , que vem tarde , porque vem co-
mo apparato funeral , e n'a imagem de huma
honra antecipada traz comigo a de ser a ul-
tima ; infeliz fortuna , ou ventura desgra-
çada , pois que quando chega , acha sem
alen-

alento os braços , que a recebem , acha os olhos já com pouca luz , e o coraçāo palpitar , frio , e lentamente , que gloria adquirir a fortuna errante , em buscar hum corpo timido , em que a morte está fazendo os seus ensaios ; melhor he deixallo n'a tranquillidade escura do silencio , do que assombrallo com a claridade inquieta de huma luz tumultuosa ; porque a fortuna , quē está cercada de resplandores afflige , e mortifica os olhos costumados a naō verem ; d'aqui vem , que a fortuna muitas vezes chega mais como castigo , do que como premio ; algumas vezes ha de ser a fortuna aborrecida , e certamente o he , quando vem tarde , ou ao tempo , que já senaõ espera , entaõ já naō he fortuna , he delirio da fortuna , e quem se accomoda a ella he por resignaçāo , ou vontade de obediencia , naō por vontade de inclinaçāo , he mostrar constancia n'o desejo , mas n'o acerto desvario , porque a fortuna quando chega tarde , he fortuna de compaixaõ , naō de eleiçāo , indica , que foi sollicitada , ou extorquida , e naō merecida , concedida para contentar hum corpo meio morto , e naō para illustrar hum vivo ; ou vein como fortuna de remedio , que se applica ao enfermo , que

que o naõ tem , e que se dá por consolaçāo ,
 naõ por obrigaçāo , por dispensa , e naõ por
 recompensa , e verdadeiramente de que va-
 le huma fortuna , que quando chega he só
 para se despedir , e naõ para ficar , e que as-
 siste ; como testemunha authorisada , que vem
 ver o fim da obra sem ter visto o seu princi-
 pio de que serve huma ventura sonhada ,
 pois naõ tem mais duraçāo , que em quanto
 dura o sonho , inutil felicidade , pois he co-
 mo a faísca , por instantes se está reduzindo
 a cinza ; he felicidade imaginada , lograda
 naõ , ou ao menos mal lograda .

Bem sei , que tudo n'o mundo he tran-
 sitorio ; porém entre as mesmas cousas ,
 que vaõ passando , algumas passão mais de-
 pressa do que outras , em humas ha tempo
 de se verem , em outras naõ , e essas ao
 mesmo tempo , que aparecem , desapare-
 cem , a mesma vida he hum verdadeiro
 transito , mas com certa , e determinada
 duraçāo , compõe-se de hum espaço incer-
 to , e a mesma incerteza do seu espaço he
 o que a faz parecer duravel , porque o fim ,
 que se naõ vê , nem se conhece , julgamos ,
 que está longe , n'os primeiros periodos da
 vida a fortuna deve achar em nós sensibi-

lidade para a desejar , e para a receber , porém em o tempo da vida entrando a declinar , ou a inclinar para o seu fim , a nossa sensibilidade tambem declina , e já naõ appetecemos com ardor , nem sabemos desejar excessivamente : todas as nossas faculdades ainda mentaes entraõ em descanço , e vaõ perdendo a maior , e melhor parte da sua primeira actividade , semelhante ao curvado arco , que insensivelmente perde a força , que continha a corda dilatada ; n'este estado se a fortuna vem a nós , he o mesmo que hum espirito insensato , e vagabundo , que pretende animar o corpo de hum cadaver , porque com effeito tambem ha desejos cadaverosos , e estes saõ os que intumecem de esperar , e que ainda quando a fortuna os satisfaz , ficaõ como embargados , sem ficarem satisfeitos á maneira d'aquelle , a quem o raio tocou sem offendrer , mas que sempre fica eslufefacto , e temeroso a qualquer ruido , ou estrondo leve.

Porém naõ ha regra certa n'os gráos de desejo , e de esperança , porque alguns ha , que esperaõ , e desejaõ com taõ firme , e constante vehemencia , que ainda quando estaõ morrendo , estaõ esperando , e desejan-

jando, parece-lhes, que morrem, se naõ
esperaõ, sustentaõ o desejo como prova de
que vivem felices; naturezas, que por
aquele modo vaõ enganando o tempo, sem
que o tempo as desengane; ao menos en-
chem de vida todo o tempo, que vaõ viven-
do, porque naõ teraõ d'ella parte alguma,
pelo modo de viver, e quem conserva as
paixões humanas em quanto vive, parece,
que vive mais, do que quem as larga mui-
to antes de morrer; outros ha, que naõ saõ
taõ desejosos, nem taõ especiativos, por
isso naõ resistem, e largaõ facilmente os af-
fectos do desejo, e da esperança, a esta por-
que os afflige, e aquella porque os pertur-
ba; os impacientes nem sabem desejar, nem
esperar pela fortuna; por isso raramente a
achaõ; porque a fortuna sempre exige pa-
ciencia, e esta he muitas vezes o preço
por que se vende, e o mais certo mereci-
mento por que se dá, e com razaõ, porque
a pacienza, naõ só he virtude humana, mas
favor celeste, ella vence mais sem fazer na-
da, do que outros muitos meios, fazendo
muito; a sua inacção tem mais poder, do
que a acção d'aquelles meios, que parecem
ser mais poderosos, e he hum remedio
uni-

universal , que aproveita para tudo sem a nada fazer mal , só tem de menos boa a paciencia o ser huma virtude humilde , e feita só para soffrer , á maneira da peça de hum engenho , de que todo o exercicio consiste em andar rasteira , e abatida : porém isto mesmo consiste tambem o artificio : porque a máquina do engenho naõ se move em quanto a peça humilde a naõ faz mover. A paciencia , ou o sofrimento suppõe desprezo , e este sempre he duro ; sendo que naõ ha desprezo , que moleste , quando a paciencia he grande , e o sofrimento humilde muralha impenetravel aos ataques do desprezo. Além d'isto naõ ha coufa , que cause nojo , a quem tem a fortuna por objecto ; porque a fortuna sempre foi considerada como a bella dama , de quem os mais asperos rigores saõ favores declarados , e por elles deve passar o amante , que pretende ser bem succedido.

Com tudo eu nunca me enamorei tão cegamente da fortuna , por isto nunca a tive , nem espero ter : sempre olhei para a fortuna como para humas tantas coufas , que sendo admiraveis por si mesmas , admiraõ-se por costume ,
e

e tambem por costume já se naõ admiraõ ; fazemos caso d'ellas por opiniaõ , e mais pelo caso , que vemos , que os outros fazem , que por aquelle , que nós mesmos quereriamos fazer ; estimamollas pela estimação dos outros , naõ pela nossa ; e n'isto seguimos o exemplo seguido , o respeito he hum dos attributos da fortuna , e talvez , que seja o principal , porque a fortuna se deixa tanto ; mas quanto a mim achára eu , que aquelle attributo importuno , e vaõ mais mortifica , do que lisongea , porque as mais das vezes o respeito he como a moeda , que aceitando-se por boa , intrinseca , e verdadeiramente he falsa , ou tambem como os rogos , que se fazem n'o perigo da tormenta , o retrato do milagre costuma ser a primeira de todas as promessas ; porém passada a tormenta , e o perigo , já naõ lembra o milagre , nem o seu retrato : o respeito , que a fortuna tem he respeito de interesse , naõ de amor ; e he como obrigaçao violenta , naõ livre ; ou como vontade involuntaria , naõ arbitaria ; que pouco vale hum respeito semelhante , e que pouca estimação merece ! Hum tal respeito dirige-se ao lugar , naõ á pessoa ; á fortuna ,

e naõ ao afortunado : he obsequio injurioso, e cavilloso , pois que com fingido sobscrito caminha indirectamente , he hum ataque falso , que se faz em huma parte , para em outra se fazer o verdadeiro ; o incenso , que naõ he puro , mais escandaliza , do que agrada , porque tendo só de incenso o fumo naõ tem a suavidade , falta-lhe a fragancia , que deleita , e sobra-lhe a exalaçao, que offende.

De nada saõ os homens taõ avaros , que de hum respeito sincero , e verdadeiro, e de nada saõ mais liberaes , que de hum respeito simulado , e dependente , o formulario de hum , e outro respeito he o mesmo , e tambem he a mesma ceremonia , ou ritual apparente , e manifesto de cada hum d'elles ; porém naõ he a mesma a intenção , ou dedicação , de quem se mostra respeitoso , porque a verdade só está n'o interior , e o engano n'o frontespicio , a devoção naõ está n'o joelho , que se dobra , mas n'o coração , que se naõ vê dobrar ; a genuflexão só serve de signal , e todo o signal assenta em materia supposta , que pôde ser , assim como se suppõe ; mas que importa , a fortuna costuma ser taõ pouco melindrosa , que d'a-

d'aquelles signaes se paga , e com elles se contenta por mais , que os reconheça suspeitosos ; conhece a adulaçāo sofistica do respeito , mas nem por isso o despreza , porque he como mercadoria , que se aceita com todas as avarias , ou como fazenda de contrabando , que naõ tem prohibiçāo para usarse d'ella ; a fortuna tem aquella urbanidade , recebe sem exame o que lhe daõ , e basta-lhe , que o respeito tenha a figura d'isso ; ainda que naõ tenha nada , basta-lhe , que a estatua tenha a fórmāa racional , ainda que em si naõ seja mais do que hum marmore pulido , se bem , que ha muitas cousas , em que a substancia esteja n'os accidentes , e a existencia n'a mesma falta de existir.

E naõ quizera hum respeito semelhante , porque amo a verdade em tudo , n'a quillo em que a verdade se dispensa ; nenhum fingimento pôde agradar-me nunca , nem tive arte para fingir ; mostro-me como sou , e que ainda os meus mesmos pensamentos se estaõ deixando ver pela interposta , e mal serrada cortina do meu semblante , por isso tudo quanto digo he o mesmo , que tudo quanto penso ; de sorte , que para mim naõ reservo nada , como se em mim naõ houvesse

vesse parte que naõ fosse parte exterior, visivel, e conhecida, propende para huma estupidez n'o excesso da verdade, e tudo o que naõ he excessivamente verdadeiro, faz-me repugnancia natural, como alguma coufa, que fizesse arrepiar-me, causando-me cocega insopportavel, e assim sou vicioso n'o excesso da verdade, assim como os outros o saõ n'o excesso da mentira; isto naõ he, nem nunca foi virtude, he temperamento porque a verdade opera em mim como por hum acto necessario, por compleição, e naõ por consciencia, por genio, e naõ por elcru-pulo, e com effeito amo a verdade, porque o meu conceito me representa mais bella, do que tudo quanto ha, e mais appetecivel do que tudo quanto se appetece; talvez que haja algum achaque, que faça hum sugeito verdadeiro, assim como pôde haver tambem, para fazello mentiroso, se o he, ficarei crendo, que sou verdadeiro por achaque; alguma enfermidade havia de haver, que sendo util em si mesma, o mal só estaria em sarar d'ella: naõ sei se a verdade pôde vir por desordem da natureza, o que sei sem paradoxo he, que ha temperamen-tos verdadeiros, e outros mentirosos; n'es-

tes a mentira naõ he taõ culpavel , n'aquelles a verdade naõ he taõ louvavel , porque tudo o que se faz por indole nativa he menos estimavel do que aquillo , que se faz unicamente por virtude , e esta parece , que recebe o seu lustre mais pomposo da opposiçao , que encontra , e que vence ; porque d'onde naõ ha proprio vencimento , tambem naõ ha virtude propria , e a victoria sem combate só mostra a fraqueza do vencido , naõ a fortaleza do vencedor .

D'aqui vem , que nenhum respeito dos que a fortuna commummente concilia , acharia em mim grande agasalho , se o caso em mim se achasse , que tudo havia parecer-me hum laço subtil , e lisongeiro , fabricado para prender a minha simplicidade , e captar a minha benevolencia ; e n'esta desconfiança talvez menos bem fundada seria eu como a ave cautelosa , e timida , que sempre está de sentinella contra as incidiarias artes do caçador astuto , e vigilante ; e assim n'aquelle mesmo caso , e supposiçao o pretendente , que me respeitasse menos , seria a quem eu attendesse mais , o cortezaõ rasgado , e consummado da sciencia dos politicos agrados , e versado n'a pratica de respeitos ef-

estudados, menos propicio me acharia, do que o rustico, grosseiro, e imbecil; d'este a imbecillidade verdadeira havia de preoccupar-me mais do que o outro; o ar dobrado profundamente reverente, e cheio de festejo; de sorte, que para mim seria necessario tomar diverso expediente, e seguir methodo diverso.

A minha attençao sempre se volta para a verdade, como se esta fosse hum instrumento, que tivesse força necessaria para voltar-me; porque a verdade me move como se fosse hum artificio natural, feito para mover-me, e quando a busco he com amorosa indagaçao, e se consigo achalla, fico com o mesmo contentamento d'aquelle, que achou o amor perdido; e n'esta forma todos os respeitos, que a fortuna dá naõ saõ capazes de attrahir o meu desejo, porque se a mim se dirigisse, eu os creria fabulosos, assim como os creio verdadeiros, quando a outrem se dirigem; e em qualquer estado, que a fortuna me puzesse, nunca poderia eu persuadir-me, que com razaõ merecia algum respeito verdadeiro; e todo aquelle, que a mim se encaminhasse, eu o julgaria respeito mercenario, e por isso mesmo sem

valor ; antes quero a verdade , que me magoa , do que aquella , que me lisongea , para esta tenho incredulidade , e entendo ser composta de lisonja ; da outra faço mais conceito , porque tudo , o que escandaliza cura.

N'a situaçao particular , em que me acho , se alguem me busca , entendo firmemente , que naõ he por amor de mim , mas por causa de alguma cousa minha ; logo considero , e digo , que me quererá , ou que interesse lhe ensinou a minha porta , e o meu nome ; n'esta consideraçao remetto a visita para a dependencia , que he a quem se fez ; e eu ou naõ estou em casa , ou estou doente : por este modo faço-me invisivel , de sorte , que quem me puzer a vista ha de ter habilidade ; e se alguem tem commigo algum negocio , deve ter o trabalho de se explicar por letra ; porque de cara a cara naõ he facil , salvo se topar commigo de improviso ; e n'esse caso , quem o paga , he quem deixou a porta aberta , ou a vidraça por fechar ; por este modo me livro de compromimentos aborreciveis , de amizades perigosas , de novellistas mentirosos , e de importunos maldizentes. Bem vejo , que seguindo

do este modo de viver, estou n'o mundo
sem saber do mundo nada; porém isso mes-
mo he o que eu quero, e taõ regularmente,
que nem quero saber o que tenho para jantar,
senão depois da meza posta; a minha curio-
sidade só tem por objecto a natureza, o
mundo naõ, esse cuidado toca a quem o
fez, ou o governa, a mim só me compete o
ver o meu termometro para saber se faz
mais, ou menos frio, que n'o dia antece-
dente; costumava eu ter as Gazetas de Lon-
dres, e Amsterdaõ, porém já me desfiz
d'isso, porque achei ser fatuidade o querer
saber noticias d'aquelles, que as naõ querem
saber de mim; e assim já me naõ importaõ
as façanhas de El-Rei de Prussia; essas de-
vem importar ao seu Panegyrista, naõ a
mim, que lhe naõ hei-de escrever a vida. O
saber successos militares, pertencee privati-
vamente á gente d'esse officio, porque a elles
toca a arte de desbastar os homens, como a
mim pôde tocar-me a arte de desbastar as
couves n'o canteiro da minha orta. Agora
pasmão de mim mesmo quando confidero,
que sem necessidade alguma, assentei praça
de Engenheiro-voluntario n'o ultimo sitio de
Gibraltar, de d'onrde tirei as indeleveis certi-
dões,

dões , que ainda conservo authenticadas em fórmā siccatorizante ; durou pouco o sitio , por isso fiquei eu durando , ha humas sciencias , em que a melhor sciencia he naõ saber nada d'ellas , d'este genero saõ as sciencias militares , para quem naõ he militar ; actualmente devo á saudosissima memoria do Senhor Rei D. Joaõ o V. o querer servir-se da minha pouca intelligencia , mandando-me passar Patente de Tenente Coronel do Regimento do Cais , cuja graça naõ teve effeito porque a paz sobreveio felizmente , antes que começasse a guerra ; hoje já naõ posso sustentar n'a maõ a espada , e o mais , que posso fazer , he o sustentar-me a mim , lembra-me o que disse Ovidio :

Turpe miles senex , turpe senilis amor.

E n'esta fórmā naõ ha para mim mais mundo , do que a casa , em que habito , e as minhas quatro paredes saõ para mim as quatro partes do mundo conhecido , vivo como n'o ermo , porque vivo só , os meus livros me acompanhaõ fielmente , só d'elles me naõ aparto ; elles foraõ os meus mestres , e o estaõ sendo ainda , porém para que aprendo eu , se o tempo me está dizendo que te-
nho

nho pouco tempo para aprender , e menos para gozar ! Bem sei que a minha idade naõ he muito adiantada , porém eu quero adiantar o desengano , para que naõ seja a idade o que por força me desengane ; sempre gostei muito da cantiga quando disse , *quero deixar o mundo antes que o mundo me deixe* , quero anticipar-me já , para naõ estranhar depois que costumar-me , porque a liçaõ naõ se estuda n'a mesma hora , em que se dá , quem começa a sentir com antecedencia , sente menos quando chega a occasião do sentimento ; este quando está cansado fica a modo de dormente , e sem actividade para atormentar , ou ao menos atormenta menos , porque naõ só n'a paciencia se faz callo , mas tambem n'a dôr ; o mal , que se padece por vontade naõ afflige tanto , e fica sendo mal , que naõ assusta , porque o mal habituado , passa em natureza , e perde muita parte do seu rigor , e aspereza , d'aqui vem , que o familiarizai com qualquer fatalidade , he segredo certo , para a fazer menos fatal , he como a fera domesticada , em que se encontra já menos fereza : o instrumento usado he mais facil , e mais leve de mover ; aquelle , que ainda he novo naõ trabalha sem resistencia ;

cia ; e assim as incomodidades , que a velhice traz consigo , eu as vou applicando em mim , e d'esta sorte quando vierem , já achado feita a obra , que vem fazer ; encontrando-se consigo mesmas , e o mais que haõ de fazer , he deixar-me n'o estado , em que me acharaõ ; poderão accrescentar alguma cousa mais ; porém tudo naõ , e ainda para o mesmo accrescentamento já me vou armando , e preparando ; estou-me exercitando em peleja fingida , para entrar mais destro n'a peleja verdadeira ; isto vem a ser repercutir o damno pelo mesmo damno premeditado ; enfraquecer o assalto pelo mesmo assalto preventido ; e adormecer o mal , pelo mesmo mal despertado antes .

Sendo aquella a minha filosofia , bem se deixa ver , que a fortuna para mim já naõ he materia de importancia ; só cuido em ir vivendo mansamente , e sem ruido , como quem vai escorregando lentamente , e naõ como quem vai andando atrevidamente ; os meus passos naõ vaõ para diante , o mais , que espero d'elles he , que se sustenhaõ n'o lugar , em que se achaõ ; naõ tenho mais objecto , que a mim mesmo ; e a mim mesmo como sou , e naõ como poderia ser ;
por-

porque naõ sendo nada , ainda poderia ser menos do que sou : em tudo a diminuiçāo he mais facil , do que o augmento , porque tudo diminue naturalmente , e cresce com mais difficultade , e com effeito naõ vejo coufa alguma , em que haja de crescer ; e ainda vejo alguma coufa , em que diminue. Pela bondade de Deos , tenho saude , e tenho hum decente patrimonio , para viver decentemente em cada hum d'estes pontos principaes , pôde succeder notavel decadencia , crescimento naõ , e assim contento-me com a minha situaçāo vulgar , e julgo-me feliz , em conservar-me n'ella , como aquelle , que se crê ditoso quando o assalto da podagra naõ he forte , porque o padecer menos he fortuna respectivamente a quem padece mais , nem podemos negar absolutamente , que rambem ha fortuna n'os grāos de padecer.

Naõ duvido , que se huma fortuna mais brilhante me buscasse , eu a recebesse alegremente , mas naõ sem sobresalto pelo descostume , e talvez , que entendesse ser como visita da saude quando busca o enfermo , que está para espirar ; se bem , que naõ receio , que a fortuna possa achar-me , porque vivo taõ

taõ escondido , que até me esconde de mim mesmo , e se furtuitamente alguem me vê , he n'a figura de quem fóje , e naõ de quem apparece ; semelhante á corça temerosa , que até da sua sombra vai fugindo ; isto vem , de que já me naõ agrada o commercio commun dos homens ; naõ acho n'a sociedade aquelle gosto , que os poucos annos me inspiravaõ ; e ainda , que naõ estou n'o meio da velhice , com tudo já tenho entrado em seus limites , passei a fronteira da mocidade , e de tudo a perdi de vista ; n'este estado a fortuna naõ tem graça , porque já nos acha sem verdura , a folha secca , sempre he triste , e por si mesma se desfaz . A fortuna , que vem cedo , parece , que vem unir-se a nós , e fazer commosco hum mesmo corpo ; a que vem mais tarde , fica sendo cousa estranha , separavel , e distincta ; he adorno superficial , emprestado por pouco tempo .

Muitos animos ha que tem valor , para esperarem muito , a mim qualquer cousa me desmaia , e custa-me mais o esperar pela fortuna , do que , o naõ esperar por ella ; esperem aquelles a quem o merecimento alenta ; porém eu , em que hei de fundar as minhas esperanças , que razaõ tenho eu para ani-

animar-me ; e se tenho alguma , he só por que conheço , que nenhuma tenho ; e por isso qualquer fortuna , que eu tivesse , seria fortuna de piedade , naõ de justiça , seria fortuna de esmola ; para tudo sou inutil , ainda para a mesma inutilidade , sombrio , sem melancolia , e taciturno por natureza ; este he o meu retrato , he parecido , e verdadeiro , porque he feito pelo mesmo original ; e assim , que fortuna ha de ser esta , que em mim pôde assentar bem , salvo se for alguma fortuna sem tino , ou desvariada , porém fortuna bem ajuizada naõ. A fortuna naõ quer quem desconfia , e eu sempre foi desconfiado , mas sempre assim foi por humildade , por orgulho nunca : prezumido nunca foi , porque nunca achei em mim fundamento justo para a minha presumpçao , para o meu abatimento sim , só tenho de bom , se he , que isso he bom , o ser facilmente costumavel , como se fosse materia disposta para o bem , e para o mal ; este naõ me desespera , aquelle acha em mim conformidade , naõ me entropeça a pena grande , nem o grande bem me transporta , os meus sentidos sempre guardaõ o uniforme , e estaõ indifferentes , assim para o desgosto , como pa-

para a felicidade ; considero , que estes dous extremos foraõ feitos igualmente para o homem ; d'aqui resulta , que amo a vida sem amor , e sem odio aborreço a morte ; porque sei , que huma , e outra cousa foraõ feitas para mim , e para todos , huma naõ he mais natural , do que a outra he , ambas se haõ de verificar infallivelmente , a duvida naõ está n'o successo , mas n'a hora , em que ha de succeder.

De que serve pois a fortuna humana de fazer a vida excessivamente amavel ! Oh que infausto amor , e que infausta felicidade ! Pois todo me leva , e arrebata para hum bem , que ha de deixar-me ; e a quem eu tambem hei de deixar ; naõ he melhor ser desgraçado , do que feliz , com aquella condiçao ; de que se serve huma ventura taõ veloz , em que nem hum instante só , tenho certeza de a ter segura ; e em que quando a abraço apertadamente , e com mais fineza , ella entaõ me desampara , deixando illudidos os meus braços , e enganados os meus olhos : Quem ha , que naõ conheça , que he delirio sem desculpa o fazer estimacão de huma sombra errante , e fugitiva , de hum alito , que n'o ar se fórmá,

ma , e n'o ar desapparece , de huma luz sempre tremula , e sempre vacilante , de huma exhalaçāo inconstante , e vaga ? E se vim ao mundo , para ser precisamente louco , seja de huma loucura minha , e naõ de todos ; direi para mostrar-me delirante , que as ondas do mar nunca se movem , que posso esconder n'o seio em hum fogo ardente , e que sei suspender do amor o ardor violento.

Naõ quero pois buscar a fortuna humana , e fiz bem de a naõ haver buscado , quero estar livre para acabar com liberdade ; naõ quero quē as delicias da vida me sirvaõ de augmentar as amarguras da morte ; esta quando chegar ha de achar-me prompto sem ter fortuna de que despedir-me ; naõ hei de olhar para a ventura com os olhos de saudade , porque naõ tenho ventura , de que me aparte , nem felicidade de que o apartar-me me enterneça ; as lagrimas naõ haõ de ser pelo que deixo , antes hei de rir-me do pouco , que tenho para deixar . Naõ hei de ter pena , de que a minha fortuna acabe , basta , que a tenha de acabar eu , hei de imaginar , e ver , que já tem fim a minha vida , mas naõ hei de sentir , que te-
nhaõ

nhaõ fim as fortunas minhas ; estas naõ haõ de estimular a minha dôr , nem agravar o meu sentimento . A morte naõ ha de tirar de mim se naõ a vida , a pompa , o fausto , e a grandeza naõ ha de tirar-me , porque nada d'isso tenho , saõ alfaias usadas para outros , para mim nem novas saõ , e assim naõ hei de ter a magoa , de que a morte as despedace , nem faça com ellas o lugubre appa-
to do seu triunfo ; a parda roupa , que me cobre , a barraca humilde , que me alberga , o campo verde , que me alimenta , o bosque solitario , que me diverte ; estes haõ de ser os unicos despojos , de que a mor-
te ha de privar-me ; despojos pobres , e que só servem para injuria da victoria ; outros , que mereceraõ obsequios da fortuna haõ de ver as exequias d'essa mesma fortuna mere-
cida ; e ainda cercados d'aquelle resplando-
res , de que a fortuna se reveste ; e ainda rodeados do luzido enleio , de que a ven-
tura se acompanha , haõ de ver , que por instantes a luz se apaga , se extingue , se desvanece , e em hum labirinto de concei-
tos diferentes haõ de sentir menos o gol-
pe que ha de acabar a vida , do que aquelle , que ha de ferir descarregado n'a fortuna ;
en-

então corrido o véo do desengano, este ha de mostrar em hum momento, que a fortuna não he mais, do que hum encanto enganador, hum sonho mentiroso, huma apparencia vaidosa. Eu, porém, a quem a morte ha de achar sem aquellas circunstâncias, não tenho nada, que deixar, nem tenho coufa alguma, em que me seja custoso o desapego, antes n'a morte hei de ganhar, o que n'a vida estou perdendo, porque das rasões, que tenho para sentir a morte ha de vir a resgatar-me, por isso hei de largar sem susto a icena, e o theatro.

Por esta forma tenho respondido, ao que v. m. me ensinua da fortuna; já vê o caso que faço d'ella, e a razaõ, que tenho para o não fazer. Fico a obediencia de v. m. que Deos guarde muitos annos.

Amigo e menor criado de v. m.

Mathias Aires Ramos da Silva de Eça.

12-112

C786
A298r

